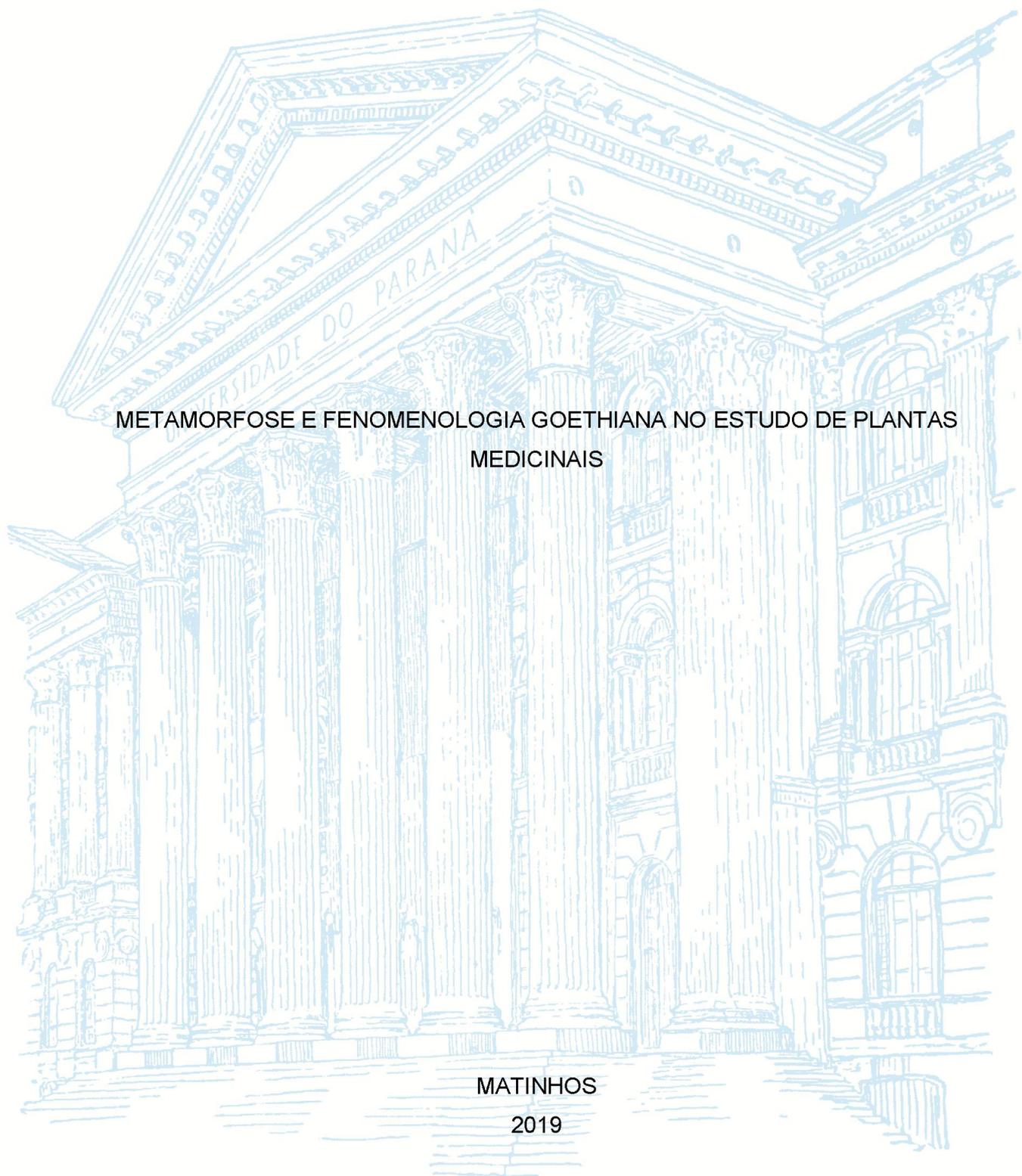


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALAN CARTER KULLACK

METAMORFOSE E FENOMENOLOGIA GOETHIANA NO ESTUDO DE PLANTAS
MEDICINAIS

MATINHOS
2019



ALAN CARTER KULLACK

METAMORFOSE E FENOMENOLOGIA GOETHIANA NO ESTUDO DE PLANTAS
MEDICINAIS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais -PROFCIAMB – Mestrado Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais, Setor de Educação- Polo Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

Coorientador: Prof. Dr. Manoel Flores Lesama

MATINHOS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

K963e Kullack, Alan Carter
Metamorfose e fenomenologia goethiana no estudo de plantas medicinais
/ Alan Carter Kullack ; orientador Ernesto Jacob Keim ; coorientador
Manoel Flores Lesama. – 2019.
105 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2019.

1. Plantas medicinais. 2. Fenomenologia goethiana. 3. Educação ambiental. I.
Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino
das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 615.32



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de ALAN CARTER KULLACK intitulada: **METAMORFOSE E FENOMENOLOGIA GOETHIANA NO ESTUDO DE PLANTAS MEDICINAIS**, que após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 29 de Agosto de 2019.

MANOEL FLORES LESAMA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ADOLFO RAMOS LAMAR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU)

ANA JOSEFINA FERRARI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

JONAS BACH JUNIOR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO)

Dedico esse trabalho a minha linda esposa Elaine, por ser uma mulher extremamente iluminada, compreensiva e amorosa em todos os momentos de nossas vidas. Aos meus pais Léo e Maria Carmem, pela educação recebida, os quais não estão entre nós, pelo menos fisicamente. A minha querida Sogra Sueli(Sônia), por acreditar em meus sonhos, sendo hoje uma estrela que brilha entre os anjos Celestiais. Aos meus filhos Leonardo e Luana, os quais tornam os meus dias mais felizes e dão sentido a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu amor incondicional e por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim, pela sua sabedoria, amorosidade, orientação e acima de tudo, pela sua amizade. Pelas inúmeras reflexões e pelos sábios conselhos durante a minha jornada. Por não me deixar esmorecer, principalmente no desencarne da minha mãe. Por ensinar-me a trilhar o caminho do processo da metamorfose e ajudar-me a olhar para além das estrelas. Por ser uma pessoa extremamente iluminada, ensinando-me que a verdadeiro Conhecimento provém do amor e da dedicação em tudo o que se propõem a fazer.

Ao meu coorientador e coordenador no ano que ingressei, o Prof. Dr. Manuel Flores Lesama, pela sua sabedoria, pelos seus conselhos, pela sua generosidade, pela sua amizade e principalmente por acreditar em mim.

Ao professor Luiz F. C. Lautert (prof. Luizão), pela sua amizade, pelo seu profissionalismo e por mostrar novas perspectivas sobre o meio ambiente. As memoráveis aulas de campo com a prof. Helena Kashiwagi em conjunto com o prof. Luizão.

Aos professores que fazem parte da Pós-Graduação em Ciências Ambientais-PROFCIAMB, do Setor de Educação - Polo Litoral, da Universidade Federal do Paraná, pelo apoio, pela dedicação e pelo grande profissionalismo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Agência Nacional de Águas (ANA). O presente trabalho foi realizado com apoio destas instituições. Grato ao apoio recebido.

Aos meus amigos do curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais-PROFCIAMB da turma 2017, do Setor de Educação - Polo Litoral, da Universidade Federal do Paraná, por fazerem parte da minha história em um momento marcante da minha vida.

Aos meus amigos Reard Michel dos Santos, Juliano Moraes, Eliandra Jaskiw, Margot Moraz, Renata Gerhardt Pereira, Indiamara Hummler Oda e Gislaíne de Melo Seibert, pelo forte laço de amizade e por estarem juntos nessa caminhada.

A diretora Kelly Pereira de Almeida Negrão do Colégio Estadual Ipê, por ter colaborado em todos os momentos para que esse trabalho pudesse ser realizado da melhor maneira possível, tanto dentro como fora da instituição de ensino.

Aos meus alunos e colegas de trabalho do Colégio Estadual Ipê, os quais contribuíram e acreditaram na realização deste trabalho.

“Uma das formas pelas quais o homem pode adquirir a possibilidade da segurança interior na evolução da vida, enquadrando-se real e essencialmente na ordem da existência, é o Conhecimento, que deve tornar-se autoconhecimento humano.”

(Rudolf Steiner, 1908)

RESUMO

Esse processo investigativo está vinculado ao trabalho final como requisito parcial para a obtenção do título de mestre junto ao Mestrado Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), localizado no Polo UFPR Litoral. Ele tem como foco debater o conhecimento, e as decorrentes implicações, no contexto das metamorfoses que ocorrem em plantas medicinais em contexto educativo. O foco inicial da pesquisa foi o cultivo de plantas medicinais em ambiente escolar, para a preparação de medicamentos *in natura*, caracterizado como processo investigativo de natureza Empírico Analítico. Como decorrência, no grupo de estudantes envolvidos, surgiu a motivação para compreender a origem dos princípios ativos medicamentosos, e desse debate se evidenciou a necessidade de compreender como ocorrem as mudanças no desenvolvimento das plantas, o que culminou na expressão metamorfose. Como decorrência o grupo percebeu que estavam mergulhando em processo investigativo com alto grau de subjetividade. Esse desafio conduziu a investigação para a segunda etapa, amparada na Fenomenologia Goethiana. Essa abordagem teve como foco a percepção e a compreensão da investigação como agente que promove mudanças nos investigadores, caracterizadas também como metamorfoses, isto é mudanças que não retornam à condição inicial e busca a compreensão dos processos investigados numa perspectiva que transcende a materialidade. A abordagem de ciência na perspectiva da Fenomenologia Goethiana, caracteriza-se como processo e postura investigativa e não como metodologia de pesquisa. O produto final da pesquisa se caracteriza como o roteiro de um texto a ser publicado como brochura, tratando de forma romanceada, como se dá no interior das plantas e das comunidades humanas a formação e consciência do princípio medicamentoso, durante o desenvolvimento da planta medicinal e de um conflito social, com ênfase nas metamorfoses, como compreensão do que caracteriza a emancipação da vida, no contexto da educação e das ciências ambientais.

Palavras-chave: Metamorfoses; Educação; Plantas medicinais; Fenomenologia Goethiana.

ABSTRACT

This investigative process is linked to the final work as a partial requirement to obtain a master's degree from the Professional Master's Degree in Networking for Teaching Environmental Sciences (PROFCIAMB), located at the Polo UFPR Litoral. It focuses on knowledge, and its implications, in the context of metamorphoses that occur in medicinal plants in an educational context. The initial focus of the research was the cultivation of medicinal plants in a school environment, for the preparation of in nature drugs, characterized as an investigative process of an Analytical Empirical nature. As a consequence, in the group of students involved, the motivation to understand the origin of the medicinal active principles arose, and from this debate the need to understand how the changes in the development of the plants occurred, which culminated in the expression metamorphosis. As a result, the group realized that they were immersing themselves in an investigative process with a high degree of subjectivity. This challenge led to research for the second stage, supported by the Goethian Phenomenology. This approach focused on the perception and understanding of research as an agent that promotes changes in the researchers, characterized as metamorphoses, ie changes that do not return to the initial condition and seeks to understand the processes investigated in a perspective that transcends materiality. The approach of science in the perspective of the Goethian Phenomenology is characterized as investigative process and not as research methodology. The final product of the research is characterized as a text to be published as a booklet, dealing in a novel form, the formation of the medicinal principle, during the development of the medicinal plant, with emphasis on the metamorphoses, as an understanding of what characterizes the emancipation of life, in the context of education and environmental sciences.

Keywords: Metamorphoses; Education; Medicinal plants; Phenomenology Goethiana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Preparo da Horta.....	71
Figura 2 - Manutenção da Horta.....	71
Figura 3 - Nome popular e científico do Boldo.....	71
Figura 4 - Prática Ambiental na Horta	72
Figura 5 - Lavagem das Plantas Medicinais no Laboratório.....	73
Figura 6 - Purificação do Extrato de Boldo no Laboratório	73
Figura 7 - Aquecimento do Ponto de Fusão do Extrato de Boldo.....	73
Figura 8 - Embalagens dos Extratos das Plantas Medicinais.....	73

LISTA DE QUADROS

QUADRO1	-	PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS.....	70
---------	---	------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ANA	-	Agência Nacional de Águas
BR MT	-	Rodovia Federal do Mato Grosso
CIA	-	Agência Central de Inteligência
IBOPE	-	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MEC	-	Ministério da Educação
MT	-	Mato Grosso
PROFCIAMB	-	Programa de Pós-graduação em rede nacional para Ensino das Ciências Ambientais
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura
UFMT	-	Universidade Federal do Mato Grosso

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	18
1.1	PROBLEMA DA PESQUISA	20
1.2	OBJETIVO GERAL.....	20
1.2.1	Objetivos Específicos	21
1.3	ABORDAGENS EM CIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA ..	21
1.4	O QUE JÁ FOI PESQUISADO SOBRE O TEMA EM ESTUDO.....	27
1.5	ORGANIZAÇÃO DO PRESENTE TEXTO.....	27
2	A VIDA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS	29
2.1	A FILOSOFIA E OS PRIMÓRDIOS DA CIÊNCIA, NA COMPREENSÃO DO QUE É A VIDA.....	32
2.2	EDUCAÇÃO E VIDA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS.....	36
2.3	CIÊNCIAS AMBIENTAIS E A FENOMENOLOGIA GOETHIANA.....	40
2.4	FENOMENOLOGIA GOETHIANA E VIDA MEDIADA POR METAMORFOSES	43
2.5	A METAMORFOSE DAS PLANTAS MEDICINAIS NO CONTEXTO DA FENOMENOLOGIA GOETHIANA.....	51
2.6	A DINÂMICA DAS METAMORFOSES E OS PRINCÍPIOS FARMACOLÓGICOS	57
3	AS PLANTAS MEDICINAIS COMO FOCO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR ...	63
3.1	O CONHECIMENTO ANCESTRAL E AS PLANTAS MEDICINAIS.....	64
3.2	A PESQUISA NO AMBIENTE ESCOLAR.	68
3.2.1	Análise do material Coletado e Produção de Extratos.....	72
3.3 A	FARMACOLOGIA E AS PLANTAS MEDICINAIS NO CONTEXTO FAMILIAR URBANO CONTEMPORÂNEO.	74
3.3.1	As Famílias e as Plantas Medicinais	75
3.4	AS METAMORFOSES E AS PLANTAS MEDICINAIS	76
4	O PRODUTO DESSA INVESTIGAÇÃO.....	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	80
	REFERÊNCIAS	82
	ANEXO 1 - CARTA DE BELGRADO.....	86
	ANEXO 2 - RESUMO DO LIVRO FLOR DE SAFIRA.....	91

APRESENTAÇÃO

A lembrança do passado possui força modeladora que autentica minhas ações acadêmicas, profissionais e pessoais, as quais modelaram meu caráter de pesquisador e instigador no mundo científico, como pessoa responsável, trabalhadora e feliz pela linda família que consegui construir ao longo desta vida. Todos estes fatores pessoais giram sob uma esfera de cunho social, a qual fica comprometida com o respeito ao próximo e com todas as ações benevolentes que possibilitem e agreguem outras ações e procedimentos necessários para uma perspectiva de mundo cada vez melhor para todos.

Para dissecar e narrar uma jornada de vida, na qual sou o escritor, redator e protagonista da história que se escreve e vivencio em cada etapa da vida que se constitui como capítulos vividos. Essa tarefa se constitui como exercício de reflexão das lembranças de fatos e episódios vivenciados, os quais trazem à tona a realidade dos anseios que constituíram minha infância e adolescência e as que estou ainda vivendo. Essas emoções e sentimentos ficam atrelados às alegrias das pequenas e grandes conquistas, e da esperança das realizações dos sonhos quase impossíveis, que foram almejados, alcançados e interpretados no meu mundo de descobertas fantásticas sobre a vida e como ela deveria ser vivida.

A priori, minha história de vida é constituída de esforços e superações, as quais foram fundamentais para consolidar minha personalidade, de homem determinado, trabalhador e persistente.

Com essa premissa histórica que aponta lembranças, tenho a convicção que o tema em estudo remete à minha vida, pois desde a adolescência até os dias atuais, tenho um deslumbramento e uma determinação pessoal e científica em compreender e aplicar os conhecimentos da funcionalidade terapêutica e cultural das ervas medicinais. Essa vontade de se apropriar dos conhecimentos de plantas medicinais, ocorreu durante a minha adolescência quando fui morar com a minha avó materna. Ela passou boa parte de sua vida como criança e jovem em uma aldeia dos índios Xogleng/Laklaño, próximo de Videira, uma da cidade, localizada no noroeste catarinense. Com eles, aprendeu muitas receitas e preparados com ervas medicinais.

Esse conhecimento indígena foi aplicado ao longo de sua vida, e quando minha avó passou a morar no Paraná, as suas receitas medicinais indígenas ficaram bem conhecidas, pois os resultados obtidos com as pessoas que utilizaram os seus preparados medicinais, eram satisfatórios, até porque no final da década de 30, a possibilidade de consultas médicas gratuitas eram feitas praticamente nos hospitais populares das Santas Casas. Com isso, o tratamento com as ervas medicinais que a minha avó Elvira ofertava era totalmente gratuito.

Mesmo não tendo formação escolar alguma, minha avó ensinava todos os procedimentos e manipulações com as ervas medicinais, que outrora tinha aprendido com os indígenas. Através de um caderninho velho com as folhas amareladas pelo tempo, ela consultava e escrevia as suas receitas medicinais, e o mais impressionante que para cada patologia do sistema biológico do corpo humano, ela tinha um remédio a base de ervas, que era condizente e eficaz para a doença apresentada.

O que mais me chamava atenção, eram os profissionais da saúde, principalmente enfermeiros e médicos que procuravam a minha avó para utilizar os seus remédios caseiros. Observando todas essas histórias da minha avó e do seu conhecimento com as plantas medicinais, recuperei um sentimento altruísta que crescia em meu âmago, referente às possibilidades que o conhecimento terapêutico das plantas medicinais poderiam proporcionar. Este fato, despertou em mim, duas paixões, a primeira pelo exercício da medicina e o segundo pelo poder investigativo sobre a cura medicinal através das plantas.

Porém, a origem financeira modesta, contribuiu para que eu abandonasse o sonho de cursar Medicina. Algum tempo depois, comecei a cursar a graduação de Física e Matemática na UFPR. E como não podemos prever os fatos que podem mudar as perspectivas de visão de uma vida, eu simplesmente fui aprisionado pelos fatos e problemáticas que deslumbravam as questões Ambientais, e tudo isso ocorreu em uma aula de Raciocínio lógico, a qual mostrou para mim, um determinado encantamento por todos os conceitos ambientais e ecológicos do nosso planeta.

É engraçado, como as coisas acontecem, pois em um determinado momento, possuímos determinados pensamentos egoístas e no final das contas, percebemos que o meio que vivemos, a interação social com o mesmo e principalmente a possibilidade de compreender toda essa fascinante odisseia da

mãe natureza, traz um peso de responsabilidade e felicidade ao mesmo tempo, principalmente sobre as atitudes que temos e recebemos do meio em que vivemos. As atitudes da coletividade racional de uma sociedade, são o carro chefe da qualidade de vida que podemos ter com o meio ambiente e tudo aquilo que ele pode nos proporcionar.

Ao terminar o curso de Matemática e Física, iniciei uma especialização na área de Educação Ambiental e Ecologia e também outra em Análise Química Ambiental, no Instituto de Ensino Superior Nossa Senhora do Sion. Desde então, aprimorei a visão crítica sobre as políticas ambientais vigentes e as suas demandas intervencionistas, as quais, muitas vezes, são desconsideradas pelo poder dos grandes latifundiários com seus interesses escusos, a favor de grandes empreendimentos que possuem o poder socioeconômico em suas mãos, além de ajuda de políticos alinhados com essa linha de ação.

Por outro lado, determinei uma política pessoal, referente às questões ambientais. Decidi utilizar os meus conhecimentos matemáticos e físicos para propagar e ensinar ações de educação ambiental junto a meus alunos, tendo em vista que a mudança necessária de assuntos ambientais começa pela base, isto é, pela educação e consciência de crianças e adolescentes. Lembrei-me dos primeiros conceitos de educação ambiental que obtive na escola primária (Educação Moral e Cívica) e dos primeiros modelos e formatos de um sistema ecológico que foi ensinado no antigo segundo grau (ensino médio) na disciplina de Geografia, sendo que estes dois foram trabalhados na rede pública de ensino.

Exerci o magistério em várias instituições de ensino, sempre com enfoque em questões ambientais e sociais. Nos dias 21 e 22 de novembro de 2008, participei do VII Congresso IBOPE UNESCO em Caxias do Sul-RS, o qual fui demonstrar e divulgar o trabalho acadêmico sobre o meio ambiente, o qual estava registrado pela temática de “ENERGIA: CONSCIÊNCIA UNIVERSAL” - Origem, Desenvolvimento e Consumo”. Esse trabalho de educação ambiental foi desenvolvido com estudantes do EJA do Colégio Estadual Tiradentes, localizado em Curitiba. Tal trabalho deu suporte para outras pesquisas que tinham características voltadas à preocupação e desenvolvimento para técnicas voltadas à sustentabilidade.

No ano de 2014, ingressei como professor do curso Técnico em Meio Ambiente do Colégio Estadual Professor Elysio Vianna, no qual ministrei aulas até 2017; voltadas para uma metodologia participativa e investigativa sobre as questões

pertinentes ao Meio Ambiente. Neste mesmo ano de 2014, fui coordenador e orientador do I Seminário de Recursos Naturais, do Colégio Estadual Professor Elycio Vianna, com a participação do Presidente das Águas do Paraná, do Diretor do IAP (Instituto Ambiental do Paraná) e do Presidente do Instituto de Floresta do Paraná.

Em 2017, fui aprovado no processo seletivo para realizar a formação em nível de mestrado profissional no programa de Mestrado Profissional em ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) junto à UFPR.

Ao iniciar essa etapa formativa tinha uma expectativa engessadas sobre o que caracterizava a educação, e essa convivência acadêmica apontou com uma agradável surpresa, pois o processo de desconstrução e metamorfose em mim, foi algo surreal. A grandeza dos acontecimentos eram percebidos pela delicadeza dos fatos que se apresentavam diante de mim, além da sensibilidade que cada um dos professores demonstravam em suas aulas.

Comecei ver a educação ambiental com uma nova perspectiva. Com isso, o meu despertar pela pesquisa ficou mais aguçado, e com um espírito investigador elaborei e apliquei esse trabalho com os meus alunos do Colégio Estadual Ipê, o qual é localizado no município de São José dos Pinhais-PR. Fiquei muito satisfeito quando comecei a verificar os resultados obtidos, pois a transformação provocada nos discentes foi extremamente impactante.

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O uso de plantas medicinais em processo terapêutico se caracteriza como uma prática antiga, que é propagada tanto de forma escrita, como oral, por sucessivas gerações. Esse conhecimento é transmitido em diferentes contextos da vida diária, e a sua comunicação por meio da oralidade é uma característica, que diferencia esse saber do conhecimento científico. Esse conhecimento informal, o qual podemos chamar de conhecimento popular, se organiza com base no conhecimento originário e tradicional, o qual carrega elementos que são reflexos da sociedade e da cultura na qual foi gerado. (RIBEIRO, 1996).

O Brasil possui vários fatores determinantes que contribuem para a grande diversidade botânica, devido ao seu clima e diversidade de solos. Essas características determinam uma variada constituição de ecossistemas. Devido a isso, é considerado um dos principais produtores de fitoterápicos, com base no uso tradicional de plantas medicinais (Dias, 1995).

A exemplo desses contextos culturais e ambientais, os povos Indígenas, os Quilombolas e pequenas comunidades rurais afastadas dos grandes centros urbanos, ainda mantêm essa prática, como um legado dos seus antepassados, pois dentre seus costumes o uso das plantas medicinais sempre se destacou como alternativa para as curas e tratamentos de suas enfermidades em relação aos cuidados primários. Os membros destas comunidade detém, nesse sentido, o conhecimento das ervas que utilizam, sabendo inclusive as enfermidades para a qual a planta é utilizada. (SALES et al.,2009).

As plantas medicinais têm um papel muito importante na questão socioeconômica, tanto para as populações que vivem no meio rural, como as que vivem no meio urbano. A utilização de espécies medicinais, na maioria das vezes são nativas da sua região ou cultivadas em quintais, reduzindo os gastos com medicamentos sintéticos. Por outro lado, temos um conhecimento cultural e científico agregado ao cultivo, ao manuseio e ao consumo das mesmas, pois cada espécie possui a sua particularidade histórica e terapêutica.

Diante desses fatores relevantes, o Ministério da Educação (MEC), incentiva e orienta as escolas a trabalharem temas transversais como o conhecimento tradicional, no qual se insere as plantas medicinais (Brasil, 2009)

Desde o início da vigência da Lei nº 10.639, em 2003, a temática afro-brasileira e indígena se tornou obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio, conforme o Ministério do Ensino - MEC (2007). Diante deste fato, a cada ano, nas escolas brasileiras ocorre o estudo e o desenvolvimento de trabalhos sobre os movimentos, sobre a cultura e os costumes dos povos africanos e indígenas. Esta premissa fica atrelada aos planejamentos de cada instituição de ensino, ficando o docente e os discentes responsáveis de propagar esses estudos sobre a cultura africana e indígena para o corpo escolar e para a comunidade local.

Com isso, houve um despertar de alunos e professores da instituição de ensino Colégio Estadual Ipê, localizada na região metropolitana de Curitiba-PR; no município de São José dos Pinhais. Para realçar a importância dessas culturas e de seus antepassados, os docentes e discentes se propuseram a realizar um trabalho cultural sobre esses povos, tendo como “Pano de Fundo” o estudo das plantas medicinais mais utilizadas por eles.

Com um processo de ensino interdisciplinar, o trabalho foi delineado através de pesquisas bibliográficas, e de ações que consistiram em práticas de Educação Ambiental e da aplicabilidade de um processo de tecnologia utilizado na composição de compostos destas plantas em concentrados naturais.

A pesquisa sobre as plantas medicinais mais utilizadas pela comunidade foi o primeiro passo. Em seguida, veio a composição de uma horta com plantas medicinais seguido da pesquisa e elaboração de fármacos naturais desenvolvidos pelos alunos no laboratório da própria instituição mencionada, caracterizando assim, um projeto de educação interdisciplinar.

Esse processo de ensino-aprendizagem foi constituído através das interações que o sujeito observa o meio pelo qual ele está inserido. Seguindo essa linha de pensamento, podemos citar Paulo Freire, o qual traz para a luz do conhecimento que “O conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”. (FREIRE, 1969, p. 27).

Desta forma, esse trabalho é considerado um processo de ensino e de socialização que busca propagar um novo olhar de como construir o conhecimento com sensibilidade, humanização, autonomia e uma boa dose de altruísmo; diferenciando assim, de toda e qualquer metodologia engessada nos moldes de uma educação conteudista e tecnicista.

Como decorrência dos debates sobre os resultados alcançados e registro do processo desenvolvido com a participação direta de estudantes de ensino médio, o processo investigativo caminhou na direção de compreender aspectos referentes à natureza subjetiva das plantas, dentre elas para a compreensão de como se desenvolve a formação do potencial farmacológico no desenvolvimento vital do vegetal. Esse desenvolvimento no decorrer deste texto será tratado como processo de metamorfose.

Essa constatação de o processo e potencial farmacológico das plantas, é decorrente do desenvolvimento dos vegetas, conduziu a pesquisa para a literatura amparada na Fenomenologia Goethiana com sustentação na obra a Metamorfose das Plantas. A leitura e debate desse texto potencializou a percepção da vida como processo que transcende a materialidade, conduzindo a pesquisa para referenciais de subjetividade que podem gerar conhecimentos e posturas diferenciadas com relação à vida, como processo de sucessivas metamorfoses, às quais os pesquisadores estão vinculadas.

Ao adotar a Fenomenologia Goethiana a pesquisa parte da premissa de que essa pesquisa possui um cunho educativo e científico, que se distancia da abordagem Empírico-Analítica adotada na atividade de cultivo e preparo dos extratos.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

Dessa forma se evidencia o problema de pesquisa com o seguinte enunciado:

- Como a teoria a respeito das metamorfoses em vegetais, referenciadas nos textos científicos de Johann Wolfgang von Goethe e na abordagem investigativa amparada na Fenomenologia Goethiana, possibilita a compreensão de como se dá a interação entre seres vivos, por meio de elementos que promovem vida e saúde, no contexto da educação e das ciências ambientais?

1.2 OBJETIVO GERAL

O enunciado do problema de pesquisa conduz ao Propósito Geral (objetivo geral) da investigação que se apresenta com a seguinte redação:

- Debater como o estudo das metamorfoses em vegetais pode viabilizar a compreensão de interações entre viventes, como processo inerente à caracterização da vida e da saúde, como fundamentação para o ensino das Ciências Ambientais.

1.2.1 Objetivos Específicos

Deste propósito geral enuncio os propósitos decorrentes (Objetivos específicos):

- Compreender a subjetividade das metamorfoses com base na observação do desenvolvimento de vegetais, para fundamentar argumentos que sustentem vida e saúde.

- Entender que as metamorfoses se constituem em importante referencial para o ensino das ciências ambientais.

- Compreender a subjetividade e a objetividade das metamorfoses dos vegetais, como processo análogo em todos os viventes, como argumento de compreensão da complexidade e das similaridades próprias da vida e da saúde.

- Evidenciar a possibilidade de propostas pedagógico-didáticas amparadas nas ciências ambientais, desencadear metamorfoses cognitivas, nas pessoas com elas envolvidas.

1.3 ABORDAGENS EM CIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa para atender às exigências normativas do programa de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) para a obtenção do grau de Mestre, teve como foco inicial o estudo das plantas medicinais com o foco de resgatar conhecimentos ancestrais sobre saúde e interação ambiental. Para tal, o projeto de pesquisa da dissertação de mestrado se desenvolveu junto aos estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Ipê, localizado no município paranaense de São José dos Pinhais, na forma de um projeto educativo que se caracterizava como atividade de interação entre docente/discente.

Inicialmente os estudantes investigaram junto a seus familiares para obterem relatos e histórias referentes ao uso de plantas medicinais no passado próximo. Paralelamente no terreno da escola foi desenvolvido com os estudantes a

preparação do terreno e o plantio de algumas das plantas medicinais que foram destacadas nas entrevistas junto aos familiares.

O passo seguinte do processo ocorreu no laboratório da escola quando os estudantes prepararam extratos de algumas plantas. Esses extratos foram utilizados pelos estudantes e seus familiares e depois foram utilizados como brindes ofertados ao público de um evento de ensino de ciências que ocorreu no SESI de São José dos Pinhais, PR.

Depois desse processo de pesquisa inicial foram realizadas reuniões semanais para a redação do relatório desse processo investigativo para ser divulgado, mas a cada encontro, cresciam as perguntas e as dúvidas, e com essa motivação o trabalho investigativo foi direcionado na direção dessas dúvidas para seu trabalho individual de pesquisa para a dissertação de mestrado.

Desse debate ficou claro que a dinâmica desenvolvida com os estudantes se caracterizou como processo investigativo amparado em abordagem Empírico-Analítica, considerando que o processo foi iniciado com a enunciação de problema que tratava de como os conhecimentos ancestrais poderiam contribuir, para o desenvolvimento de processo educativo, envolvendo as ciências ambientais.

Desse enunciado a pesquisa partiu para pesquisa de campo com as entrevistas com os familiares e a seleção de quais deveriam ser as plantas medicinais que deveriam ser cultivadas numa horta escolar. Seguiu-se com a preparação dos extratos e apresentação dos resultados.

Até esse ponto as atividades se desenvolveram com certa regularidade e praticidade, mas diante da questão referente sobre qual a perspectiva teórica que deveria acompanhar esse trabalho, para que se caracterizasse como uma pesquisa de Mestrado em Ciências Ambientais, o processo assumiu nova perspectiva como destacado acima, deixando de seguir uma metodologia científica como é previsto pela abordagem empírico-analítica, para incorporar a abordagem de fazer ciência caracterizada como postura investigativa e não mais como uma metodologia, como é proposto pela abordagem desenvolvida a partir da Fenomenologia Goethiana. (KEIM, 2018)

O debate com os estudantes abriu um leque bastante variado de possibilidades, como a de desenvolver uma matriz teórica vinculada à educação e ao ensino, ou uma matriz vinculada a algum aspecto relacionado com questões

farmacológicas, ou ainda para uma investigação referente à dimensão de etnociência.

Os debates se alongaram até que o interesse recaiu sobre o desenvolvimento dos vegetais e as transformações que sofre desde o brotamento da semente até a colheita das partes para a extração do princípio farmacológico esperado.

Essa abordagem levantou perguntas como, e em que momento do desenvolvimento do vegetal se desenvolve a formação dos princípios ativos farmacológicos. Essa questão remeteu à informação de que o desenvolvimento de cada parte do vegetal corresponderia a uma metamorfose, e o problema passou então a investigar de que forma, as metamorfoses ocorrem nos vegetais. Nesse debate o grupo percebeu que todos já estavam diferentes, portanto, reconheciam que foram sujeitos a um processo de metamorfose.

Para tal a abordagem de pesquisa passou a ser a fenomenologia Goethiana, e a busca teórica se concentrou na obra a “Metamorfose das Plantas” escrita no início do século XIX por Johann Wolfgang von Goethe.

A partir desse momento a pesquisa se desenvolveu sem o envolvimento dos estudantes que participaram da primeira etapa da pesquisa, uma vez que ela exigiria muito tempo para a formação dos estudantes, num campo que era totalmente novo para mim como pesquisador em ciências humanas/filosofia e educação, e cujo tempo era muito reduzido.

Ernesto Jacob Keim (2011) aponta a ciência como processo político pelo fato dela se desenvolver com base em forças e poderes que as pessoas envolvidas sofrem e exercem ações e procedimentos. Essa posição se apoia na concepção de política referendada na Pedagogia Freiriana de que política se caracteriza como a consciência das forças e poderes que as pessoas sofrem e exercem, e com essa consciência debates essas forças e poderes e refletem na responsabilidade que assumem ao desencadear ações referendadas nessas forças e nesses poderes.

Assim, segundo (KEIM, 2017) “todas as forças e poderes que regem as ações humanas se dão com base na consciência, no debate e na responsabilidade que assumem frente às forças e poderes que sofrem e exercem” e essa concepção Freiriana de política, depende de qual concepção de consciência que a pessoa assume ao se defrontar com forças e poderes de tal forma que segundo Ernesto Jacob Keim (2019) as pessoas agem conforme sete possibilidades de consciência

ou seja aquelas que se mostram alinhadas com os poderes dominantes, ou seja: Consciência Asséptica, Romântica, Alienada, Ingênua e a Mítica; e as consciências alinhadas como posturas de resistência ou seja: consciência crítica e fenomenológica.

Essa concepção de ciência atrelada a forças e poderes, mostra como a posição política de cada pessoa pode variar conforme a postura de consciência que possui frente à circunstância debatida. (KEIM, 2011). Em outras palavras, toda ação humana é uma ação política.

Na perspectiva de compreender o alcance do que vem a ser consciência, na perspectiva de postura investigativa ao fazer ciência, Keim (2019) aponta que ciência é algo restrito e diretamente relacionado com a natureza humana, portanto, fazer ciência implica num estado de consciência que varia entre os sete aspectos de consciência: (asséptica, romântica, alienada, ingênua, mítica, crítica e fenomenológica), as quais podem contribuir para esclarecer os rumos dados na realização da pesquisa científica com o esquema nomeado no contexto Sócio Epistémico da Educação e da Ciência, disponível no site www.profjacob.com na apresentação de slide 3.2 (2018).

Esse esquema aponta quatro aspectos se relacionam entre si, caracterizando quatro abordagens científicas as quais são dimensionadas da seguinte forma: Positivismo, como decorrência da interação entre objetividade e modelização, manifestando-se por meio de processos de construção; Estruturalismo e Fenomenologia, como decorrência da interação entre subjetividade e modelização manifestando-se por meio de interpretação e julgamentos; Concepção Materialista e Histórica, como decorrência da interação entre objetividade e mudança manifestando-se por meio da simbolização; e Teoria Crítica e Fenomenologia Goethiana, como decorrência da interação entre subjetividade e mudança manifestando-se por meio de representação e expressão.

Esses conceitos trabalham simultaneamente e de maneira constante, sendo os estudantes e os docentes os sujeitos que estão submetidos ao processo transitório como um todo. Para que haja uma harmonia na aplicabilidade funcional deste processo, devemos ter ciência de que estamos imersos em todos esses aspectos, para então podermos lidar com a complexidade da vida e da atividade criativa inerente à pesquisa e à educação.

Apesar da diversidade de abordagens e citações referentes ao que caracteriza a ciência, como agente que interage e interfere diretamente com a vida planetária, não se tem uma abordagem única, que caracterize ciência quando a consideramos como um conjunto carregado de conceitos e cercado de inúmeras ramificações reais, empíricas e até com projeções futurísticas. Essa indefinição nos obriga a um estado de alerta quanto ao que é manifesto em nome da ciência, pois ela carrega o poder agregado ao emaranhado de ações, pensamentos, descobertas, vivências e projeções que o ser humano faz de suas necessidades, vontades e percepções sobre o seu meio.

Para Ernesto Jacob Keim (2016), a ciência como processo que permeia investigações, amparadas na fenomenologia de Goethe, mostra-se como agente de liberdade e de libertação, e por isso rompe com as abordagens restritivas de vinculação das pesquisas a uma única abordagem metodológica, até por que, esse autor considera a ciência como postura, que não se restringe a metodologias, mas se caracteriza como desenvolvimento de abordagem suficiente e confiavelmente defensáveis.

Essa posição segundo Ernesto Jacob Keim (2017) é importante para que a pesquisa possa incorporar posições cognitivas e operativas próprias das teorias do Caos, do Acaso, da Complexidade, da Relatividade e da Quântica, para incorporar a Instabilidade, a Mutabilidade, a Impermanência, a Provisoriedade, o Contraditório, o Inesperado e o Improvável, como referenciais que possam lidar com a realidade em que a vida se organiza na contemporaneidade.

Essa posição defendida por esse autor, e também por Jonas Bach Jr. (2015), traz para a luz do conhecimento, uma percepção da qual o mundo deixa de ser percebido e identificado como uma máquina fria e desvinculada de qualquer sentimento, pois se deve considerar que a quebra desse mundo aprisionado em leis e normas que impedem o livre trânsito do trem da liberdade nos trilhos acadêmicos. Apesar dessa posição já articulada nos meios acadêmicos, existem instituições científicas que mantêm uma postura conservadora, tecnicista e linear.

Nessa abordagem a fenomenologia Goethiana, aponta para a superação, da hegemonia de relações duais, para fazer valer relações triúnas (KEIM, 2017), como as destacadas a seguir:

- Subjetividade e Objetividade mediados por Transitividade.
- Distensão e Contração mediados pelo Pulsar.

- Eternidade e Infinito permeadas pela Historicidade de saberes e posturas amparadas em limites temporários e espaciais.
- Imprevisibilidade e Previsibilidade mediadas por Determinismo.
- Interpenetração e Isolamento mediados por Eco reorganização. (KEIM, 2011)
- Irreversibilidade e Evolução mediados por Imprevisibilidade.
- Desordem e Ordem frente ao Inesperado.

Essa proposta de mudança de posições duais, para posições triúnas, pode de certa forma, apontar a ciência como algo flexível e organizativo que atende às peculiaridades e necessidades próprias de processo que se faz na medida em que incorpora seu fazer e ser, por isso essa posição de ciência que rompe a linearidade se mantém coerente com a busca de argumentos, os quais, segundo Theodor Adorno (1995) incorporam a complexidade que caracteriza a dimensão humana ao se tratar da Emancipação da Vida.

O processo investigativo apresentado nesse texto, foi organizada com estudantes e professores de uma escola pública estadual, localizada no município de São José dos Pinhais. Essa atividade contou com a realização de uma horta de plantas medicinais e a produção de medicamentos *in natura*, e nos debates referentes à análise dos resultados, foi levantada a pergunta de como as plantas desenvolvem seus princípios farmacológicos.

Esse questionamento que se referiu à natureza da dinâmica vital dos vegetais e propiciou aproximação da pesquisa com a fenomenologia Goethiana, e em especial com uma obra intitulada A Metamorfose das Plantas. A leitura e análise criteriosa dessa obra, possibilitou um mergulho ao que caracteriza essa abordagem científica, ou seja a abordagem e postura científica de investigação, com base na Fenomenologia de Goethe, a qual se caracteriza como processo referenciado em quatro aspectos básicos, ou seja a Plenitude Relativa, a Intensificação, a Sensibilização e o Ritmo do tema investigado, e da relação dos investigadores com o processo. Como decorrência dessa dinâmica, essa abordagem aponta como aspectos fundamentais, a metamorfose que ocorre nos investigadores e as metamorfoses observados nos temas e meios materiais vinculados com a investigação.

Como resultado desse processo investigativo temos um relato de como podemos compreender as metamorfoses, como agentes de emancipação da vida,

como decorrência das investigações em ciências ambientais. Esse propósito tem na abordagem metodológica adotada, a possibilidade de um aprofundamento de como ocorrem metamorfoses em todos os viventes, e em especial como os processos investigativos promovem metamorfoses nas formas como os investigadores se modificam, ao desenvolverem suas pesquisas.

1.4 O QUE JÁ FOI PESQUISADO SOBRE O TEMA EM ESTUDO

A consulta realizada nos bancos de tese e dissertações, com base na palavras de busca: Metamorfose das plantas; Ciências Ambientais; Plantas Medicinais; Fenomenologia Goethiana, resultou em apenas 1 dissertação de mestrado cujas referências contribuíram para a construção teórica da presente pesquisa, como indicada a seguir:

SILVA 2017, para além da reminiscência do passado: ciência e história na conformação da perspectiva autobiográfica de Johann Wolfgang von Goethe(1749-1832).

O presente trabalho retrata a bibliográfica referente à Johann Wolfgang von Goethe, quanto à produção científica e a sua escrita autobiográfica. A compreensão do trabalho esta alicerçada na Metamorfose das Plantas e de sua autobiografia mais conhecida, Memórias: poesia e verdade. O pensamento Goethiano, transcende qualquer expectativa metodologica, pois ele está pautado em um processo de observação e de transformação, além de toda retórica histórica do mesmo, fazendo o pesquisador ser um agente participativo do trabalho pesquisado.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO PRESENTE TEXTO

O presente texto se constitui em quatro capítulos, sendo que: O primeiro se caracteriza pela própria introdução. O segundo capítulo, traz uma reflexão sobre a perspectiva da Vida no Contexto das Ciências Ambientais, amparada no tríade da materialidade, imaterialidade e amaterialidade com uma abordagem empírico-analítica. Nesse capítulo ocorre um debate o que vem a ser Ciência e apresenta as diferentes perspectivas investigativas adotada nos dois momentos dessa investigação, ou seja, como a abordagem empírico-analítica referenciou a primeira etapa da investigação e como a abordagem de investigação com base na

Fenomenologia Goethiana referenciou o segundo momento da investigação, além de debater como a ciência se apresenta no contexto da Vida e Saúde e também da Educação e em especial no ensino das Ciências Ambientais. O terceiro capítulo relata a etapa investigativa desenvolvida em ambiente escolar com estudantes de ensino médio com a organização do plantio e colheita de plantas medicinais e a produção de extratos medicamentosos. Além disso, esse capítulo traz para a luz do conhecimento o debate teórico referenciado nos relatos científicos de Johann W. von Goethe, quanto à metamorfose das plantas com o propósito de referenciar aspectos da subjetividade desse processo na compreensão de como pode se desenvolver a formação de princípios medicamentosos em vegetais conhecidos como plantas medicinais. Como parte final desse processo, o quarto capítulo apresenta um roteiro que será a base de um texto que se apresentará como um ensaio, que possibilite a compreensão de questões referentes ao desenvolvimento dos viventes terráqueos, como evidência do que se convencionou ser Vida e Saúde. O título do ensaio, deverá ser: Flor de Safira: uma aventura literária de vida e saúde com plantas medicinais e metamorfoses.

2 A VIDA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

A possibilidade existência da dimensão de materialidade, imaterialidade e amaterialidade na constituição do humano e do cosmos, apresenta-se como um desafio posto ao campo científico, que se ampara na abordagem empírico-analítica. Esse desafio aponta para uma significativa restrição de alcance dessa abordagem, pelo fato dela se amparar na perspectiva positivista e materializada de ciência. Essa abordagem não aponta argumentos que sustentam convicção e base sustentável e inquestionável, para clarear aspectos que sustentam o surgimento da vida.

Mesmo com o domínio de possibilidades que expliquem por exemplo, a origem da vida em nosso planeta, com base apenas na objetividade e na materialidade, a abordagem empírica analítica se mostra insuficiente para alicerçar postura, no que se refere a ter argumentos que tratem efetivamente de relações de espaço, tempo, materialidade, imaterialidade a amaterialidade, que se apresentam como elementos fundantes para a compreensão do que vem a ser vida.

Tal situação é facilmente justificada pela própria variação conceitual da evolução dos animais e dos próprios vegetais. Vários estudiosos e pesquisadores no mundo, não são unânimes em defender uma teoria que possa dar credibilidade inviolável às indagações pertinentes ao tripé investigativo universal: De onde viemos, como viemos e para onde vamos?

Tais indagações, já promoveram inúmeros debates no campo da especulação científica e proporcionaram várias interpretações religiosas e culturais, as quais soam muitas vezes como definitivas na gênese e cultura de determinados povos, muitos deles originários.

Devemos entender que cada elemento existencial neste planeta, conforme Rudolf Steiner¹ desenvolveu uma abordagem científica caracterizada como antroposofia, com base na qual se sustentam os argumentos postos neste item deste texto. Esta abordagem se caracteriza como um referencial de particularidades que concede uma dimensão inovadora de ciência que se confronta com as abordagens empírico analítica e crítica, sem contudo, as desqualificar ou desconsiderar conforme Ernesto Jacob Keim (2019). Porém, é de suma importância

¹ Este item deste trabalho tem como referência o livro de Steiner "Matéria, Forma e Essência.

compreendermos que existe uma sincronicidade tanto no material como no campo imaterial e amaterial².

Para Gustav Jung (2018), autor da abordagem de psicologia analítica, referenciada na Fenomenologia Goethiana aponta que não existe coincidências no universo, mas sincronicidade, que se caracteriza como uma linguagem universal da transformação, sendo que essa demonstra vários sinais ao longo de todo processo decorrente das inúmeras metamorfoses decorrentes do desenvolvimento genético de animais e vegetais, e demais viventes.

Desta maneira, temos um limiar entre a expectativa das projeções cartesianas no tocante ao mecanismo de funcionalidade da manutenção, da própria existência da vida e do outro lado, uma conjunção de frequências cósmicas que interagem diretamente em todo processo metamorfórico universal.

Segundo Goethe (1970), as relações que se tecem na natureza com seus diferentes elementos é determinada pela compreensão de uma linguagem, a qual é provida de uma dinâmica com significado próprio. Com este argumento esse autor traz para a luz do conhecimento, a visão de uma nova forma de percepção dos conceitos que regem a relação dos viventes, em especial, dos vegetais com o seu meio. Tomando posse deste conceito e suas ramificações cognitivas a respeito dessa linguagem, temos como pano de fundo um processo de interação e comunicação mútua, entre os seres vivos de matriz animal com os de matriz vegetal.

Para tomarmos como objeto de estudo e como prova da existência desta linguagem dinâmica e natural, usaremos a metamorfose das plantas para debater uma compreensão desse tema de estudo. Para Goethe (1970), no final do século XVIII e início do século XIX, as plantas possuem particularidades de desenvolvimento que podem ser acompanhadas com detalhes em sua metamorfose, pois o ritmo em que desenvolvem esse processo viabiliza a interação e identificação das condições necessárias e suficientes para que transformações internas provoquem um rearranjo espacial, que interage com as partes externas.

De tal forma que a orientação vertical do caule e de suas folhas atendem a processo de simetria, e se apresenta como um exemplo desta comunicação entre partes, na medida em que ocorre um processo de aproximação das folhas do cálice

² Imaterial se refere à ausência de referenciais que a classifique como próprio da materialidade e amaterial significa a possibilidade de uma estrutura ou um argumento ter uma total que independência da perspectiva material e energética.

com a corola. Dessa forma segundo Goethe, o desenvolvimento das plantas está atrelado a uma ritmicidade e a uma intensificação com o próprio meio que lhe é próprio.

A questão da ritmicidade e da intensificação das plantas serem menos acelerados, motivou Goethe para escolher as plantas como foco de estudo, com o fim de entender a dinâmica das metamorfoses presentes nos desenvolvimentos dos seres vivos, o que proporcionou melhor estabilidade e segurança para o desenvolvimento de seus propósitos, pelo fato delas se apresentarem com maior estabilidade e menor mobilidade.

Analogicamente, podemos comparar os fatores primordiais que correspondem à metamorfose humana, no tocante às novas formas de pensar e agir em relação aos seus semelhantes e à própria maneira como interagem com o meio. Essas percepções dinamizam o ser humano e sinalizam para que se atente para o conjunto de inúmeras possibilidades que serão de grande valia para a sua própria evolução/desenvolvimento, sendo ela no campo material, pessoal e principalmente no âmbito da imaterialidade e da amaterialidade. (KEIM, 2019 b)

Para Goethe (1970), as plantas passam por ciclos fundamentais, os quais determinam a sua existência no universo. O seu crescimento e a sua reprodução são fundamentados por dois impulsos, os quais são determinados primeiramente por expandir-se pela sua ritmicidade e o outro se caracteriza pela contração da sua intensificação com a própria natureza.

O homem é considerado como um ser racional, devido à sua intencionalidade dentro de um contexto social, ficando à mercê desta mesma situação pertinente às plantas, ou seja, a um acelerado processo de múltiplas metamorfoses. Após o seu nascimento e de todas as prerrogativas que circundam o seu crescimento físico, psíquico e social, o seu legado fica atrelado em princípio à sua proliferação, obedecendo desta forma o ciclo biológico da perpetuação de sua própria espécie e ao ciclo social e político de seu contexto cultural, garantindo a organização da sociedade como construção de sua cosmovisão. Porém, cada qual possui a sua ritmicidade dentro do ciclo comum de cada espécie, o que por sua vez potencializa a sua intensificação com o próprio meio, quando atingem as suas determinadas possibilidades de interação mediadas por sua emoção e desejo.

Por outro lado é necessário que este homem possa compreender sua relação de pertencimento e interação com o meio. Para Ernesto Jacob Keim (2016),

essa interação se dá pelo fato de cada pessoa possuir em alguma dimensão amaterial desconhecida pela ciência convencional, um arcabouço de registros com todas as informações decorrentes de suas incontáveis vivências materializadas, o que segundo Keim recebe o nome de Ego Sum.

O Ego Sum nesse contexto de identificação se mostra como possibilidade de reconhecimento da busca constante que o homem faz, para compreender a sua dimensão de vivente parceiro dos demais integrantes ambientais e não de agente superior e mais protegido e com mais vantagens de vida que os demais, Cabe aos humanos, ao reconhecer seu potencial de inserção e intervenção ambiental, assumir um grau de responsabilidade que não pode ser esperado de nenhum outro ser vivente, o que para Ernesto Jacob Keim se constitui como pontos referenciais da fenomenologia Goethiana e da educação da emancipação da vida, título atribuído por este autor, ao que se convencionou chamar educação ambiental.

2.1 A FILOSOFIA E OS PRIMÓRDIOS DA CIÊNCIA, NA COMPREENSÃO DO QUE É A VIDA

O debate referente à vida e em particular à metamorfose na perspectiva da filosofia, referenciadas na fenomenologia de Goethe, tem em Rudolf Steiner o principal articulador dessa abordagem, ao referenciar esse processo como um ramo da filosofia, a qual foi nominada como Antroposofia.

O conhecimento de si mesmo, ou melhor dizendo, o autoconhecimento humano é uma das formas com a qual o homem sustenta a possibilidade de argumentar com segurança sobre a possibilidade de que seu desenvolvimento ocorreu como processo que se caracteriza como de evolução e metamorfose, a partir do momento em que ocorreu sua fecundação até ao inexorável momento de sua morte. Esse processo se caracteriza, segundo Ernesto Jacob Keim (2019), como uma etapa finita, com limites claros de tempo e de espaço, inserido na perspectiva da vida ser caracterizada como infinita e eterna. É a finitude das partes que constituem a totalidade, que não tem limites de tempo e espaço.

Nesse contexto a Fenomenologia de Goethe e em particular a Antroposofia, de acordo com posição firmada por Rudolf Steiner e interpretada por Ernesto Jacob Keim, ocorre que a natureza dos humanos conta com um impulso para o autoconhecimento o qual se referencia em 2 (dois) fatores que são fundamentais

para o homem se apropriar da condição de ser humano, os quais são: As Ciências Naturais e a consciência de aspectos imateriais e amateriais, que permeiam a vida, caracterizados como referenciais próprios da Dimensão Anímica (Misticismo).

Esse processo de autoconhecimento é necessário para que o humano, com esses dois fatores, realize sua experiência de mergulho ao seu interior, para obter o valor cognitivo que o constitui. Assim, nós humanos devemos encontrar o acesso ao conhecimento da natureza e ao que nos constitui como humanos, para podermos encontrar um sentido, de nosso mergulho em nós mesmos (KEIM, 2019). Em outras palavras, só consigo sair de dentro de uma casa se eu encontrar a porta pela qual eu entrei.

Devemos ter o entendimento de que as Ciências Naturais correspondem à compreensão de como se constitui a entidade humana, pois o homem como um ser natural, deve compreender a sua atuação na própria natureza como um ideal cognitivo.

Por meio de sua consciência, o homem acredita primeiro que é um ser naturalista, para depois ele chegar próximo da realidade. Para que o ser humano tenha uma amplitude desse conhecimento é necessário que o mesmo tenha uma compreensão consistente dos fatos que o constitui como ser de relação, em níveis energéticos e materiais, portanto, de relação e interação com os meios interno e externo de seus limites corporais, e tenha vivenciado os mesmos. (KEIM, 2019 b)

A dimensão apontada como mística, caracteriza a compreensão de a pessoa e todos os demais integrantes cósmicos possuírem dimensões não materiais que os constitui numa perspectiva da imaterialidade e da amaterialidade. A dimensão mística ao ser desvendada e reconhecida em profundidade, possibilita um mergulho mais consciente no que caracteriza o que reconhecemos como sendo a realidade. Assim, é por meio das vivências de interiorização empreendida pelo humanos, no que significa e caracteriza a vida, que o humano consegue chegar próximo da realidade na qual gira sua existência.

Esse conhecimento é fundamental para que a pessoa, ao se perceber e se identificar com o mundo exterior, como ser conhecedor da Natureza, o é de fato, na medida em que conhece seu interior e o lado íntimo e interior do que caracteriza a natureza (KEIM, 2019).

A Dimensão Anímica (mística), chega na vida interior e supera a sensação dela ser um vazio, para então viabilizar sua incorporação ao mundo exterior. O que

devemos ressaltar neste ponto, se constitui na necessidade que o homem possui em tomar posse das Ciências Naturais e da Dimensão Anímica, para encontrar a própria realidade. Sem a experiência e a vivência objetiva, o homem permanece como que as margens de um abismo entre o conhecimento material e a vivência anímica, sendo que está é preenchida com a vivência cognitiva, a qual não existe na consciência comum (STEINER, 2018).

A compreensão da natureza desse conhecimento é facilitado com os pressupostos do viés filosófico ocupado pela Antroposofia, a qual depende da interação entre as Ciências Naturais e a Dimensão Anímica, para que este homem encontre o verdadeiro e real significado de sua própria existência. Em outras palavras, a antroposofia aponta para um conhecimento necessário e suficiente para trazer o homem para o mundo real. Esse conhecimento deve ser organizado de uma maneira tal, que seja facilitada a compreensão de a antroposofia, se caracterizar como o estudo que busca a compreensão entre as interações da dimensão do que se caracteriza como o Natural e a Dimensão Anímica (STEINER, 1918).

Steiner ao elaborar a Antroposofia, de certa forma se referenciou em Aristóteles, que é referenciado como autor grego que foi um dos precursores da lógica no mundo ocidental, o qual defendia que os nossos pensamentos não surgem do contato de nossa alma com o mundo das ideias, mas da experiência sensível, pois nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos. Steiner(1918)

Segundo Tomás de Aquino precursor da Escolástica (pensamento cristão da idade média), na perspectiva de compreender a constituição do humano como ser de transcendência, dizia que alguém só pode ser julgado filosoficamente, quando está liberto de qualquer autoridade e de toda crença dogmática. Na época do seu apogeu, a Escolástica detinha o domínio dos conteúdos do que poderia ser configurado como ciência, pensamento e revelação sobrenatural. Segundo a Escolástica, o pensamento humano é um tesouro de sabedoria. Os conteúdos da própria pesquisa e da revelação, segundo Rudolf Steiner, convergem para uma cosmovisão monista, objetiva e unitária. A escolástica é considerada uma técnica do pensamento, a qual consegue elaborar racionalmente tudo o que a ciência empírica adquire mediante as observações feita pelos sentidos (STEINER, 1918).

Com o desenvolvimento do Panteísmo, através de um misticismo muito difuso, as evidências científicas no campo do pensamento lógico e racional, ficaram condicionados às expectativas provenientes de uma filosofia totalitária e regrada por

conceitos religiosos irrevogáveis. O pensamento aristotélico na época serviu como uma condicional lógica de extrema verdade absoluta, a qual era utilizada pelos árabes para fazer críticas ferrenhas ao próprio cristianismo. Com isso, ocorreu uma discrepância enorme entre árabes e os escolásticos, pois a própria lógica que defendia o cristianismo era utilizada para combatê-lo. Steiner(1918)

Devido a isso, muitos cientistas chegaram à conclusão de que apenas os pensamentos aristotélicos seriam insuficientes ou ineficazes de dar um determinado progresso na pesquisa empírica de verdade. Desta forma, ocorreu uma ruptura na vida espiritual humana, pois muitos pesquisadores e estudiosos da época, consideravam que este conhecimento suprassensível seria um usurpador da atividade mental humana, não conseguindo pleitear desta forma, o conhecimento racional. Portanto, criou-se uma fenda muito grande entre o saber científico e o saber proveniente da fé, o qual desconstruiu o que era sabido sobre a evolução da história do conhecimento e da espécie humana.

Segundo Steiner (1918) a evolução da história sofreu uma determinada censura ao tentar unir os aristotélicos com os cientistas e pesquisadores como Kleper e Galileu, pois os pensamentos aristotélicos foram distorcidos no processo cognitivo. Com isso, muitos não tinham uma visão e compreensão mais amplificada sobre a própria natureza e recorriam aos velhos livros de Aristóteles para suprir as suas indagações, deixando o conhecimento científico estagnado.

O fanatismo era tanto sobre Aristóteles, que um aristotélico foi convidado a verificar perante a um cadáver que os nervos não partiam do coração, como afirmava Aristóteles, e mesmo assim, este obstinado seguidor, conforme relata Tomás de Aquino, no ano de 1260, afirmou que realmente tinha visto, mas continuava acreditando nas percepções das obras de Aristóteles, demonstrando assim a estagnação da época. Essa observação aponta para a estagnação na perspectiva da visão materializada, mas na perspectiva da imaterialidade esse vínculo não material não tem nenhuma comprovação ou refutação de caráter investigativo no contexto das diferentes abordagens de ciência (KEIM, 2019).

Com isso, fica desvelado uma concepção filosófica Segundo Steiner que a ciência é fundamental para abrir os portais do conhecimento, além de contribuir com a erradicação que assola a ignorância humana ao longo de sua história.

Compreender os fatos e os seus princípios filosóficos são fundamentais para a contribuição da própria emancipação da vida. Desvincular o homem de seus

medos sociais, de seus conceitos distorcidos e de todas as suas amarras religiosas e dogmáticas, contribui de maneira imensurável para a barbárie intelectual a que está condenado há séculos pelos pensamentos opressores, os quais o consomem no âmbito social, cultural e principalmente anímico (espiritual). Segundo Paulo Freire (1970), o homem deve transformar-se em um sujeito inserido na história, humanizando-se, e lutando pela liberdade, pela desalienação e pela própria afirmação, enfrentando sempre a classe dominadora, a qual perpetua-se pela violência, opressão e injustiça.

Neste sentido Ernesto Jacob Keim, coordena a pesquisa na qual desenvolve a Educação da Emancipação da Vida em processo nomeada Pedagogia da PACHAMAMA / TAYTA INTI, conforme (2018 ap.2.2). Essa pedagogia se ampara na relação de pertencimento do homem com o meio. É uma busca constante entre as relações que permeiam a sua identidade em relação aos conceitos fundamentais e essenciais à vida. Segundo Ernesto Jacob Keim, abre-se um leque de indagações pertinentes à suas relações pessoais e com o próprio meio, tais como: Como me reconheço? Como sou reconhecido? Como me represento? Como sou representado? (...).

Para Ernesto Jacob Keim, a Emancipação da Vida é a chave para a autonomia, sendo esta oriunda do processo coletivo e social. O indivíduo pode ser beneficiado pela educação escolarizada no tocante ao processo de emancipação como uma função de libertação, desde que ocorra socialmente a sua autonomia durante esse processo.

2.2 EDUCAÇÃO E VIDA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Quando refletimos sobre as possibilidades conceituais que a educação proporciona frente à diversidade presente nas abordagens de fazer ciência, deflagramos um conjunto de pensamentos diversos, carregados de posições divergentes no tocante às diretrizes que conduzem à funcionalidade da educação como processo, e não como dinâmica restrita a um viés metodológico.

Nessa dimensão se tem a Vida debatida juntamente com a Educação para compreender que a Emancipação da Vida é referencial importante no debate referente às Ciências Ambientais focadas na Educação.

Essa observação remete a Paulo Freire (1996), que aponta a educação como processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade, pela ação-reflexão humana. Portanto, o homem não se caracteriza como um produto finalizado, capaz de conter todo o conhecimento e discernimento necessários para processar e julgar qualquer fato natural, de forma a ficar imune à transformação, que a própria educação é capaz de promover no contexto no qual atua.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire enfatiza a dimensão ontológica do Ser Mais, ao destacar em sua obra que a dimensão humana, “não pode realizar-se no isolamento e no individualismo, mas na comunhão e na solidariedade dos homens, daí que seja impossível, dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos”. Essa posição segundo Ernesto Jacob Keim (2019) mostra que o opressor, por estar imerso nas benesses que usufrui ao suprimir a humanidade alheia, não consegue se libertar, e cabe então à pessoa oprimida, portanto, desumanizada, libertar o opressor, isto é, fazer com que ele perceba e mude as atitudes que lhe auferem vantagens, por conta do sofrimento e carência imposta aos demais.

Segundo Marta Kohl de Oliveira (2002), na obra *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico*, tem-se que a concepção de ensino-aprendizagem de Vygotsky inclui dois aspectos particularmente relevantes: Primeiro, a ideia de um processo que envolve, ao mesmo tempo quem ensina e quem aprende, não se referindo necessariamente a situações em que haja um educador fisicamente presente, que pode ser concretizado por objetos, eventos, situações, modos de organização do real e a própria linguagem; Segundo, quando a aprendizagem é um resultado desejável de um processo deliberado, explícito, intencional, de forma que a intervenção pedagógica se mostra como um mecanismo privilegiado e a escola se constitui em um espaço, por excelência, onde o processo de ensino-aprendizagem ocorre.

Fazendo uma varredura intelectual nos fundamentos abordados por Paulo Freire e Vygotsky, referente às premissas que regem as concepções da educação, fica nítido que seus conceitos retratam uma Educação autônoma, contínua, transformadora e acima de tudo humanizada. Nesse debate, Ernesto Jacob Keim (2011) evidencia que educação é muito mais que escolarização, pelo fato de a escola se caracterizar como a institucionalização da educação e por ser uma

instituição, a Escola está subordinada a interesses dos poderes e forças que a rege, a organiza e a mantém.

Essas posições que colocam a educação acima da escolarização (KEIM, 2017), mostram que as relações das pessoas com o meio no qual estão imersas, podem evidenciar processos que modificam a percepção e compreensão das pessoas no que se refere aos ambientes. Por isso, a educação ao se referir aos ambientes, caracteriza-se como processo que remete à figura de rizomas, pois um vai dando origem a outro que se amplia cada vez mais e promove uma posição que podemos dizer como de responsabilização de todos por tudo, e todos por todos, de forma que se manifesta como processo que reflete as expectativas de emancipação da vida.

A educação no contexto, conhecido como Educação Ambiental é desenvolvida por Ernesto Jacob Keim (2018 apr 2.2), como educação da Emancipação da Vida, referenciada na responsabilidade planetária das humanas e referenciada no cuidado e nos Princípios Eco Vitais.

Então nesse sentido cabe destacar a Carta de Belgrado dentre todos os documentos gerados a partir de eventos internacionais para debater as questões ambientais, com o referencial de educação Ambiental que foca com maior ênfase a dimensão da Emancipação da vida.

Ernesto Jacob Keim (2018) trata a Educação da Emancipação da Vida, como postura que viabiliza a ação científica junto à natureza, como processo vinculado à formação Humana, para que as pessoas, como seres integrantes e integrados aos ambientes planetários, tenham a vida como bem maior.

Em 10 de maio de 1974, na cidade de Nova Iorque-EUA, ocorreu a 6ª sessão Especial da ONU (Organização das nações Unidas), a qual estipulou um novo conceito de desenvolvimento, o qual aponta em suas diretrizes a satisfação das necessidades e dos desejos dos habitantes do planeta Terra, por condições adequadas de vida e que ocorra como um pluralismo e equilíbrio do homem e do meio ambiente, diminuindo vários fatores negativos que assombram a vida humana, tais como: a fome, o analfabetismo, a pobreza e a exploração humana e todos os demais aspectos que contribuem negativamente com a vida humana.

Com isso, ficou evidenciado que deveriam recorrer a novos conceitos que pudessem encontrar medidas mais eficazes, que erradicassem esses problemas ou minimizassem essa problemática.

Nesse estudo aponto a educação como uma chave mestra deste emaranhado social, tendo a ética como base desse processo concebida conforme (KEIM, 2011) como a radicalidade das ações humanas a favor da vida com dignidade, sem discriminar religião, cultura, etnia ou situação econômica.

Nesse sentido a educação e a ética como agentes para lidar com a preservação da vida, se caracterizam como referencial para em 1975 ocorrer a conferência mundial na cidade de Belgrado, capital da então Iugoslávia, a qual foi promovida pela Unesco, da qual resultou um documento nominado como “Carta de Belgrado”. Essa conferência trouxe à tona vários conceitos ambientais, principalmente no tocante à amplificação da Educação ambiental, a qual foi sinalizada como carro chefe para o combate à crise ambiental no mundo.

Essa nova perspectiva sobre educação ambiental, ficou conhecida como a “Nova Ordem Econômica Internacional”, sendo que esta ordem deveria sinalizar, educar e principalmente diminuir todas as diferenças existentes entre as nações, utilizando a educação como um agente transformador de todos esses conceitos apresentados para a melhoria significativa dos modos de produção para alcançar um novo mundo.

Com isso, temos a seguir uma síntese do que foi ressaltado na Carta de Belgrado, como propósitos a serem alcançados na perspectiva da Educação Ambiental, conforme destacado por Ernesto Jacob Keim (2019 apr 2.3):

- Melhorar todas as relações ecológicas, incluindo a relação da humanidade com a natureza e das pessoas entre si;
- Esclarecer para cada nação o significado de “qualidade de vida” e da “felicidade humana” no contexto de ambiente global;
- Solicitar as nações que criem condições para que sua população desfrute do bem-estar social e individual, com harmonia ao meio ambiente e pelo próprio ambiente criado pelo homem;
- Formar uma população mundial preocupada com o meio ambiente e com os problemas pertinentes a ele, buscando sempre soluções que contribuam com a sua preservação;
- A educação ambiental, deverá ser um instrumento de consciência mundial, a qual irá auxiliar as pessoas para potencializar a sua sensibilidade e consciência sobre o meio ambiente e os seus problemas na sua totalidade;
- A educação Ambiental servirá como um parâmetro para novas atitudes que ressaltem a preservação do meio, além de contribuir significativamente na aquisição de valores sociais para os grupos sociais e para as novas gerações, resolvendo possíveis problemas ambientais existentes.

- A educação ambiental irá promover uma ajuda mútua aos grupos sociais para avaliar as medidas e os programas de educação ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, sociais, estéticos e educativos.
- A Educação Ambiental será promovida para todos os povos, sem restrição nenhuma, principalmente aos alunos da pré-escola, ensino básico, médio e superior, além de professores, profissionais da área e de jovens, adultos que dispõem do meio ambiental ou não;
 - A educação Ambiental deverá considerar o ambiente em sua totalidade, isto é, o ambiente natural, o criado pelo homem, o meio ecológico, o meio econômico, o tecnológico, o social, o legislativo, o cultural e o estético também;
 - A Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, permanente, tanto dentro como fora da escola.
 - A Educação Ambiental deve adotar um método interdisciplinar.
 - A Educação Ambiental deve enfatizar a participação ativa na prevenção e solução dos problemas ambientais.
 - A Educação Ambiental deve examinar as principais questões ambientais em uma perspectiva mundial, considerando, ao mesmo tempo, as diferenças regionais.
 - A Educação Ambiental deve se basear nas condições ambientais atuais e futuras.
 - A Educação Ambiental deve examinar todo o desenvolvimento e crescimento a partir do ponto de vista ambiental.
 - A Educação Ambiental deve promover o valor e a necessidade da cooperação a nível local, nacional e internacional, na solução dos problemas ambientais.

Portanto, fica evidenciado que a conferência de Belgrado, foi um divisor de águas no que se refere a Educação Ambiental e os seus principais conceitos que poderiam reger as políticas ambientais existentes. Devemos nos atentar, aos aspectos que fundamentam essa carta, as quais trazem a Educação Ambiental como uma chave de suma importância para possíveis soluções de vários problemas sociais e ambientais para o mundo que vivemos.

2.3 CIÊNCIAS AMBIENTAIS E A FENOMENOLOGIA GOETHIANA

Etimologicamente, a ação humana caracterizada pela palavra “Pesquisa” possui o seu significado atribuído à investigação, e trata-se de um processo metodológico que proporciona a construção do conhecimento humano, o que inerentemente gera a descoberta de novos conhecimentos ou modifica e corrobora

os existentes. Ela não se limita apenas à construção do novo, mas também é capaz de reconstruir e aprimorar aquilo que já existe.

Para compreender uma abordagem fenomenológica de investigação científica, nos moldes teóricos do pesquisador Johann Wolfgang von Goethe, temos que ter como apoio de sustentação, o tripé investigativo: Intensificação, Sensibilização e Ritmo, os quais são representados pela expressão *Steigerung*.

A expressão germânica "*Steigerung*", remete analogicamente à expressão *Paranauê*, a qual está atrelada ao jogo da capoeira. *Paranauê*, representa esses três argumentos investigativos, portanto, a pesquisa científica no contexto *Paranauê* é a incorporação da palavra alemã *Steigerung* em nosso idioma. (KEIM, 2019 apr. 3.2)

Para (BACH JR, 2015), *STEIGERUNG*, na Fenomenologia de Goethe corresponde a Intensificação, Sensibilização e Ritmo e a opção por *Paranauê/Steigerung* se deu pelo fato da expressão, *Paranauê*, na capoeira, representar em português os mesmos aspectos que a expressão alemã, ou seja Intensificação, Sensibilização e Ritmo.

Neste contexto, *Paranauê/Steigerung*, segundo Ernesto Jacob Keim, apresenta-se como um processo investigativo, amparado na cosmovisão do investigador e seu grupo, pois está baseada na percepção dos movimentos espontâneos, porém com uma boa dose de ritmicidade e intensidade que são descritos pelos acontecimentos naturais. Cabe esclarecer segundo esse autor que: "cosmovisão significa olhar para dentro do mundo, e para dentro de si mesmo para identificar origens, cultura e cosmovisões que constituem o modo de ser de cada pessoa e de seu grupo social e cultural" (2019).

Essa posição referenda esse processo investigativo, como na capoeira, pois é inspirado nos movimentos que ocorrem nesse jogo. Como a capoeira depende do ritmo do jogo e do movimento de cada jogador, esse processo não pode ser considerado uma Metodologia, pois ele trabalha com a variação e não com a previsão determinista de uma metodologia engessada e previsível.

Essa abordagem Goethiana possui aspectos e fatores multireferenciais e transdisciplinares, os quais possibilitam uma abertura para novos conhecimentos e valores, dando um frescor dinâmico a cada releitura, conforme Ernesto Jacob Keim (2019. aprs 3.2). Assim, a fenomenologia Goethiana transcorre na pesquisa sob a organização proveniente da sensibilização do pesquisador e na intensificação e

ritmos postos pela pesquisa em andamento. Nela as intuições são relevantes para a construção de novos argumentos. Esses fatores são fundamentais para nortear os passos a serem seguidos em todo o processo da pesquisa. Com isso, o processo investigativo deflagra mudanças imprevisíveis que o pesquisador poderá sofrer durante a mesma.

Para Ernesto Jacob Keim (2019, aprs 3.2) a investigação e pesquisa científica no contexto Paranauê/Steigerung é processo transitivo que supera as dualidades para se apresentar com apoio em tríades, nas quais fica clara a adesão às múltiplas possibilidades para caracterizar-se como perspectiva trina, multifocal e intercultural, além disso é referenciada mais na subjetividade, apesar de desencadear desconstrução de argumentos objetivos consolidados, pois atua como que em cenários que se transfiguram, em processo caracterizado como de metamorfoses.

Portanto, esse processo é contínuo e gera metamorfoses, pois a todo instante consegue se reorganizar e se apropriar de novos conceitos. Com isso, o pesquisador/investigador possui um viés constante no quesito de interprete e agente ativo em todo o processo investigativo e participativo desta abordagem Paranauê/Steigerung. Com isso, podemos afirmar que todo processo deslumbra uma perspectiva interativa, autônoma, experimental e complexa. Assim a subjetividade própria da fenomenologia Goethiana encara cada processo investigativo como algo complexo com inúmeras e incontáveis possibilidades que se apresentam no processo. (KEIM, 2019 aprs.3.2)

Assim, o pesquisador que utiliza uma abordagem fenomenológica Goethiana, deverá se apropriar das prerrogativas necessárias para a sua pesquisa, conforme especificado no esquema de abordagem científica Paranauê/Steigerung, apresentada na Apresentação de Power Point 3.2 do site profjacob.com.br. Elas estão definidas pela Curiosidade do Pesquisador, pela iniciativa que o mesmo possui em descobrir novos conceitos, pela sua ousadia em desafiar certos costumes engessados na moralidade social. Em ser um agente crítico dos métodos tradicionais e arcaicos, por ter uma consciência humanizada no tocante as condições de vida do seu objeto de estudo. Possuir uma base teórica respalda no tema a ser estudado e por último e não menos importante, ter uma percepção histórica, crítica e fenomenológica de todas as forças envolvidas no tema investigado.

Devido a estes conceitos, a Fenomenologia Goethiana agrega uma extensão de outras prerrogativas que são descritas como postura Pessoal, postura Investigativa, Responsabilidade Investigativa e como Atitude na dinâmica Investigativa.

Com esses atributos destacados na referência anterior, temos que a postura investigativa referenciada no tema em questão na perspectiva da investigação e pesquisa científica no contexto Paranauê/Steigerung, não existe uma sequência obrigatória por isso representada como nuvens. Dessa forma o investigador e pesquisador se modifica e se metamorfoseia juntamente com o tema e a realidade que é tratada no processo em questão. Essa abordagem rompe com a proposta de a ciência se desenvolver como metodologia para se caracterizar como proposta e processo investigativo, por isso se caracteriza como dimensão quântica, caótica, complexa, relativa e casual.

Fica evidenciado que a Investigação e Pesquisa Científica no contexto Paranauê/Steigerung é um processo que tem como referencial a emancipação da pessoa, ao priorizar nas pesquisas a dimensão da ética e não da moral. Por essa característica ela está centrada na pessoa do pesquisador e não no resultado esperado da pesquisa. Assim ela é naturalmente desvinculada da perspectiva colonial, colonizadora e colonialista. O processo ocorre quando o pesquisador se apodera do objeto a ser investigado, sinalizando uma postura pessoal e investigativa, a qual potencializa a pesquisa.

Comparando a Pedagogia da Pachamama e a Pedagogia Freiriana, percebemos que a interseção entre elas, inclina-se para uma ciência que possui uma elevada importância no tocante ao resultado obtido pela metamorfose ocorrida com o investigador, além da emancipação e libertação das pessoas envolvidas referente à interação educativa promovida.

2.4 FENOMENOLOGIA GOETHIANA E VIDA MEDIADA POR METAMORFOSES

Este item tem como foco investigativo a fenomenologia Goethiana, a qual defende a posição de ciência para além da objetividade e da materialidade. Essa justificativa inicial tem a finalidade de apontar para o leitor a necessidade de se colocar receptivo a uma abordagem diferente da convencional, pois buscamos

nessa pesquisa compreender de que forma cada planta medicinal elabora princípios ativos específicos que possibilitam processos terapêuticos junto à biologia animal.

Na idade média as plantas eram consideradas como seres que possuíam uma determinada inteligência e podiam se comunicar uma com as outras. Tal fato começou a ser propagado pelos homens que eram considerados na época como bruxos e feiticeiros, os quais possuíam um conhecimento exotérico da vida. Este conhecimento implicava em crer, como crença da existência de aspectos vinculados a questões divinas.

Os xamãs de muitas tradições, acreditavam que as plantas poderiam falar com as pessoas e que elas possuíam a capacidade de nos chamar se conseguíssemos ouvi-las. As tribos nativas americanas, mantiveram uma relação única e particular com as árvores e associavam diferentes tipos de árvores com as forças divinas ou com os espíritos ancestrais. A ideia de que as plantas podem afinal agir como seres conscientes e não mero objetos vivos, ainda é muito difundida em alguns países da Europa, tais como a Holanda, Bélgica e a França, considerando sua cultura ancestral. Isso significa que não se tem uma argumentação que sustente a negação desse particular.

Como parágrafo inicial deste item, cabe destacar que nele serão tratados aspectos, os quais, com a orientação e supervisão do professor Dr. Ernesto Jacob Keim, caracterizam-se como abordagem científica viável da perspectiva da fenomenologia de Goethe, a qual abre a possibilidade de percepção e emancipação de fenômenos que transcendam a materialidade, incorporando aspectos próprios da dimensão amaterial e imaterial referendado nas teorias quânticas, do caos, da complexidade e também em saberes de povos originários de diversas regiões planetárias, com ênfase em saberes originários andinos e caribenhos, e também de comunidades originárias africanas. Dessa forma, esse capítulo traz aspectos como início de debate acadêmico, possuindo portanto restrições na obtenção de referenciais já publicados, com exceção dos escritos por Johann Wilhelm von Goethe, escritos no final do século XVII e início do século XVIII, com base em suas pesquisas como botânico e minerólogo.

Desde o século XVIII se tem registros de estudos com plantas nos quais seus autores afirmavam ter identificado certas sensibilidade de níveis sutis, identificados ao sentir diferentes emanações energéticas das plantas. Por outro lado, existe um velho paradigma que retrata que as plantas são seres inconscientes, que

se comportam como entidade passivas sujeitas a forças e organismos ambientais, e que além disso, são constituídas pelo acúmulo de produtos de fóton sintético. Esse paradigma, além de velho e desestruturado não possui um conceito científico moderno que sustente as suas propriedades. Entretanto, existe um corpo de cientistas e pesquisadores que trazem para a luz do conhecimento, determinados conceitos que demonstram uma consciência e uma interação que as plantas fazem com o meio, de tal forma que os procedimentos experimentais e convencionais jamais poderíamos imaginar.

Um número crescente de pesquisadores, reconhecem que há inteligência como aspecto inevitável presente em todos os sistemas auto organizados e que as redes neurais sofisticadas são uma marca invariável da vida. A análise profunda da consciência das plantas desde a virada do milênio, evidencia algo parecido com capacidade cerebral muito maior que se supunha. Essas pesquisas apontam que as plantas apresentam aspectos sutis que podem ser caracterizados como agentes de inteligência e comunicação, com os quais as plantas se comunicam entre si. A questão importante é o fato de a escritura neuronal humana não estar habilitada a decodificar e identificar os signos e significados decorrentes destes processos inteligentes e comunicativos.

Nessa premissa, podemos compreender o mundo como sendo composto de uma série de sistemas auto organizados, interconectados, altamente dinâmicos e interacionais, dentro de outros sistemas inter-relacionais. Todos esses sistemas juntos, formam um sistema muito maior, que concretiza o que conhecemos como planeta Terra, que se apresenta como um grande organismo vivo e organizado, por isso, denominado pelas comunidades originárias como Pachamama/Mãe Terra.

Em algumas tradições exotéricas e espiritualistas, a natureza é considerada sagrada e consciente. A ideia aqui é que todas as espécies de plantas e animais, todas as florestas, montanhas, cavernas, rios e formações rochosas tenham uma “alma”, ou natureza amaterial ou imaterial, constituindo consciências próprias. Essa informação se baseia nos textos originais de Goethe e de Steiner, e de pesquisadores ligados à antroposofia.

Segundo Gregory Bateson(1987), na obra Natureza e Espírito, o autor traz para luz do conhecimento que os vegetais possuem uma unidade de consciência, a qual pode ser definida como uma corporificação de inteligência. Além disso, essa inteligência está intimamente ligada a um corpo imaterial, ou melhor dizendo, a um

espírito da natureza, o qual permeia um grau de domínio sobre as espécies vegetais.

O espírito da natureza também é considerado como uma personificação de inteligência criativa, sendo ele o indutor, pois esse espírito muda a energia que foi formulada no nível dévico, para o nível físico conforme Steiner e a antroposofia.

A biocomunicação ou percepção primária é um termo usado para descrever a capacidade das plantas de perceber o seu ambiente e de reagir de maneira inteligente aos desafios que lhe são postos. A noção de que as plantas são capazes de sentir emoções foi registrada pela primeira vez em 1848, quando Gustav Theodor Fechner, um psicólogo experimental alemão, sugeriu que as plantas seriam capazes de sentir emoções e que o seu crescimento saudável poderia ser promovido através da conversa, atenção e atitude e da afeição dos humanos com as quais convivem.

O físico e cientista Jagadish Chandra Bose, começou a realizar experimentos com as plantas no ano de 1900. Bose descobriu que mesmo as plantas comuns e seus diferentes órgãos eram sensíveis, exibindo além de estímulos mecânicos, estímulos de resposta de forma elétrica, indicativa de excitação.

BOSE também expôs o mecanismo nervoso das plantas, como a capacidade reconhecerem e agirem a indivíduos que cometeram um ato de violência com plantas em sua presença.

A descoberta que as plantas podem se comunicar uma com as outras e conosco e que elas têm sentimentos é algo parecido com a memória e em grande parte, devido às pesquisas de Cleve Backster, um agente da CIA que trabalhava com detector de mentiras.

Esse pesquisador, no ano de 1965, Backster, com o uso de um polígrafo anexado em uma das folhas de uma planta, pode medir uma resistência elétrica, a qual mudava na planta, quando a mesma era regada e pode verificar assim, um traço em seu instrumento, que mostrava um padrão típico de respostas emitidas por ente um humano, como um estímulo emocional de curta duração. Backster também descobriu que as plantas reagem com alimentos vivos e células animais, como também aos pensamentos humanos.

Em um dos seus experimentos, ele pensou em queimar a folha de uma planta, e os eletrodos que estavam conectados na planta, reagiram violentamente, de forma que o transmissor se moveu e registrou uma curva dramática. Esses

experimentos foram conduzidos com equipamentos que filtravam a radiação eletromagnética e as energias comumente usadas para a transmissão de informações. Através de suas experimentações, Backster chegou a uma conclusão, a qual afirmava que as plantas são indicadores sensíveis das emoções que emanam de outras formas de vida, particularmente emoções dos seres humanos.

De acordo com a ecologista canadense Suzane Simard, as árvores tem uma rede social sofisticada e interconectada no subsolo. O mundo da comunicação biológica, se caracteriza como conexões das árvores umas nas outras e permitem que elas se comuniquem, fazendo que a floresta se comporte como se fosse um único organismo. Segundo Simard, as árvores falam, se comunicando com frequência e a grandes distâncias. As árvores se comportam de maneira interdependente e em cooperativa, estando em um relacionamento profundo entre si.

Enquanto a nossa matéria cerebral é na verdade apenas o “solo” que contém a rede neural usada para processar e armazenar informações, as plantas usam o solo como um substrato equivalente a uma rede neural. As plantas de fato possuem um sistema altamente sofisticado desenvolvido e consciente, que funciona de forma similar a nosso sistema organizativo, capaz de analisar e registrar informações recebidas, além de gerar respostas decorrentes. Além disso, o dossel das folhas atua como um órgão perceptivo e sincronizado e auto organizado, sintonizado com os campos eletromagnéticos da planta e o meio no qual vive.

Os compostos neuroquímicos em nossos corpos eram usados em todas as formas de vida do planeta, muito antes do surgimento da nossa espécie. Eles precedem o surgimento da espécie humana por um tempo indefinido, mas segundo Goethe e Steiner, desde sempre dão às plantas a capacidade de sentir e de perceber.

A percepção pressupõe o processamento de informações transmitidas por sinais do ambiente interno ou externo de um organismo. Nos seres humanos a percepção sensorial comum é a percepção do ambiente externo, a qual envolve o processamento de sinais transmitidos pelo sistema nervoso. A teoria clássica, sustenta que o único tipo de percepção possível é a que se faz presente no ser humano e que qualquer outro organismo que não tenha um sistema nervoso não pode processar as informações de seu ambiente externo, e conseqüentemente, não pode realizar nenhuma interação comunicativa com o meio.

Sabemos com as informações acima, que o conhecimento convencional deixa de considerar aspectos que fogem da objetividade e da materialidade, por isso os sistemas de auto organização, de regulação, de reação e de comunicação de todos os viventes devem ser investigados separadamente, e não tendo como referencial a dimensão identificada nos humanos.

A percepção cotidiana nos animais é processada pelo sistema nervoso, um sistema conectado por sinapses, porém esse é apenas um dos sistemas que possibilita as interações e informações do mundo, sendo que essa percepção se caracteriza como apenas uma forma de percepção entre, não sabemos quantas, possibilidades não identificadas pelos humanos.

A informação de origem não sensorial, como por exemplo a intuição, é processada pelo organismo humano, e embora esse processamento não ocorra no nível nervoso, ela é igualmente real. Essas percepções são conhecidas e valorizadas nas culturas originárias, mas são amplamente descartadas pelo mundo moderno.

De acordo com o princípio básico do empirismo clássico, tudo o que está na mente, deve ter estado primeiro no olho ou em outro órgão sensorial. Não apenas as plantas, mas nos seres humanos possuem uma percepção primária e isso ocorre através do processamento de sinais e de codificação quântica em nosso cérebro. Estas redes subneurais construídas de proteínas, citoesqueleto, organizadas em micro túbulos, são as que processam as informações no nível quântico. Se a informação é processada no nível quântico, ela também é processada por organismos que não possuem um sistema nervoso. Nesse sentido, a interação é baseada na interconexão altamente sintonizada, emergindo assim, em todas as escalas do universo, segundo Gregory Bateson (1987).

No nível básico, a interconexão parece com um emaranhado entre os quantas. O emaranhado quântico é um processo no qual duas partículas de matéria interagem entre si, da mesma forma e comportamento, como se tivessem conectadas, sendo que estas, estão separadas, não importando a distância.

Quando uma mudança energética é feita em uma partícula, as propriedades, a posição, o momento de rotação, mudam as propriedades de outra partícula no mesmo instante. Se a não localidade se estende ao nível da vida e da mente, temos então a percepção primária, a qual aponta como prova de a vida ser quântica,

caótica e complexa, na dimensão do infinito e do eterno, mas admitindo as totalidades postas na relatividade do tempo e do espaço, conforme Keim (2019).

Portanto, o sinal entre as partículas não é afetado pela distância ou pelo material intermediário, pois não bloqueiam as ondas eletromagnéticas.

O entrelaçamento não se limita ao domínio quântico, ele também aparece em escalas macroscópicas, no corpo humano por exemplo, trilhões de células estão precisamente correlacionadas para manter o organismo em seu estado de vida. Isso exige uma interconexão multidimensional quase instantânea em todo organismo, onde o mesmo é um sistema quântico macroscópico considerando a interconexão entre todas as partes no nível físico. Essas posições se sustentam na teoria dos sistemas e na perspectiva de interação nomeada por Ernesto Jacob Keim (2011) como eco-reorganizativas, isto é, o equilíbrio de um sistema se dá com a equivalência quântica, relativa e caótica das inúmeras ações e reações que ocorrem para concretizar e caracterizar o que é vida.

Esse autor aponta que ao fragmentar um animal com requintes de cuidados cirúrgicos, e depois recolocar cada parte em seu devido lugar com todos os devidos cuidados, não será possível devolver a vida a este sujeito, pois a organização das partes não implica na elaboração das complexas interconexões que caracterizam a vida. Essa argumentação sustenta parte dos propósitos dessa pesquisa, pois não conseguiremos encontrar respostas para a questão fundamental do trabalho, que é descrever e enunciar metamorfoses nos vegetais que originem princípios ativos medicamentosos. Com isso posto, Ernesto Jacob Keim argumenta que nesta investigação, o fundamental são as perguntas, e não as respostas a serem encontradas.

Dessa forma, cada elemento está constantemente sintonizado com todos os outros elementos por conexões multidimensionais e multiescalares e em conjunto, eles mantêm o sistema em seu ambiente físico e ecológico. Sem esse tipo de interconexão ativa constantemente, a vida não seria possível e nem os sistemas orgânicos e multiorgânicos poderiam se manter na biosfera.

A interconexão entre os elementos dos sistemas orgânicos e multiorgânicos postulam uma espécie de percepção. Um elemento, seja um quanta, uma molécula, uma célula, um órgão ou um organismo inteiro, percebe os outros quantas, moléculas, células, órgãos e organismos; tornando a teia da vida baseada em percepção primária, conforme o Físico Fritjof Capra(1983).

A biocomunicação é um fenômeno universal. O universo como um todo é um sistema interconectado e finamente ajustado, no qual todas as partes respondem e portanto, até certo ponto, percebem todas as outras partes. A percepção primária das plantas é uma parte dessa sensibilidade universal. Não essencialmente diferente da sensibilidade que aparece na nossa própria consciência. A percepção primária ou consciência das plantas, aponta para o conceito oriental da unidade, a visão que toda natureza é *interdependente*, isto é, que todas as conexões que ocorrem na natureza depende diretamente de um processo entre as plantas, ou seja, uma é dependente da outra.

As culturas antigas principalmente os Maias, Incas e os Astecas, entendiam essa interconexão como um campo de energia universal e vivo, o qual sustenta a vida, enquanto orienta a evolução da consciência por todo o universo.

Se as leis da natureza existiam antes do Big Bang, fica claro que elas não são físicas e que na verdade elas podem ser vistas como metafísicas. Nesse sentido, o universo é mais parecido com um organismo do que com uma máquina.

Se você cortar um pinheiro em pedaços, cada parte devidamente tratada pode se transformar em uma outra árvore e então à partir de um pequeno fragmento, você pode obter um todo. Se você cortar um ímã em pedaços, você obtém muitos ímãs pequenos, cada um com o seu campo magnético completo. Outro exemplo são as planárias que através de um processo de reprodução assexuada, possuem um processo de fragmentação e conseguem assim a reprodução de outros indivíduos de sua espécie. Desta maneira, cada espécie tem o seu próprio campo e dentro de cada organismo existem campos dentro dos campos. Como em todos os sistemas auto e eco organizados, as plantas sentem e monitoram continuamente os seus mundos internos e externos para mudanças que interferem nos campos relevantes.

Nessa premissa, as forças de vida estão em constante comunicação telepática entre si, baseada em uma consciência fractal holográfica. Uma vez que eliminamos a ideia que os átomos são partículas distintas e voltamos ao conceito de que a matéria é fundamentalmente interconectada, podemos perceber então que a vida está interligada. Sendo visível ou invisível, cada fragmento do universo tem uma consciência própria e coletiva.

A dor e o prazer e outros aspectos mais fortes de toda a consciência, são experimentados fortemente por cada fragmento e por isso que as plantas e os animais devem ser tratados com amor e respeito.

O que os povos nativos e os seus xamãs sempre souberam é que este conceito está se tornando cada vez mais tangível em nosso “mundo moderno”.

Os xamanismos do espírito vegetal nos traz de volta às antigas raízes de consciência, a qual devemos compartilhar por toda a vida, e é nesse sentido que apresentamos essas abordagens para que possamos corajosa e engajadamente, meditar sobre o poder curativo das plantas medicinais, as quais por milênios viabilizaram a recuperação da saúde dos humanos.

2.5 A METAMORFOSE DAS PLANTAS MEDICINAIS NO CONTEXTO DA FENOMENOLOGIA GOETHIANA.

Inicialmente, a leitura da obra *A Metamorfose das Plantas* de autoria de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) gera um certo desconforto e uma pitada de frustração ao leitor, pois a sua leitura foge de todas as expectativas que o próprio título induz como elemento básico, no tocante à sua interpretação. Para uma visão interpretativa superficial, a obra possui fragmentos inacabados, os quais geram determinadas dúvidas no processo de uma compreensão literária.

Quando mergulhamos nas entre linhas descobrimos que se trata de uma grande obra literária, apesar de apenas 82 páginas, pois temos a nítida percepção, de que não estamos lidando com a esfera da superficialidade de uma história ou de um relato descritivo simplório. A magnitude atingida na descrição representativa das fases da *Metamorfose das Plantas* feita por Goethe, nos remete a uma dimensão superior, a qual transcende qualquer parâmetro da materialidade humana. A sua transversalidade literária induz a uma concepção do conhecimento que permeia dentro de uma faixa de luz que consegue interligar o quântico ao cósmico.

A estrutura física desta obra, está dividida entre os campos da filosofia, da poesia, da biologia, da antropologia e da própria teoria de linguagem. Para o conceito da teoria da linguagem, Goethe foge de todo e qualquer padrão que outros autores tenham abordado anteriormente, referente ao próprio conceito da metamorfose. Para Goethe, a morfologia é um caso particular do estudo da

natureza, tanto para a ótica da filosofia e da ciência, pois estas estão submetidas a um processo temporal, o qual possui um princípio paradoxal.

O trabalho de Goethe foi rechaçado por vários estudiosos de botânica na época, pois os mesmos se opuseram às percepções Goethiana, referentes à dinâmica desenvolvida pelas plantas, a qual sinaliza que as mesmas não estavam em um processo estático ou muito menos eram consideradas como seres sem interação do meio. Para Goethe, essa dinâmica não tinha sintonia com as particularidades referentes à evolução e desenvolvimento das espécies, mas se caracterizava com o movimento espontâneo e ao mesmo tempo intencional que a planta possui no tocante à relação de seu tempo e de seu próprio meio.

Um dos seus críticos mais ferrenhos de Goethe, foi o pesquisador Adolf Portmann, o qual foi um precursor da embriologia, principalmente no campo da metafísica. Para Portmann, os estudos Goethianos, representavam um antídoto contra o reducionismo na ciência natural. É importante ressaltar, que todas as investigações biológicas de ordem morfológicas, obrigam uma discussão no campo da metafísica, o qual busca a compreensão no tocante a forma, à formação, visibilidade e invisibilidade da forma, ao crescimento, nascimento e morte da forma.

Com isso, a metafísica busca expandir o pensamento referente a todo o processo de conhecimento que transcende a sensibilidade natural das outras ciências. A ontologia é a chave mestre da metafísica, pois é por ela que podemos compreender a relação natural de interação entre as categorias básica do meio. Dentro da metafísica, o pesquisador René Thom (1952) utilizou a matemática para desenvolver a Teoria da Catástrofe, para levantar questões pertinentes ao estudo de “formas” e das suas qualidades inerentes.

Para Goethe era fundamental observar todos os estágios da forma e das interações das plantas, sendo desta forma um processo metafísico do estudo fenomenológico. Para ele, o estudo das apresentações históricas das suas investigações sobre as plantas se caracterizava como o fio condutor para estabelecer uma conexão de entendimento das interações pertinentes à própria ciência ambiental.

Próximo dos quarenta anos de idade, Goethe se aprofunda no estudo da metamorfose, devido ao estudo incansável pelas plantas, sendo que este, virou uma paixão avassaladora em sua vida. Com isso, ele mergulhou nas profundezas gênicas das plantas, e procurou entender a originalidade delas, a qual foi

denominada como *Urpflanze*. Esse termo, foi utilizado por Goethe para atingir um significado mais aprofundado e visionário no tocante a sua forma e principalmente ao real significado da sua própria existencialidade.

Para Goethe, a *Urpflanze* era a visibilidade transcendental que representa a própria planta, e não a visão concreta da mesma. O entendimento sobre a *Urpflanze*, não retratava um processo comparativo entre espécies, mais sim de intuir as inúmeras possibilidades da versatilidade da planta de unir as diversas formas no seu todo, estabelecendo assim uma forma de Celebrar um ponto de vista a um ponto de reunião. Com esse conceito, Goethe provoca uma reflexão sobre as relações naturais como um elo de ligação e interação.

Neste ponto de estudo, podemos ressaltar que Goethe se utiliza de dois movimentos, os quais foram dissecados por Platão e Aristóteles. O primeiro retrata a premissa do modelo originário a partir da morfologia visível e o outro condiz ao propósito inerente das questões de teologia e, expressas pela relação dos corpos dos seres vivos, pela própria descoberta de suas funções estruturais.

Infelizmente, muitos pesquisadores da época não entenderam o real significado e a magnitude atingida pela importância de *Urpflanze* a respeito da Metamorfose, pois acreditavam que era um determinado objeto ainda não denominado, e que este estava alicerçado a conceitos meramente físicos e científicos.

Se passaram trinta anos desde a primeira até a segunda escrita sobre a metamorfose das plantas, e com isso Goethe escreveu, revisou e reescreveu vários assuntos pertinentes e oriundos sobre a *identidade original* de todas as partes do vegetal, a qual foi de extrema relevância na percepção mais apurada e incontestável do movimento espontâneo e natural provocado pelas partes das plantas com o próprio meio. Esse movimento provocou uma avalanche de pensamentos para Goethe, principalmente no campo da arte e da própria poesia.

Para ele, existe uma relação intrínseca entre a natureza, a arte e a poesia, pois esses fatores são fundamentais para um novo despertar do homem em relação ao seu meio. Por outro lado, é necessário que este homem possa compreender a sua relação de pertencimento e interação ao meio.

Para Ernesto Jacob Keim (2016), o Ego Sum, como já apresentado anteriormente, se caracteriza como a busca constante que o homem faz em seu

maior grau de interioridade para compreender a sua real dimensão, a qual somente ele pode alcançar no alto Grau do seu significado como um ser vivo.

Referente à metáfora artística, isto é, a forma bela para a forma viva, onde a natureza e a arte são fatores que se complementam, Goethe retoma o pensamento Kantiano e potencializa o mesmo, no tocante à equivalência metafórica com os princípios de sua Gênese. Portanto, ele estabelece uma analogia entre as formas vivas e as formas belas, além do processo inverso também.

Para Goethe, é de extrema relevância a conexão entre as formas naturais com as formas poéticas, pois elas são inseparáveis. Fazendo uma análise mais aprofundada, podemos dizer resumidamente que Goethe eleva o conceito da Ciência e Poesia e Ciência e Arte para um patamar mais elevado, dando assim, uma forma mais intensificada ao pensar ambiental.

O pensamento cognitivo e produtivo em Goethe, foi definido por ele como uma “Heurística Viva”, a qual deve ser interrogada em todos os pontos que são submetidos a dar o verdadeiro significado de sua própria existência, enquanto forma viva. O estudo sobre metamorfose das plantas é uma obra composta pelo conjunto de sentimentos e formas, referente a inúmeras observações feitas por Goethe, sinalizando desta maneira as leis de formação e transformação deste ser vivo e das interações pertinentes ao próprio agente observador. Segundo Goethe, a metamorfose ocorre de dentro para fora, principalmente nas transformações espaciais. O crescimento da planta é levado a obter um efeito por arranjo espacial, por orientação vertical do caule e lateral das folhas caulinares, pelas estruturas de simetria que confluem no movimento de reunião e aproximação das folhas do cálice e da corola.

O espaço tempo do crescimento não é singular e nem pré-estabelecido, ele ocorre por uma ritmicidade única, a qual é identificada por uma intensificação própria. De certa maneira, o crescimento das plantas é mais perceptível que dos animais; desde os cotilédones até o fruto ocorrem várias transformações e todas são condicionadas por um impulso de intensificação. Com isso, ocorre 2 ciclos fundamentais nesse processo, os quais são descritos e evidenciados pelo crescimento da planta e a reprodução da mesma. Para Goethe, esses 2 ciclos correspondem-se entre si, pois ocorrem à partir de impulsos rítmicos expansivos e também por um processo de contração.

Na metamorfose das Plantas, segundo Goethe, ocorrem 2 temas de extrema relevância. O primeiro conduz à forma originária e o seu papel estrutural, sendo que estas características fundamentam a “heurística viva” definida por Goethe. O segundo tema está atrelado às questões relativas à constituição de uma linguagem teórica, como falar, como encontrar um nome para a forma originária. Este segundo tema, mostra os efeitos da expansão da originalidade, a qual é caracterizada pela pesquisa Goethiana, referente ao processo cognitivo, sendo que este é problematizado no campo da teoria da linguagem e conduzido para a construção de uma linguagem simbólica e autêntica.

Devemos entender que para Goethe a modificação progressiva das partes da planta, corresponde a uma obra proveniente de uma força impropriamente (Impulsiva), chamada de contração e expansão. O termo impropriamente corresponde a todos os efeitos derivados da força rítmica que interage neste processo de contração e expansão.

No reino das plantas, ocorrem 2 tipos de ritmos expressivos de crescimento metamórficos, os quais são desproporcionais, porém possuem a mesma origem. Para Goethe, ocorre a transformação do contemplador na coisa contemplada, esta condição é classificada como “Zarte Empirie”. Esse processo identifica um modo mais aprofundado entre o agente observador e o elemento observado, pois caracteriza uma intensificação segundo [Steigerung], a qual permeia no poder espiritual com um tempo mais elevado.

O crescimento da planta, fica atrelada a uma conceito transcendental, o qual é caracterizado por consagrar um caráter problemático. Para Goethe, todas as folhas empíricas são igualmente particulares e o órgão só pode ser geral, porque lhe falta essa particularidade. Neste ponto específico, o autor dá um sentido de imprevisibilidade, pois as plantas não precisam ter uma forma específica.

De modo geral, a linguagem da natureza está associada em um processo de dissociação e aglutinamento, pois podem ser observadas cirurgicamente as formas de uma transformação em outras partes sucessivamente. Na obra da metamorfose das plantas, fica evidenciado que o autor Goethe se preocupa com uma matriz propriamente dita e não com o crescimento espacial da planta em si. Essa matriz, corresponde a *Urpflanze*, a qual apresenta o processo da metamorfose.

Para Goethe, a *Urpflanze* é a imagem que representa as possibilidades de uma planta no tocante as formas concretas, vinculadas a vida da própria planta.

Essa formulação é a essência da metamorfose Goethiana, pois pressupõe que cada centro de crescimento da planta é ativo e que cada órgão também é ativo e a sua modelagem se dá em cada nó, e de maneira constante provoca o mesmo processo inúmeras vezes. Em outras palavras, a metamorfose das plantas é o conceito fundamental da afinidade interna entre as diversas configurações do crescimento da planta e os seus diversos órgãos.

A metamorfose das plantas está constituída na fisiologia das mesmas, a qual se divide em duas leis. A primeira lei, retrata a ordem interna pela qual a planta se constitui na condição interna da metamorfose. A segunda lei, ressalta as condições externas pelas quais a planta é modificada, ocorrendo assim, transformações na esfera química-orgânica e nos fatores físicos, tais como a temperatura, luz e obscuridade. Referente a essas 2 leis, fica deflagrado uma concepção entre fatores opostos, isto é, regular e irregular, normal e anormal, norma e desvio.

Com isso, podemos afirmar que a metamorfose é exatamente a concepção que domina esses processos antagônicos, isto é, regular e irregular. Sendo assim, denotamos uma fórmula geral ou uma lei propriamente dita, a qual engloba todos os conceitos e variações que correspondem a essa metamorfose propriamente dita.

É importante ressaltar, que a metamorfose é um processo e não uma metodologia, pois ela não pode ser considerada uma obra autossuficiente e acabada. Outra parte que desperta uma relativa atenção nesta obra são os condicionamentos e as comparações dos seus semelhantes, da distinção do que é dissemelhante, da subordinação dos objetos particulares a formas universais, os quais passam de uma simples imitação da natureza ao estilo ou do próprio limiar deste estilo. Este conceito traz à tona uma tese que corresponde ao desenvolvimento interno artístico, o qual propaga a sua intensificação e nos leva a reconhecer uma afinidade da natureza como uma forma de celebrar a vida.

Devemos ressaltar que a Forma representa um poder Alquímico, o qual identifica o ser e o seu aparecer. Portanto, a forma é algo em movimento que provém de um processo de transição, ou melhor dizendo, de uma doutrina de transformações. Os sinais oriundos da natureza podem ser caracterizados por uma doutrina de metamorfose, sendo este o carro chefe de todo o processo.

No campo da espiritualidade da metamorfose das plantas, podemos nos inclinar para a obtenção de pensamentos que deslumbram a relação do visível com o invisível. Em outras palavras, podemos dizer que o visível indica o invisível, onde o

reino dos visíveis é um reino luminoso, o qual celebra o mundo dos invisíveis. Para o mundo visível, tudo possui uma forma específica, o que atrai a atenção do observador, dando uma multiplicidade das formas e nas suas relações internas, além das variações deflagradas. Esses fatores, são de suma importância para relatar as experiências de auto morfose, a qual estabelece uma harmonia entre operações do espírito com a própria natureza humana.

Na obra de Goethe, a metamorfose é apresentada de três maneiras diferentes, sendo que estas estão retratas como regular, irregular e ocasional. A metamorfose regular é conhecida como progressiva, a qual possui um crescimento gradual e constante, ocorrendo uma transformação de uma forma a outra como uma escala espiritual. A metamorfose irregular é denominada como regressiva, pois ocorre um retrocesso no processo natural de cada planta. Para metamorfose ocasional temos a sua composição à partir do seu exterior, o qual possui um certo agente que interage com a planta e proporciona um crescimento. Podemos usar as abelhas como exemplo, de um agente externo que interage com as plantas, provocando a polinização da mesma.

2.6 A DINÂMICA DAS METAMORFOSES E OS PRINCÍPIOS FARMACOLÓGICOS

Desde o início da investigação referente à questão levantada pelos estudantes referente à como cada diferente planta medicinal conseguia desenvolver seu princípio farmacológico tínhamos claro que no tempo que dispúnhamos não conseguíamos alcançar essa resposta, mas conseguimos avançar na compreensão de como a Fenomenologia Goethiana referenda uma abordagem científica que favorece a percepção de argumentos que possibilitam alcançar conhecimentos, que se situam distantes das possibilidades decorrentes das abordagens de ciência, convencionais.

Assim, apontamos nesse item alguns aspectos que caracterizam as metamorfoses referenciadas na obra A Metamorfose das Plantas de Johann Wolfgang von Goethe, os quais contribuem para a compreensão de como as plantas se desenvolvem como modelo para viabilizar a compreensão de como as pessoas também se desenvolvem e também tem importante participação na construção do texto que se apresenta como produto final dessa investigação.

As metamorfoses se apresentam como mudanças que ocorrem na estrutura material e imaterial de viventes como decorrência de estímulos genótipos e também estímulos de matriz amparada em processos decorrentes de aprendizagens e de motivações sociais, mas carregam a marca da irreversibilidade, isto é, são mudanças que não se desfazem e passam a ser marca permanente em quem elas ocorrem.

Na referida literatura destacamos aspectos que fundamentam essa possibilidade, com a peculiaridade própria da Fenomenologia Goethiana, de romper com argumentos duais, para incorporar tríades, as quais viabilizam possibilidades de debates os quais certamente favorecem novos conhecimentos e novas compreensões dos conhecimentos já estabelecidos.

Nessa posição destacam-se que as metamorfoses referenciadas em aspectos triádicos caracterizam a relação das plantas medicinais como seres que carregam em si a dimensão de materialidade constituída por suas células, tecidos, órgãos e aparelhos; Carregam a dimensão de imaterialidade considerando as inúmeras transformações energéticas que lhe garantem a vida e carregam a dimensão de amaterialidade pelo fato dela desenvolver de forma obscura os fármacos que lhe são próprios e particulares.

Cabe destacar que essas três dimensões possuem diferentes formas de interação entre si, ao considerarmos que segundo a proposição investigativa Goethiana, essas três dimensões se desenvolvem como processos mediados pela tríade do Steigerung/Paranauê, caracterizado por Intensificação Sensibilização e Ritmo, os quais podem ser agentes de mediação entre os complexos processos bioquímicos, biofísicos e anímicos que resultam nos princípios ativos de cada espécie vegetal.

Cabe destacar que esses princípios ativos, são processos decorrentes da natureza do vegetal, como agente importante para seu metabolismo, sem que tivessem se caracterizado com a finalidade de atuar junto aos demais componentes vivos da biosfera.

A amaterialidade foi apresentada como sendo obscura, frente ao desafio posto pelas seguintes perguntas: O princípio ativo da planta medicinal dialoga com o homem doente? A doença da pessoa que utiliza o vegetal como medicamento recebe seus benefícios pelo fato da doença intensificar a sensibilização do doente, para que o fármaco atuasse como agente de cura?

Essas duas questões são aspectos importantes para a reflexão de como o princípio ativo do vegetal atua no próprio vegetal e cabe ainda, na dimensão da amaterialidade, interrogar de que forma o princípio ativo do planta medicinal se caracteriza como agente que se comunica com a pessoa que a utiliza como remédio?

Esses aspectos apontados nas questões devem ser refletidos numa dimensão diferente do que significa a dimensão humana. Cabe compreender que cada organismo é uma totalidade particular no eterno e no infinito, ao considerar que a totalidade é uma parte no eterno e no infinito. Assim cabe refletir cada um dos aspectos sem generalizações, pois a interação entre materialidade, imaterialidade e amaterialidade se manifestam como processos, que caracterizam a alta complexidade, do que vem a ser vida como processo de interações quânticas, caóticas e relativas.

O debate do que caracteriza as metamorfoses no contexto da formação de princípios ativos farmacológicos, incorpora também a dimensão simbólica, autêntica e real, tanto na importância desses componentes para a vida do vegetal como na interação com a pessoa que a utiliza. A consciência de que a perspectiva simbólica pode se contrapor com a dificuldade de se compreender o que vem a ser autêntica e real amplia o debate sobre a eficácia do fármaco, considerando a postura de aceitabilidade e recepção do usuário e considerando em que fase da vida do vegetal com suas inúmeras metamorfoses se desenvolve o medicamento como algo que pode ser caracterizado como simbólico, autêntico ou real?

Na dinâmica das metamorfoses quanto ao processo de formação do princípio medicamentoso, durante o desenvolvimento da planta, cabe ainda uma tríade caracterizada pela contração, expansão, modulação, a qual, como referência à Fenomenologia Goethiana tem importante papel na modulação do ritmo com que os processos de desenvolvimento de estruturas caracterizadas como vivas, nomeadas como biológicas, ocorrem considerando a perspectiva de essa análise considerar a constituição de todos os componentes cósmicos com as dimensões da materialidade, da imaterialidade e da amaterialidade.

Esse processo aqui inserido como referência de Ernesto Jacob Keim ao defender que os processos inerentes ao cosmo, ao planeta e a cada unidade que os constitui, apresenta-se como complexa interação contínua e intermitente de Eco-

reorganização, que é decorrente de metamorfoses contínuas e concomitantes, portanto em sistema de alta complexidade.

Essa dinâmica segundo esse autor, incorpora as teorias quântica, da relatividade e do caos incorporando elementos caracterizados como dissociação, aglutinação e constituição de estruturas constituintes do vegetal, as quais dão origem aos polos germinativos como base da modelagem, que se constitui em inúmeras transformações subordinadas a fatores físicos, químicos e orgânicos que dependem de temperatura, luz e obscuridade. Como dinâmica regular e irregular, normal e anormal, prevista e derivada, para cada estrutura em particular, conforme locução de Ernesto Jacob Keim (2019).

Com essa argumentação cabe voltar a um ponto importante nesse debate, o qual se refere ao momento ou etapa do desenvolvimento do vegetal, em que, por meio das inúmeras metamorfoses que ocorrem em seu processo vital, tem maior intensidade, a formação do elemento farmacológico. Johann W. von Goethe em seus estudos referentes a botânica, aponta que o desenvolvimento de cada parte do vegetal, desde o início de sua germinação e dos contínuos brotamentos, possibilita a ocorrência de aspectos peculiares e particulares nesse processo.

Assim sob uma terra fértil, a semente começa o seu processo de brotamento, isto é, o seu envoltório se desprende e inicia um complexo estágio de germinação.

Os primeiros órgãos são conhecidos como cotilédones ou também chamados folha da semente, pela forma e cor verde e por seus vasos que são semelhantes às nervuras das folhas.

Para Goethe, uma folha não se pode pensar sem um nó e um nó sem um olho. Portanto, o ponto que os cotilédones estão fixados é o primeiro ponto nodoso da planta.

Com os cotilédones fica mais perceptível o desenvolvimento da planta, pois suas ações são progressivas e visíveis aos nossos olhos, na medida em que o seu desenvolvimento se propaga de nó em nó, através da caulícola por uma sequência de várias folhas na nervura central, a qual forma um determinado leque, e este se divide, formando uma folha que fica parecido como um ramo. Ao mesmo tempo que ocorre a formação do pecíolo quando este faz a sua metamorfose que depende do ar, da água, do solo e da luz e também do escuro, os quais possibilitam

transformações que jamais voltarão a ser o que deixaram de ser. Assim a metamorfose se caracteriza como um moto perpétuo, pois se repete “*ad eternum*”.

Essa folha com a luz e o ar produzem os nutrientes para que as células do caule com seus condutores de seiva, expandam-se e possibilitem o afloramento das potencialidades dos botões germinativos que promovem a eclosão das folhas, flores, frutos e sementes.

Pelas experiências promovidas por Goethe, ficou notório que as folhas absorvem diferentes tipos de ar, os quais são combinados pela humidade contida no seu interior, gerando seivas refinadas que serão distribuídas pelo caule para todas as demais partes da planta.

Cabe destacar que Goethe fez essas observações em uma época em que não existiam microscópios e nem a biologia, sendo que a descoberta das células e a concepção de bioquímica veio à tona, depois de mais de um século de suas investigações. Assim, temos que os argumentos que sustentam a obra que dá suporte a essa pesquisa, lida com a amaterialidade e a imaterialidade sem os aspectos que os reprime dados pelos conhecimentos contemporâneos amparados fundamentalmente na perspectiva materializada e empírico-analítica.

Com a formação do caule e suas ramificações, possuindo os vasos condutores das seivas, observa-se o fim de um período de diferentes metamorfoses e se tem o início de outro, denominado como período da flor.

As flores partem de botões específicos com a formação inicial do cálice o que segundo Goethe era possível pela ação das seivas que potencializam uma profunda transformação nas plantas, desta maneira temos mais um importante conjunto de metamorfoses que se estendem até a formação dos frutos com suas sementes.

O valor dado às seivas por Goethe se deve ao fato dele ignorar que as células tinham seus cromossomos, os quais cremos atualmente que sejam os agentes que desencadeiam as metamorfoses, e nesse processo fica viva a pergunta central dessa pesquisa, ou seja, em que momento se formam os princípios ativos que caracterizam os fármacos a que se refere esse estudo.

É interessante imagina como foi a genialidade de Goethe em observar o desenvolvimento das plantas e buscar explicações que convencessem os interessados que perguntavam sobre os segredos que faziam com que os estamos

fossem diferentes dos pistilos como os agentes de sexualidade das plantas e que se colocassem em posições que favoreciam os processos reprodutivos.

Atualmente temos muitos recursos, alcançamos descrições ultra pormenorizadas, mas estamos longe de responder perguntas como as que motivaram Goethe e como as que brotaram do debate com os estudantes de escola periférica de Curitiba.

Ainda como decorrência da pesquisa realizada, é importante termos claro que ao descrevermos os componentes ambientais que caracterizam o que vem a ser vida, estamos dominando aspectos que, de certa forma, apresentam uma forma exterior da planta, e compreendemos o ritmo de sua dinâmica vital ao percebermos e acompanharmos as metamorfoses de cada planta e de cada estágio de seu desenvolvimento vital, mas ainda assim devemos cuidar para não cairmos no erro de definir ou conceituar uma forma padrão para as mesmas. Devemos ter atenção de não sermos presunçosos e acharmos que podemos prever as ações da Natureza, referente às suas forças e ações.

3 AS PLANTAS MEDICINAIS COMO FOCO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR

Buscando oxigenar o sistema educacional no tocante ao processo de ensino aprendizagem, e tendo como pano de fundo a educação ambiental como a fonte norteadora dos conteúdos e conceitos a serem trabalhados, as plantas medicinais foram determinantes para promover uma pesquisa interativa entre os docentes e seus educandos.

Com uma grande dose de determinação, criatividade, planejamento e pesquisa, foi possível constituir uma horta com plantas medicinais em um espaço escolar. Essa horta foi realizada dentro do Colégio Estadual Ipê, uma instituição de ensino localizada na região metropolitana de Curitiba.

O trabalho inicial ocorreu através de uma pesquisa feita pelos educandos, referente as plantas medicinais mais populares no Brasil. Por outro lado, esta pesquisa inclinou-se para as plantas medicinais de conhecimento nato entre os educandos e principalmente dos seus familiares, dando ênfase aos seus ancestrais.

Como ponto alto da pesquisa, posso ressaltar dois acontecimentos que foram de suma importância para enaltecer o trabalho educacional desenvolvido. O primeiro fato, o qual surpreendeu a todos, foi o processo da metamorfose ocorrido nas plantas, os quais superaram todas as expectativas e transcenderam um novo portal do próprio processo de aprendizagem. A cada mudança ocorrida nos vegetais, a cada variação e adaptação com o meio, a cada ritmicidade demonstrada, os educandos ficavam completamente irradiados pelo conhecimento alcançado. Os resultados obtidos através de cada processo, desde do seu plantio, passando pelo seu desenvolvimento e até sua colheita, foram determinantes para realçar uma mistura de êxtase com um estado de satisfação e pertencimento por ter participado de um projeto de pesquisa educacional.

Outro momento impactante deste trabalho, foi a participação de todos os educandos no laboratório do colégio para a extração do “sumo” das plantas, sendo que este foi transformado em um fármaco no estado *in natura*. O motor propulsor desta fase da pesquisa, foi buscar novos elementos interpretativos no tocante aos efeitos medicinais que essas plantas desempenham no organismo humano. Como elas reagem nesse organismo? Por que possuem essa função terapêutica? (...) entre outras perguntas pertinentes a esse contexto. Nesse ponto da pesquisa, ficou evidenciado a fenomenologia Goethiana, a qual busca compreender todo o processo

envolvido nesta metamorfose, a qual ocorre com o pesquisador em relação a sua pesquisa.

O segundo fator alcançado neste trabalho, foram as surpreendentes histórias contadas e vivenciadas pelos educandos em relação a superação de ideologias e comportamentos entre as diferentes gerações que compõem o seio familiar. Das várias histórias ocorridas entre os educandos, uma delas despertou uma atenção mais acentuada dos docentes.

Uma adolescente, com traços de uma personalidade um tanto hostil, foi metamorfoseada pelo trabalho, o que fez obter uma mudança de atitude surpreendente. Esta jovem que tinha sérios problemas de relacionamento com os seus familiares, principalmente com a sua avó materna, devido ao choque cultura e de costume entre ambas, decidiu mudar o seu posicionamento comportamental. A mesma começou a conversar e frequentar mais a casa de sua avó, a qual mora em um sítio localizado na zona rural, sendo que este lugar é desprovido de todos os recursos urbanos existentes, tais como: luz elétrica, água encanada e principalmente acesso à internet. O interesse de compreender a funcionalidade terapêutica e as histórias atreladas as plantas medicinais, levaram essa educanda a romper com qualquer diferença cultural e comportamental com a sua avó, trazendo à tona, o alicerce do conhecimento ancestral e acima de tudo os benefícios do relacionamento interpessoal entre neta e avó.

Conforme os relatos já mencionados anteriormente, ficou evidenciado a importância de desenvolver pesquisas desta natureza dentro do ambiente escolar, sendo fundamental para o educando no contexto do processo educacional e da sua própria formação pessoal e social.

3.1 O CONHECIMENTO ANCESTRAL E AS PLANTAS MEDICINAIS

Os primeiros registros realizados sobre as plantas medicinais são oriundos de quase todas as civilizações antigas, sendo que o primeiro uso terapêutico foi descrito em cuneiforme. Essas descrições foram feitas em 2.600 A.C., na Mesopotâmia, as quais tinham registro sobre os primeiros organismos vegetais como tratamento medicinal como o óleo de cedro (*Cedrus sp.*), alcaçuz (*Glycyrrhiza glabra*), mirra (*Commiphora sp.*), papoula (*Papaver somniferum*). Essas plantas eram utilizadas no tratamento de gripes e infecções bacterianas.

Outra referência escrita sobre o uso de plantas como remédios é encontrada na obra chinesa Pen Ts'ao ("A grande fitoterapia"), de Shen-Nong, de 2800 a.C. Shen-Nong é reconhecidamente o fundador da medicina chinesa, pois a ele são atribuídas as virtudes da descoberta das drogas vegetais e a capacidade de experimentar venenos, estabelecendo a arte de criar ervas medicinais.

No Brasil, a história da utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influências marcantes das culturas africana, indígena e europeia. A contribuição dos escravos africanos para a tradição do uso de plantas medicinais se deu por meio das plantas que trouxeram consigo, que eram utilizadas em rituais religiosos, e por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas.

Os indígenas que viviam antes e após a colonização brasileira, utilizavam plantas medicinais próprias da biodiversidade brasileira. Os pajés transmitiam o conhecimento acerca das ervas locais, e seus usos foram aprimorados a cada geração. Os primeiros europeus que chegaram ao Brasil se depararam com esses conhecimentos, que foram absorvidos por aqueles que passaram a habitar o país e a sentir a necessidade de viver do que a natureza lhes tinha a oferecer, e também pelo contato com os índios (MONTEIRO & BRANDELLI, 2017).

Além da influência indígena que sustenta o uso na atualidade de Plantas Medicinais, cabe destacar que a literatura além de evidenciar a influência da tradição indígena, destaca forte interação com conhecimentos advindos das vivências e conhecimentos, decorrentes da organização da vida nas comunidades africanas, mantidas e ampliadas pelas organização fundiária e cultural nominada como Quilombolas. A referência aos Quilombolas, no tocante à utilização de plantas medicinais para tratamento fitoterápico ou do mesmo com um cunho religioso, referente aos benzimentos realizados na tradição entre os membros dessa comunidade. Um exemplo dessa constatação é o trabalho realizado no Quilombo Mata Cavallo, localizada às margens da BR MT 060, no município de Nossa Senhora do Livramento MT, situada a 50 quilômetros da capital Cuiabá, em 2014, pelos acadêmicos Ferreira e Batista, e pela Professora Doutora Maria Correte Passa, do Instituto de Biociências /UFMT. As informações adquiridas através desse trabalho, revelaram que a maioria dos entrevistados utilizam plantas para fins medicinais, preservando os costumes em relação à essa prática, mantendo-a avivada de geração à geração. O contexto das análises revelou que "os entrevistados citaram 54 plantas que usam para fins medicinais e apresentarem seus fins terapêuticos,

dentre elas, *Plectranthus barbatus* Andr. (91%), *Cymbopogon citratus* DC. Stapf (83%), *Melissa officinalis* L. (59%), *Aloe vera* (L.) Burm. (70%) e *Mentha X villosa* Huds. (89%)” (Ferreira, Batista, Pasa, 2015, p.154).

Outro trabalho que também torna-se um referencial no que tange o estudo do uso de plantas medicinais por comunidades Quilombolas é o de Sales et al. (2009), realizado na comunidade quilombola Senhor do Bonfim –Areia - PB, onde estes obtiveram resultados aproximados ao uso medicinal de Erva Cidreira (70,8%), Capim Santo, também conhecido como Capim Cidreira, com (70,8%) e a Hortelã da folha miúda com (50%) e a Hortelã da folha graúda (33,3%).

Um dado interessante em relação aos trabalhos citados é que segundo os membros dessas comunidades, os vegetais os quais não se conhecem os princípios ativos, não devem ser utilizados; bem como, com a mesma cautela, alertam que aqueles que oferecem algum risco à saúde, necessitam de cuidado especial no preparo fitoterápico. No tocante às plantas com uso mais frequente estão os chás, as infusões, os extratos em alcoolatura, os xaropes e os banhos que, também, como uma forma mística, são utilizados para a limpeza das enfermidades. As análises apontam que as comunidades tradicionais quilombolas possuem um conhecimento de grande potencial tanto no saber referente aos tipos de plantas medicinais quanto ao específico uso das mesmas. Conforme (GIOVANELLA, 2008) o conhecimento confronta-se com a influência da medicina moderna e o avanço da tecnologia, que representam uma ameaça constante à continuidade desse saber tradicional. Os jovens filhos, inseridos no contexto dessa modernidade, já não demonstram o mesmo interesse que se fez presente na geração dos seus pais, interrompendo, assim, o processo de transmissão desse saber entre as gerações. (AMOROZO, 1996). Esse fato acaba por atingir outros aspectos que se integram a esse contexto cultural. A cultura de fitoterapia repassada entre as gerações possibilita que haja a preservação da mesma, além disso, a cura através das plantas medicinais é uma das formas de tratamento que propicia a cura dos membros das comunidades, visto que nem sempre há condições destes buscarem o tratamento médico, tanto pelo fato de se locomoverem aos locais que “ofertam” o referido tratamento, quanto aos altos custos dos medicamentos. Há de se considerar, nesse sentido, a importância de se manter viva a fé e a credibilidade que as comunidades Quilombolas colocam na eficácia das plantas.

Uma forma que pode contribuir para a preservação desses costumes tradicionais e que corresponde à valorização dos mesmos, e segundo Ferreira (1998) o maior interesse em estudos científicos acerca do assunto. É preciso, portanto, estimular a realização desses estudos, considerando a relevância dos seus resultados tanto individuais como sociais no tocante à saúde das pessoas em geral.

A cultura Indígena no que se refere à utilização de plantas medicinais se caracteriza como conhecimento de grande importância na promoção da saúde para as comunidades populares em geral. Os indígenas conhecem aplicações terapêuticas das plantas medicinais, sendo que o conhecimento adquirido pelos seus ancestrais é repassado para novas gerações, modelando e solidificando desta forma a sua cultura baseada em plantas e ervas com poder medicinal e curativo. Infelizmente, é retratado nos livros didáticos que o primeiro registro de utilização de plantas medicinais com fins terapêuticos no Brasil, foi realizada pelos pelo Padre jesuíta José de Anchieta, o qual é considerado o primeiro Boticário no Brasil (boticário = farmacêutico); retirando assim, o fato histórico dos Índios como percussores da utilização de ervas medicinais no Brasil, como atitude tipicamente colonialista.

Porém, é inegável o conhecimento indígena referente ao conhecimento dos princípios ativos das plantas medicinais, os quais são utilizadas com fins terapêuticos e espirituais. Para os índios Bororós (Mato Grosso), os remédios são quase todos vegetais, usando mais as raízes, sem desprezar, entretanto, as folhas e as cascas que, para eles, têm virtudes especiais. Usam as folhas maceradas e aquecidas, e as raízes carbonizadas. Afirma o padre Fra Mueller: "Das 470 espécies medicinais relacionadas no seu sistema *Matéria e Vegetabilis Brasiliensin*, Von Matius aponta mais de 100 que eram empregadas pelos indígenas. Da sabedoria indígena, os vegetais foram passando ao conhecimento popular e à farmácia convencional ". MUELLER, Franz, S.V.D. *O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano VII, vol.86, São Paulo).

Devemos notificar que a doença para os índios não possui apenas um aspecto fisiológico, onde um remédio feito de plantas medicinais cura uma determinada doença ou os sintomas provocados por ela. Para eles, todo processo de enfermidade envolve o corpo, o espírito e a mente. Segundo (ATHIAS,2001) só uma negociação bem-sucedida entre o curandeiro (à base ou não de alucinógenos) e o espírito causador da doença pode salvar o paciente. "Existe uma tríade dentro

do processo de cura xamânico: o poder da pessoa que conhece as palavras encantadas, as palavras em si, e a planta, que viabiliza a penetração daquela palavra”.

Por outro lado, o povo indígena é muito astuto, pois observa as atitudes dos animais na natureza e aprende com os mesmos, principalmente a utilização das plantas ou sementes a serem utilizadas para uma determinada doença. Para exemplificar esse conceito, ele observa a picada de uma cobra jararaca em um lagarto, o qual corre para a mata e mastiga uma determinada folha (planta medicinal), e está serve como um soro antiofídico para o lagarto. Desta forma, o índio absorve aquele conhecimento e coloca na sua lista de medicações para a sua aldeia.

3.2 A PESQUISA NO AMBIENTE ESCOLAR.

O processo inicial da pesquisa se deu com o questionamento sobre quais seriam as formas e métodos motivadores que seriam aplicados aos estudantes de escola pública à conhecer e utilizar plantas medicinais. Com isso, foi feito um questionário e aplicado aos discentes. Entre várias perguntas, Três delas foram o ponto de ignição para esse trabalho: “O que são plantas medicinais?” “Quantas plantas medicinais você conhece?” “Você ou algum parente seu já fizeram uso de alguma planta medicinal?”

Como resultado desse levantamento realizado com a participação integral dos 32 estudantes constituintes da turma de segundo ano do ensino médio da escola Estadual Ipê, tivemos os seguintes resultados:

- das 32 famílias dos estudantes entrevistadores, com relação ao que são Plantas medicinais, 9 não souberam responder; 20 disseram que são plantas que curam doenças e 3 apontaram que são plantas utilizadas na culinária

- das 32 famílias com relação à pergunta de quantas Plantas Medicinais você conhece, os resultados tabulados foram os seguintes: 2 famílias não conhecem nenhuma; 8 conhecem até três plantas; 15 famílias conhecem até 6 plantas medicinais; 5 famílias conhecem até 10 plantas medicinas e duas famílias conhecem mais que 10 plantas medicinais.

- das 32 famílias responderam à pergunta se você ou algum parente seu já fez uso de alguma planta medicinal o resultado tabulado apontou que 5 famílias não

souberam responder 2 afirmaram que não fizeram uso e 25 responderam afirmativamente.

Após ter delineado e debatido com os alunos a percepção inicial referente às plantas medicinais, foi realizada um novo conjunto de perguntas e respostas, as quais foram analisadas e debatidas na sequência. A pergunta inicial desse debate, girou em torno do uso das plantas medicinais utilizadas pelos ancestrais dos alunos. Foi perguntado quem utilizou ou utiliza as plantas medicinais em sua família? Qual é o principal conhecimento que seu pai, mãe ou avós comentaram sobre as plantas medicinais? Depois de transcorrida essa etapa, foi solicitado aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre os povos que utilizam as plantas medicinais como remédio e expressão cultural. Ficou evidenciado entre os alunos que os povos que mais utilizam as plantas medicinais são os indígenas, os Quilombolas e as comunidades sócio econômica desfavorecidas.

Outra questão levantada pela pesquisa, foi a constatação da utilização de plantas medicinais pela a comunidade que a escola pertence. Este último processo investigativo, tomou um corpo mais robusto no quesito da pesquisa, pois abriu um leque para uma conjuntura descritiva e histórica da identidade cultural dos alunos e de seus ancestrais.

Para se apropriar de um conhecimento histórico sobre a utilização das plantas medicinais pelos seus ancestrais, foi realizado um levantamento sobre os dados de algumas das plantas medicinais mais utilizadas pelas comunidades Quilombolas, Indígenas e pelo próprio conhecimento Popular. Os docentes com os seus educandos chegaram em um acordo sobre o nome das 5(cinco) plantas mais utilizadas, sendo que estas foram divididas pelo princípio ativo, conforme os sistemas do organismo humano pertinente. As plantas medicinais escolhidas foram: Alecrim (*Rosmarinus officinalis* / 8,3 %), Boldo (*Peumus boldus* / 12,5%), Capim Limão (*Cymbopogon citratus* / 70,8%), Guaco (*Mikania glomerata Spreng* / 70%) e a Hortelã (*Plectranthus amboinicus* / 33,2%). No Quadro 01, listamos as 5 plantas apontadas para os sistemas orgânicos dos humanos:

QUADRO 01

Nome Popular	Nome Científico	Sistema do Organismo Humano
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Sistema respiratório / nervoso
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Sistema digestório / nervoso
Capim Limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	Sistema muscular / nervoso
Guaco	<i>Mikania glomerata Spreng</i>	Sistema respiratório
Hortelã	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Sistema digestório/ nervoso

O autor (2019)

Conforme Luiz Francisco da Silva Souza (2007), várias comunidades tradicionais utilizam-se do conhecimento popular, através da diversidade cultural existente no Brasil, para apropriar-se do etnoconhecimento para o manejo e utilização das espécies nativas, como as plantas medicinais. Diante desta situação, os educandos com os respectivos docentes que se engajaram na pesquisa, resolveram criar um projeto de Educação Ambiental que pudesse contemplar entre inúmeros conceitos ambientais o cultivo destas plantas medicinais, dentro do espaço escolar. A primeira medida foi destinar um área no interior do Colégio Estadual Ipê que fosse adequado e funcional para o cultivo de uma horta com essas plantas medicinais citadas anteriormente.

Através de pesquisas bibliográficas, fizeram um levantamento das técnicas de cultivo e do manuseio das plantas medicinais. Desta forma, conseguiram atingir 2 (dois) fatores extremamente importante para um estudo de caso etnobotânico, o entendimento básico do cultivo e a obtenção de matéria prima para estudos posteriores. O evento toma como ponto de partida o conhecimento e a experiência dos participantes do grupo (LOPEZ,2009). Com isso, os discentes da segunda série do ensino médio do Colégio Estadual Ipê montaram um grupo nas redes sociais, para a divulgação e recrutamento de outros alunos para serem colaboradores do projeto da horta. A figura 01 mostra o espaço inicial que obtiveram para a implementação da horta das plantas medicinais.

Figura 1 - Preparo da Horta



Fonte: O Autor 2018

Com empenho e dedicação, os educandos conseguiram transformar o pequeno espaço escolar destinado ao projeto em uma horta com várias espécies de plantas medicinais, conforme mostram as figuras 02, 03 e 04:

Figura 2 - Manutenção da Horta



Fonte: (O Autor, 2018)

Figura 3 - Nome popular e científico do Boldo



Fonte: (Autora: Amanda G.E. Trevizani / ano: 2018)

Figura 4 - Prática Ambiental na Horta



Fonte: (Autora: Amanda G.E. Trevizani / ano: 2018)

Com a horta em processo de manutenção, os discentes perceberam que deveriam criar uma composteira para obtenção do húmus e todos os nutrientes necessários para o plantio de novas plantas, desta forma, aproveitaram os restos orgânicos proveniente da produção da merenda escolar e contribuíram com a redução de resíduos, estando assim, implícito a prática de uma educação ambiental organizada e funcional.

3.2.1 Análise do material Coletado e Produção de Extratos

Os educandos com essa atividade perceberam que novos horizontes se descortinavam para a relação das pessoas urbanizadas e a questão ambiental comum a todos os viventes. Assim, o projeto das plantas medicinais como trabalho de pesquisa para a produção da dissertação de mestrado com foco no ensino das Ciências Ambientais desencadeou inúmeros questionamentos junto aos educando e esse processo resultou nas atividades de laboratório com a possibilidade de utilizar os conhecimentos adquiridos de forma prática, no sentido de prepararem concentrados *in natura* (fármacos) das plantas, criando um processo de implementação de um Estudo Ambiental e Sustentável.

O processo de obtenção destes concentrados, foi inteiramente desenvolvido no laboratório do Colégio Estadual Ipê, com a produção de extratos, sob a supervisão e orientação dos docentes da área específica.

Nas figuras 05, 06, 07 e 08 são apresentados momentos desse processo produtivo dos concentrado das plantas medicinais colhidas na horta cultivada pelos estudantes, no qual foram desenvolvidas meios para a utilização de diversos fármacos, envasado e rotulado para consumo.

Figura 05



Fonte: (O Autor, 2018)

Figura 07



Fonte: (O Autor, 2018)

Figura 06



Fonte: (O Autor, 2018)

Figura 08



Fonte: (O Autor, 2018)

As dimensões que foram imaginadas e formatadas para este trabalho, superaram todas as expectativas previstas, pois o mesmo propulsionou uma interação entre alunos, professores e a própria comunidade, o qual resultou em um processo educativo de alto significado para todos, caracterizando-se como processo

essencialmente Freiriano. Essas ações e procedimentos que foram adotados e implementados no projeto, tiveram um resultado expressivo junto ao público alvo, concentrando-se especificamente no corpo escolar, com possibilidades de expansão para a comunidade local.

Como decorrência dessa atividade, no contexto escolar podemos destacar a elaboração e implementação de um Projeto Educacional que depende de diferentes premissas a serem consideradas, pois as mesmas estão atreladas a um bom plano diretor e a obtenção de um produto final. Porém, o principal fundamento consiste no “processo”, isto é, em todas as etapas que a construção do conhecimento ocorre entre o docente e os seus educandos. Segundo Paulo Freire, o diálogo é a ferramenta fundamental para a construção de um bom relacionamento interpessoal.

O presente trabalho trouxe à luz do conhecimento, um olhar diferenciado do convencional sobre Educação Ambiental, no tocante a uma postura que deslumbra e toma forma, referente nas considerações referentes à noção de pertencimento do homem junto aos ambientes no qual vive.

Esse relato não se propõe a apresentar uma nova Metodologia, mas sim apontar a educação como Processo Contínuo e Metamórfico, o qual identifica o ser humano como um agente ativo e integrante deste meio. Com um intuito de metamorfosear os discentes e os docentes na ação de implementação deste trabalho no espaço escolar, a continuação do mesmo fica atrelado nas intervenções dos efeitos que essas plantas medicinais podem provocar na extensão da própria comunidade, onde o mesmo for aplicado.

Dessa dinâmica pedagógico-didática, a finalidade inicial, que era a de desencadear uma dissertação de mestrado vinculada ao ensino das Ciências Ambientais, foi alterada diante das questões que foram levantadas em todos os debates, que me instigaram a buscar uma base teórica que desse a essa pesquisa uma dimensão de inéditismo e de vanguarda, conforme, a todo tempo era instigado por meu orientador.

3.3 A FARMACOLOGIA E AS PLANTAS MEDICINAIS NO CONTEXTO FAMILIAR URBANO CONTEMPORÂNEO.

Para compreender os processos farmacológicos no tocante a produção medicamentosa, temos que definir algumas nomenclaturas e conceitos fundamentais

na farmacologia. Com isso, é de suma importância que esse procedimento esteja atrelado a um processo cognitivo que rege uma malha funcional do contexto fisiológico, terapêutico e sócio cultural. Para tanto, temos que a Farmacologia é a ciência que estuda as drogas e suas ações (absorção, mecanismo de ação, excreção e efeitos adversos) no organismo; que a Droga é uma substância química capaz de produzir alterações fisiológicas ou patológicas no organismo vivo.

Temos que Remédio se caracteriza como conceito que se dá para tudo o que for feito com a intenção de combater a dor e a doença, sem ter comprovação científica e nem margem de segurança. Que o efeito Placebo é a administração de um medicamento visando o bem-estar psicológico do paciente, uma vez que este acredita que somente esta droga irá solucionar o seu problema, e sendo a Dose a quantidade de medicamento administrado.

Quando mergulhamos no entendimento da funcionalidade terapêutica das plantas medicinais, pela perspectiva da ancestralidade, observamos que todo conhecimento gerado, é absorvido e processado de uma maneira empírica. Tal procedimento, na maioria das vezes, é feito pela oralidade de um ancião, sendo que este, já manipulou e fez uso das propriedades terapêuticas das plantas medicinais.

Tais evidências efetivas pelo uso das plantas medicinais usadas e difundidas de maneira simplória pelos anciões, são acolhidas no seio popular, devido aos efeitos benéficos e comprobatórios que são difundidos ao longo da história, isto é, repassadas de geração a geração. Na maioria das vezes, todo processo de manipulação com as plantas medicinais oriundo do conhecimento popular, ficam agregadas aos procedimentos caseiros, isto é, não requer um processo de tecnologia de transformação química mais apurado.

3.3.1 As Famílias e as Plantas Medicinais

Quando usamos os conhecimentos populares das plantas medicinais, aliado ao conhecimento tecnológico dos processos de transformação química e biológica, temos uma potencialidade infinita de soluções que visam e qualificam o tratamento farmacológico com plantas medicinais, tendo como carro chefe, a Medicina Preventiva, a qual fortalece o sistema imunológico humano, evitando assim, várias doenças que poderiam se desenvolver a médio e longo prazo. Cada remédio, seja ele natural ou sintético, possui um mecanismo de função adequada, porém, estudos

apontam que os remédios considerados naturais, isto é, fitoterápicos, são extremamente eficazes quando administrados de maneira correta, além do custo benéfico e da ausência dos efeitos colaterais.

Após o auge do desenvolvimento da indústria farmacêutica e o domínio dos medicamentos sintéticos, hoje pelo menos 90% das classes farmacológicas incluem um protótipo de produto natural (World Health Organization, 2002). Dos 120 compostos ativos isolados de plantas superiores e utilizados atualmente, 74% têm o mesmo uso terapêutico nas sociedades nativas. (BRANDELLI,2017)

Por outro lado, é fundamental termos um olhar mais apurado para o conhecimento popular das plantas medicinais, sendo que o mesmo, está agregado ao legado ancestral de cada família. Foram esses ancestrais que obtiveram o conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais e a eficácia de suas propriedades terapêuticas, referente ao tratamento necessário para cada tipo de doença acometida pelos seus entes queridos.

Esse conhecimento, foi transmitido pela oralidade e repassado de geração a geração, popularizando-se e sendo divulgado de maneira informal até os dias atuais. É muito comum encontrar no dia a dia, pessoas que sabem ou já ouviram falar de remédios caseiros elaborados por plantas medicinais, os quais acreditam que são excelentes para tratamentos médicos de curto a médio prazo.

Muito mais que uma crendice popular, os remédios naturais elaborados com plantas medicinais e utilizados pelas famílias em um passado longínquo, foram fundamentais para propagar a eficácias dessas plantas e despertar o interesse das indústrias farmacêuticas na elaboração e composição de seus fármacos.

É muito importante ressaltarmos o conhecimento popular, pois o mesmo serviu e ainda é utilizado para pesquisas e estudos científicos na área médica.

3.4 AS METAMORFOSES E AS PLANTAS MEDICINAIS

Segundo a obra de Johann Wolfgang von Goethe referente a “metamorfose das plantas”, essa está constituída em uma fisiologia da qual se divide em duas leis. A primeira lei, retrata a ordem interna pela qual a planta se constitui na condição interna da metamorfose.

A segunda lei, ressalta as condições externas pelas quais a planta é modificada, ocorrendo assim, transformações na esfera química-orgânica e nos

fatores físicos, tais como a temperatura, luz e obscuridade. Referente a essas 2 leis, fica deflagrado uma concepção entre fatores opostos, isto é, regular e irregular, normal e anormal, norma e desvio. Com isso, podemos afirmar que a metamorfose é exatamente a concepção que domina esses processos antagônicos, isto é, regular e irregular. Sendo assim, denotamos uma fórmula geral ou uma lei propriamente dita, a qual engloba todos os conceitos e variações que correspondem a essa metamorfose propriamente dita.

É importante ressaltar, que a metamorfose é um processo e não uma metodologia, pois ela não pode ser considerada uma obra autossuficiente e acabada. Outra parte que desperta uma relativa atenção nesta obra são os condicionamentos e as comparações dos seus semelhantes, da distinção do que é dissemelhante, da subordinação dos objetos particulares a formas universais, os quais passam de uma simples imitação da natureza ao estilo ou do próprio limiar deste estilo. Este conceito traz à tona uma tese que corresponde ao desenvolvimento interno artístico, o qual propaga a sua intensificação e nos leva a reconhecer uma afinidade da natureza como uma forma de celebrar a vida.

No campo da espiritualidade da metamorfose das plantas, podemos nos inclinar para a obtenção de pensamentos que deslumbram a relação do visível com o invisível. Em outras palavras, podemos dizer que o visível indica o invisível, onde o reino dos visíveis é um reino luminoso, o qual celebra o mundo dos invisíveis. Para o mundo visível, tudo possui uma forma específica, o que atrai a atenção do observador, dando uma multiplicidade das formas e nas suas relações internas, além das variações deflagradas. Esses fatores, são de suma importância para relatar as experiências de auto morfose, a qual estabelece uma harmonia entre operações do espírito com a própria natureza humana.

Na obra de Goethe, a metamorfose é apresentada de três maneiras diferentes, sendo que estas estão retratadas como regular, irregular e ocasional. A metamorfose regular é conhecida como progressiva, a qual possui um crescimento gradual e constante, ocorrendo uma transformação de uma forma a outra como uma escala espiritual. A metamorfose irregular é denominada como regressiva, pois ocorre um retrocesso no processo natural de cada planta. Para metamorfose ocasional temos a sua composição à partir do seu exterior, o qual possui um certo agente que interage com a planta e proporciona um crescimento. Podemos usar as

abelhas como exemplo, de um agente externo que interage com as plantas, provocando a polinização da mesma.

Sabendo que as plantas medicinais também fazem parte de todo esse processo descrito por Goethe, e que as mesmas possui os três fatores fundamentais que encorpam e dão significado a palavra *Paranauê/Steigerung*, as quais são: Sensibilização, Intensificação e Ritmicidade, a sua funcionalidade terapêutica é outro objeto de estudo que incorpora as prerrogativas dentro do contexto da fenomenologia Goethiana.

Compreender a metamorfose de uma planta medicinal aliada à sua funcionalidade terapêutica com todas as expectativas benéficas ao organismo humano, traz uma avalanche de conhecimentos que são ressaltados por todos os pontos de especulação científica que esta pesquisa possa estar submetida. Essa metamorfose tanto estrutural quanto comportamental na própria planta, ressalta um interesse ímpar no pesquisador e deflagra no mesmo uma busca incansável de obter respostas, mas acima de tudo de fazer parte de todo o processo que está submetido na própria metamorfose pessoal.

4 O PRODUTO DESSA INVESTIGAÇÃO

O trabalho desta pesquisa, resultou em um livro, configurado como uma obra literária que permeia através da ficção histórica, percepções do cotidiano da vida referenciadas na fenomenologia Goethiana, adentando em aspectos que traspõem a materialidade. Esse livro, traz de forma romaneada conhecimentos desenvolvidos nessa pesquisa de mestrado, tendo como foco viabilizar a propagação dos conhecimentos advindos de forma agradável e profundos alguns aspectos referentes ao contexto civilizatório contemporâneo que são tratados de forma a valorizar conhecimentos originários e conhecimentos decorrentes da Fenomenologia Goethiana e da obra literária a Fenomenologia das Plantas de Johann Wolfgang von Goethe.

A proposta do título dessa obra está retratada como: “A FLOR DE SAFIRA”, que tem como pano de fundo a ação de uma mulher camponesa cega, que socorre um soldado da guerra do contestado, ocorrida na fronteira dos estados de Santa Catarina e Paraná, ferido e perdido na mata, curando-o utilizando os recursos decorrentes do uso de plantas medicinais e demais processos curativos da tradição de seu povo.

Esse história descreve uma jovem camponesa cega que possui uma sensibilidade excepcional com plantas medicinais e de um jovem soldado que possui ideias extremamente fundamentalistas e objetivistas. A imersão dos nossos protagonistas nessa ficção, procura demonstrar um conjunto de valores sociais e culturais, os quais são colocados à prova de um grande amor à vida, sendo que este sentimento proporciona uma verdadeira e profunda mudança em suas vidas, trazendo à tona o contexto da essência do que vem a ser uma metamorfose na dimensão Goethiana.

Este trabalho tem o intuito de ser divulgado para diversos públicos, pois permite uma reflexão do social ao educacional e do cultural ao pessoal, com uma suave especulação científica materializada e um pequeno mergulho no campo da imaterialidade e amaterialidade caracterizado como dimensão anímica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e implementação de um bom Projeto educacional consistem em várias premissas a serem consideradas, pois as mesmas estão atreladas a um bom plano diretor e a obtenção de um produto final, além do comprometimento do pesquisador com a sua pesquisa. Na fenomenologia Goethiana, o pesquisador não possui um papel passivo, isto é, o mesmo, possui uma ação interativa, fazendo parte integrante da pesquisa.

O principal fundamento consiste no “processo”, isto é, em todas as etapas que a construção do conhecimento ocorre entre o docente e os seus educandos. Segundo Paulo Freire, o diálogo é a ferramenta fundamental para a construção de um bom relacionamento interpessoal.

Este estudo apresentou a inter-relação sobre as questões ambientais, sociais e culturais, as quais foram trabalhadas pelos docentes e discente no contexto das plantas medicinais, sendo que estes foram guiados pela convicção que tudo é possível, quando o trabalho em equipe e um desejo comum supera qualquer obstáculo que possa ocorrer neste processo.

Desta forma, este estudo trouxe à tona várias possibilidades de serem exploradas dentro e fora de um ambiente escolar, tendo como pano de fundo, o processo da metamorfose que ocorre tanto no pesquisador quanto nas pessoas que participam da pesquisa. Em todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, ficou evidenciado essa transformação.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O presente trabalho trouxe para a luz do conhecimento, um novo olhar sobre Educação Ambiental, no tocante a uma postura que deslumbra e toma forma, referente aos pensamentos de pertencimento do homem ao meio.

Definitivamente, não estamos falando de uma nova Metodologia, mas sim de um Processo Contínuo e Metamórfico, o qual identifica o ser humano como um agente ativo e integrante deste meio. Com um intuito de metamorfosear os discentes e os docentes na ação de implementação deste trabalho no espaço escolar, a continuação do mesmo fica atrelado nas intervenções dos efeitos que essas plantas

medicinais podem provocar na extensão da própria comunidade, onde o mesmo for aplicado.

Para obter novas dimensões que possam brindar a continuidade deste trabalho, fica como sugestão de pesquisa futura as origens ancestrais de cada planta medicinal abordada neste trabalho, referente a sua importância no contexto histórico e cultural das primeiras civilizações que utilizaram as mesmas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68
- ATHIAS, Renato e MACHADO, Marina **Saúde Indígena no Processo de Implantação dos Distritos Sanitários – Temas Críticos e Propagandas para um diálogo interdisciplinar**. Em Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17 (2) março, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2001.
- BACH JR, Jonas. **Fenomenologia de Goethe e Educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Lohengrin, 2017.
- BATESON, Gregory. **Mind and Nature**. A necessary Unity, New York, Dulton: Versão portuguesa: A natureza e o espírito. Uma unidade necessária, Lisboa, Quixote, 1987. Versão francesa: La nature et la pensée, Paris, Seuil, 1984.
- BATISTA, Caio A. S., FERREIRA, André L. S., PASA, Maria, C. **uso de plantas medicinais na comunidade quilombola mata cavalo em nossa senhora do livramento – MT, BRASIL, Biodiversidade - V.14, N1, 2015, p.151-160.**
- BRANDELLI, Clara Lia Costa. PLANTAS MEDICINAIS: HISTÓRICO E CONCEITOS. Disponível em: http://srvd.grupo.com.br/uploads/imagensExtra/legado/M/MONTEIRO_Siomara_Cruz/Farmacobotanica/Lib/Amostra.pdf> acesso em 21 jan.2019.
- _____, Siomara da Cruz. **Farmacobotânica: Aspectos Teóricos e Aplicação**. Editora Artmed, São Paulo, 2017
- BRASIL(2007). Ministério da Educação. A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para concluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira**”, e dá outras providências.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>> acesso em 02 ago.2018.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/arquivos/compostagem.pdf> acesso em 29 ago. 2018.
- BRASIL.(2009). Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos**. Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos/ Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento

de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília:

CAPRA, Fritjof; “**O Tao da Física** – Uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental.” Editora: Cultrix, Lisboa 1983

COSTA, Junio Souza da Costa. **A EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE: UMA PRIMEIRA ANÁLISE FILOSÓFICA**. Disponível em:
<<http://www.theoria.com.br/educacao18/06182015RT.pdf>> acesso em 30 jan.2019

DIAS, T. A. B. **Plantas medicinais no Brasil**. Boletim G 15 Gene Banks para Plantas Medicinais Aromáticas. Distrito Federal – Brasília, 1995

FERREIRA, S. H. (Org.). **Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 131 p. 1998.

FREIRA, Paulo. **Pedagogia da autonomia** “Saberes Necessários à Prática Educativa”. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996

_____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GIOVANELLA, L. (Org). **Políticas e Sistema de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2008

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das Plantas** In: DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNESP.1996. p.47-68

_____. **A metamorfose das Plantas**. Ed. Antroposófica – 4º edição São Paulo, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente: Sincronicidade** – Ed. Vozes - 21º edição: Vol. 08/03, Rio de Janeiro, 2018.

KEIM, Ernesto Jacob . **Ciência como Postura Fenomenológica Goethiana frente aos métodos Empírico-Analítico (positivismo) e Crítico. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida**. Matinhos PR, UFPR. 2018. Disponível em <<http://profjacob.com.br> > Power Point. Bloco 3 Apresentação 3.2. Consultado em 30/01/2019

_____. **“Educação da Insurreição: Emancipação Humana, Ontologia e Pedagogia em Georg Lukács e Paulo Freire** “Jundiaí, Paco Editorial, 2011

_____. **Ciência como Postura Fenomenológica Goethiana frente aos métodos Empírico-Analítico (positivismo) e Crítico**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2018. Disponível em <<http://profjacob.com.br> > Power Point. Bloco 3 Apresentação 3.2. Consultado em 14/05/19.

_____. **Emancipação Humana Frente à Banalização do Mal**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2018. Disponível em <<http://profjacob.com.br>> Power Point. Bloco 4 Apresentação 4.1. Consultado em 10 /08 /18.

LOPES, C. V. G. **O conhecimento etnobotânico da comunidade quilombola do varzeão, Dr. Ulysses(PR): no contexto do desenvolvimento rural sustentável**. 161 f. Tese (Doutorado em Ciências Agrônômicas). Departamento de Produção do Arquivo Municipal”, Ano VII, vol.86, São Paulo).

MERE, J. C. E. et al. CONHECIMENTO, PERCEPÇÃO E ENSINO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT – AM. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID482/v13_n2_a2018.pdf> acesso em 19 dez. 2018.

MUELLER, Franz, S.V.D. **O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio, in** Revista do Arquivo Municipal, Ano VII, vol. LXXXVI, São Paulo

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1995

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 40,n. 2,p. 325-346, June 2014 . <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014061843>.

RIBEIRO, L.M.P. **Aspectos etnobotânicos numa área rural** - São José da Cristina-MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro. 1996. 129p.

SALES, G. P. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. **Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim –Areia-PB**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. Vol. 1, 2009

SANARE: Revista de Políticas Públicas. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1232-3124-1-SM.pdf>> acesso em 10 jan.2019.

SOUZA, L. F. **Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado** (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). Revista Brasileira de Plantas Mediciniais. V.9, n.4, p.44-54, 2007.

STEINER, Rudolf. **Matéria, forma e Essência**. São Paulo: Antroposófica. 2018.

THOM, René; **Espaces fibrés en sphères et carrés de Steenrod**- Annales

scientifiques de l'É.N.S. 3e série, tome 69 (1952), p. 109-182

UNESCO. A Carta de Belgrado: Uma estrutura global para a educação ambiental. 1975. p. 1-5.

Vegetal, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2009

YUNES R.A., PEDROSA R.C., CECHINEL Filho V. **Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil.** Química Nova. v.24, n.1, p.147-152, 2001.

ANEXO 1 - CARTA DE BELGRADO

Carta de Belgrado

Uma estrutura global para a educação ambiental

A. Situação da problemática ambiental

Nossa geração foi testemunha de um crescimento e de um progresso tecnológico sem precedentes, que mesmo quando aportou benefícios a muitas pessoas, provocou ao mesmo tempo graves consequências sociais e ambientais. Aumenta a desigualdade entre ricos e pobres, entre as nações e dentro delas; e existem evidências de uma crescente degradação ambiental, sob diferentes formas, em escala mundial. Esta situação, apesar de causada principalmente por um número relativamente pequeno de países, afeta a toda humanidade.

A recente Declaração das Nações Unidas para uma Nova Ordem Econômica Internacional (Resolução da 6ª Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU, adotada em 10 de maio de 1974, Nova Iorque), pede um novo conceito de desenvolvimento, que leve em consideração a satisfação das necessidades e os desejos de todos os habitantes da Terra, o pluralismo das sociedades e o equilíbrio e harmonia entre o homem e o ambiente. O que se busca é a erradicação das causas básicas da pobreza, da fome, do analfabetismo, da contaminação, da exploração e da dominação. Tratar, como se fazia antes, estes problemas cruciais de modo fragmentado, não é de modo algum adequado à esta situação.

É absolutamente vital que todos os cidadãos do mundo insistam em medidas que apoiem um tipo de crescimento econômico que não tenha repercussões prejudiciais para as pessoas, para seu ambiente, nem para suas condições de vida. É necessário encontrar modos de assegurar que nenhuma nação cresça ou se desenvolva às custas de outra, e que o consumo de um indivíduo não ocorra em detrimento dos demais. Os recursos da Terra devem ser utilizados de modo que beneficiem a toda humanidade, e que proporcionem melhoria da qualidade de vida para todos.

Portanto, necessitamos uma nova ética global, uma ética dos indivíduos e da sociedade que corresponda ao lugar do homem na biosfera; uma ética que reconheça e responda com sensibilidade as relações complexas, e em contínua evolução, entre o homem e a natureza e com seus similares. Para assegurar o

modelo de crescimento proposto por esse novo ideal mundial, devem ocorrer mudanças significativas em todo mundo, mudanças baseadas em uma repartição equitativa dos recursos do mundo e em sua satisfação, de modo mais justo, das necessidades de todos os povos. Esse novo tipo de desenvolvimento exigirá também a redução máxima dos efeitos nocivos sobre o meio ambiente, o uso de resíduos para fins produtivos e o desenvolvimento de tecnologias que permitam alcançar estes objetivos. Sobretudo, se exigirá a garantia de uma paz duradoura, através da coexistência e da cooperação entre as nações que tenham sistemas sociais diferentes. Se conseguirá recursos substanciais destinados à satisfação das necessidades humanas restringindo os armamentos militares e reduzindo a corrida armamentista. A meta final deve ser o desarmamento.

Esses novos enfoques do desenvolvimento e da melhoria do meio ambiente exigem uma reclassificação das prioridades nacionais e regionais. Devem ser questionadas as políticas que procuram intensificar ao máximo a produção econômica sem considerar as consequências para a sociedade e para a quantidade dos recursos disponíveis para melhorar a qualidade de vida. Para que se possa alcançar a mudança de prioridades, milhões de pessoas terão que adequar as suas, e assumir uma ética individualizada e pessoal, e manifestar, em seu comportamento global, uma postura de compromisso com a melhoria da qualidade do meio ambiente e da vida de todos os povos do mundo.

A reforma dos processos e sistemas educativos é essencial para a elaboração desta nova ética do desenvolvimento e da ordem econômica mundial. Os governos e formuladores de políticas podem ordenar mudanças e novos enfoques para o desenvolvimento, podem começar a melhorar as condições de convívio no mundo, mas tudo isso não deixa de ser solução de curto prazo, a menos que a juventude mundial receba um novo tipo de educação. Isso vai requerer a instauração de novas e produtivas relações entre estudantes e professores, entre escolas e comunidades, e ainda entre o sistema educativo e a sociedade em geral.

A Recomendação 96 da Conferência sobre o Meio Ambiente Humano de Estocolmo pediu um maior desenvolvimento da Educação Ambiental, considerada como um dos elementos fundamentais para poder enfrentar seriamente a crise ambiental no mundo. Essa nova Educação Ambiental deve se basear e se vincular amplamente aos princípios básicos definidos na Declaração das Nações Unidas sobre a “Nova Ordem Econômica Internacional”.

É nesse contexto que devem ser colocados os fundamentos para um programa mundial de Educação Ambiental que possibilitará o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, de valores e atitudes, enfim, um esforço direcionado a uma melhor qualidade do ambiente, e de fato, para uma melhor qualidade de vida para as gerações presentes e futuras.

B. Metas Ambientais

A meta da ação ambiental é:

Melhorar todas as relações ecológicas, incluindo a relação da humanidade com a natureza e das pessoas entre si.

Assim, existem dois objetivos preliminares:

1. Para cada nação, de acordo com sua própria cultura, **esclarecer o significado de conceitos básicos**, tais como a “qualidade de vida” e a “felicidade humana”, no contexto do ambiente global, esforçando-se também para precisar e compreender essas noções como são compreendidas por outras culturas além das fronteiras nacionais.

2. **Identificar as ações** que garantam a preservação e melhoria das potencialidades humanas e que favoreçam o bem-estar social e individual, em harmonia com o ambiente biofísico e com o ambiente criado pelo homem.

C. Meta da Educação Ambiental

Formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados, e que tenha conhecimento, aptidão, atitude, motivação e compromisso para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para prevenir novos.

D. Objetivos da Educação Ambiental

Tomada de consciência. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir maior sensibilidade e consciência do meio ambiente em geral e dos problemas.

Conhecimentos. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir uma compreensão básica do meio ambiente em sua totalidade, dos problemas associados e da presença e função da humanidade neles, o que necessita uma responsabilidade crítica.

Atitudes. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir valores sociais e um profundo interesse pelo meio ambiente que os impulse a participar ativamente na sua proteção e melhoria.

Aptidões. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a adquirir as aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais.

Capacidade de avaliação. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a avaliar as medidas e os programas de educação ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, sociais, estéticos e educativos.

Participação. Ajudar às pessoas e aos grupos sociais a desenvolver seu sentido de responsabilidade e a tomar consciência da urgente necessidade de prestar atenção aos problemas ambientais, para assegurar que sejam adotadas medidas adequadas.

E. Destinatários

O destinatário principal da Educação Ambiental é o público em geral. Nesse contexto global, as principais categorias são as seguintes:

1. O setor da educação formal: alunos da pré-escola, ensino básico, médio e superior, professores e os profissionais durante sua formação e atualização.
2. O setor da educação não-formal: jovens e adultos, tanto individual como coletivamente, de todos os segmentos da população, tais como famílias, trabalhadores, administradores e todos aqueles que dispõem de poder nas áreas ambientais ou não.

F. Diretrizes Básicas dos Programas de Educação Ambiental

1. A Educação Ambiental deve considerar o ambiente em sua totalidade – natural e criado pelo homem, ecológico, econômico, tecnológico, social, legislativo,

cultural e estético.

2. A Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, permanente, tanto dentro como fora da escola.

3. A Educação Ambiental deve adotar um método interdisciplinar.

4. A Educação Ambiental deve enfatizar a participação ativa na prevenção e solução dos problemas ambientais.

5. A Educação Ambiental deve examinar as principais questões ambientais em uma perspectiva mundial, considerando, ao mesmo tempo, as diferenças regionais.

6. A Educação Ambiental deve se basear nas condições ambientais atuais e futuras.

7. A Educação Ambiental deve examinar todo o desenvolvimento e crescimento a partir do ponto de vista ambiental.

8. A Educação Ambiental deve promover o valor e a necessidade da cooperação a nível local, nacional e internacional, na solução dos problemas ambientais.

ANEXO 2 - RESUMO DO LIVRO FLOR DE SAFIRA

Sinopse da história.

A presente história consiste em fatos fictícios, baseados em fatos reais, os quais deslumbram um romance espiritualista que ocorre no final do século XIX na conhecida guerra do Contestado, a qual foi uma luta travada pela república federalista contra a humilde resistência de colonos e pequenos fazendeiros da divisa entre os Estados de Santa Catarina e Paraná.

O fio condutor que permeia a nossa história, consiste em uma jovem camponesa cega, a qual possui um conhecimento muito grande com a utilização de plantas medicinais e teve a sua avó Josefina como a sua mentora e uma grande incentivadora de seus sonhos, principalmente de enxergar a beleza da natureza com os olhos de sua alma.

Essa jovem cega chamada de Franchesca, descobriu o amor por um jovem chamado Ernesto, o qual era um soldado da federação. Ernesto foi ferido com a sua própria arma e por uma força do destino foi parar na casa da Franchesca, a qual tratou dos ferimentos deste jovem sem saber que ele era um soldado, sendo desta forma um inimigo oculto de seu pai, o qual era chamado de Adolfo, um pequeno fazendeiro da região em disputa.

Ernesto ficou impressionado com as habilidades de Franchesca, principalmente com a manipulação das ervas medicinais e com os procedimentos curativos. O mesmo passou alguns dias na casa da jovem Franchesca para se recuperar dos seus ferimentos e enquanto isso, o seu pai estava no campo de batalha contra os militares da federação. Devido a esse tempo, os dois jovens foram descobrindo as suas semelhanças e ao mesmo tempo foi despertando um sentimento que foi tomando conta dos dois e uma grande paixão começou a nascer.

Com medo da reação da própria Franchesca e todos os colonos, Ernesto se apresentava como um cacheiro viajante, o qual comentava que foi atacado pelos soldados da federação e os mesmos tinham saqueados todas as suas mercadorias. Com a compaixão de todos do vilarejo e principalmente da sua encantadora Francesca, Ernesto foi se aproximando das pessoas cada vez mais, criando um grande vínculo de amizade e sentimento mútuo com o propósito que movia a todos pela luta em defesa da terra dos colonos.

Ernesto ficava muitas vezes perdido em seus pensamentos idealista, pois por um lado tinha a obsessão da obediência militar, pela qual foi treinado e por outro lado um sentimento avassalador que destruirá qualquer sentimento racional que ele pudera ter.

Quando os federalistas se aproximaram do território do Contestado para desbravar as matas e imponentemente construir a estrada de ferro que ligava o estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, encontraram uma resistência desses colonos que estavam apoderados de pedras, paus, machados, facões e algumas garruchas enferrujadas. Por outro lado, tinha um exército fortemente armado que dispunha de soldados treinados para matar e obedecer cegamente as ordens de seus superiores. Várias batalhas sangrentas foram travadas nesse período histórico, sempre com grande desvantagens para os colonos, que resistiram bravamente por 3 anos até o rendimento dos poucos fazendeiros que aceitaram sair da região para manter a suas famílias vivas e desbravar novas terras em busca de um novo lar.

Nesse intervalo de tempo, isto é, nesses 3 anos muitas coisas aconteceram nesse pequeno vilarejo chamado de Santa Luzia, considerada a padroeira dos colonos. Independente da guerra, vários personagens fizeram parte dessa história, sendo que cada um deles possui a sua própria história pessoal, sendo que estas estão condicionadas à nossa protagonista Franchesca.

Resumo:

Em um pequeno e encantador lugar localizado na divisa dos estados de Santa Catarina e do Paraná, existiu um vilarejo chamado de Santa Luzia, o qual era composto por pessoas humildes e trabalhadoras. Esses colonos possuíam a alegria estampada em seus rostos, simplesmente pelo fato de terem as suas terras para plantar e tirarem o sustento de suas famílias e acima de tudo sentir a liberdade que a mãe natureza proporcionava com o cheiro da mata silvestre.

Todas as tardes de domingo, os colonos eram agraciados com as doces melodias do velho acordeom do Sr. Giusepe, o qual dedilhava as mais belas canções italianas. A sua música era uma mistura de nostalgia com exaltação de alegria que caracterizava aquela pequena e pacata comunidade, porém com uma alegria imensurável.

O Sr. Samuel era o líder comunitário, sendo que este homem parecia mais um anjo da guarda do que um líder comunitário, pois além de grandes conselhos com as suas sábias palavras, ele sempre estava disposto a ajudar a todos da melhor maneira possível.

Existia a Antônia, a qual era a melhor amiga de Francesca. Essa moça era uma jovem que estava sempre presente e sabia todos os segredos da Franchesca, pois a amizade delas vinha da própria infância encantadora que tiveram naquele encantado vale. Trocavam confidências, eram muito parecidas em muitas coisas, bom era isso que Francesca acha pelo menos.

O pai da Francesca, o Sr. Adolfo era um pequeno fazendeiro da região, plantava muita erva mate, produto pelo qual tiravamos o nosso sustento. O pai de Francesca amava a sua filha de maneira incondicional, porém carregava em seu semblante uma tristeza profunda, toda vez que olha para a sua filha. Ao mesmo tempo que a sua filha lembrava muito a aparência de sua mulher, este fato remetia em forma de tortura nos seus pensamentos, pois a sua esposa faleceu no parto da Francesca, fato pelo qual ele não se perdoava.

Como que um homem poderia lidar com esse fato, sabendo que o dia mais feliz de sua vida, referente ao nascimento de sua filha primogênita, contrastou com o dia mais triste de sua vida também, pois uma terrível hemorragia tirou a vida de sua amada esposa Geovana horas depois de ter dado a luz para a pequenina Francesca.

A própria Francesca carregava essa culpa em sua alma, pois sempre achou que a morte de sua mãe era responsabilidade sua, principalmente pois a mesma escutou várias vezes o choro de seu pai, principalmente toda vez que a ela fazia aniversário.

Na verdade, Francesca nunca soube na verdade se o choro de seu pai era pela felicidade dela estar viva e ser a sua única filha ou pelas lembranças que seu querido pai tinha da sua mãe Geovana.

Com triste fato, a vida proporcionou que Francesca fosse criada pela sua avozinha Josefina, a qual foi a sua referência de mãe. Com ela, essa menina aprendeu muitas coisas, principalmente o amor ao próximo de maneira incondicional, sem esperar nada em troca. Além disso, ela despertou em Francesca o dom da cura através da utilização das plantas medicinais.

A vovó Josefina era conhecida por todos no vilarejo como a Sra. Josefa, a qual ensinou a sua neta que cada planta era igual a uma pessoa, pois elas possuem o seu tempo de despertar para a vida, que cada uma delas também tem um grau de intensidade de como lidar com cada problema que surgem ou até mesmo com as possíveis alegrias que revestem a sua alma.

Ter a sensibilidade de lidar com as adversidades ou com a própria felicidade é um exercício constante. A intensidade dos sentimentos é outro fator que a vovó Josefa explicava muito para a sua neta. Josefa sempre citava como um exemplo de vida o pai Sol, pois para muitos os seus raios solares eram escaldantes, provocavam queimaduras na pele, disseminavam a seca em regiões semiáridas ou praticamente desérticas, porém para outros, era uma fonte de vida que aquece todas as manhãs geladas. Trazem alegria e vida para as plantas, pois através destes raios solares as mesmas conseguem fazer a fotossíntese, conseguindo transformar dessa maneira a energia solar em química, vital para a sua sobrevivência, subtraindo do solo todos os seus nutrientes para dar continuidade a vida dela e de outros animais que dependem de sua existência.

A vovó Josefa dizia que tudo era um ponto de vista, cada qual com o seu, dando maior ou menor grau de intensidade, sensibilidade e acima de tudo, tendo que aceitar que todos estes acontecimentos respeitavam uma ordem cronológica, isto é, cada um possui o seu tempo de se conhecer e despertar para a própria vida. Infelizmente, anos depois quando a jovem Franchesca já possuía 19 anos e tinha se tornado uma bela moça, a sua doce Josefa veio a falecer com uma morte súbita de um ataque cardíaco, o qual deixou esta jovem com o seu coração totalmente dilacerado.

Porém, Franchesca conseguiu uma força incrível das profundezas de sua dor, deixando o seu espírito tomar conta do seu ser e desta forma, tomou as rédeas do comando de sua vida e como uma grande missão quase religiosa, continuou o trabalho de cura com as plantas medicinais, prometendo no túmulo de sua avó que continuaria o seu trabalho de curar as pessoas com o conhecimento que tinha adquirido com ela. A jovem Franchesca fez essa promessa e jurou faria de tudo para honrar e nunca desapontar a linda herança que a sua doce Josefa tinha deixado como seu legado.

Quando o nosso querido carteiro Jonas, ou melhor dizendo, o nosso mensageiro da paz, surgia ao longe da estrada, ecoando com seu timbre de voz

inconfundível, com várias cartas em sua mão e outras tantas na sua pequena maleta de couro entrelaçada em torno do seu ombro, e com o rosto escorrendo suor, e que estes se confundiam com a expressão de felicidade e satisfação imensurável de trazer as boas novas, todos os moradores do vilarejo esboçavam uma reação de contentamento igual a felicidade de uma criança que brinca com o brinquedo que ela mais gosta.

Jonas sabia, que cada carta daquela era uma alento de amor e esperança dos entes queridos que estavam longe dos olhos, mas perto do coração. Ele se sentia um missionário, pois sabia que o seu trabalho resultava na maioria das vezes em uma renovação de fé e esperança para cada morador de Santa Luzia.

Quando as primeiras notícias da construção de uma ferrovia chegou através dos comentários de Jonas, os moradores do vilarejo ficaram divididos em seus sentimentos, pois a maioria comemoraram pelo progresso que teriam na região e a expansão dos negócios, mas por outro lado, outros colonos ficaram com um certo grau de preocupação, pois ninguém sabia ao certo onde a rodo ferrovia passaria. Infelizmente, a minoria estava certa, pois quando os primeiros trabalhadores da rodo ferrovia chegaram, foram logo derrubando todas as árvores que viam pela frente.

Um certo gringo, ou melhor dizendo, um americano chamado Dr. Simon era o dono da construtora e responsável pela obra dessa ferrovia. Com um olhar de poucos amigos, e com uma testa sisuda, apresentou-se no vilarejo, como o empresário que mudaria a vida de todos, o qual traria o progresso e o benefício que todos almejavam.

Devido ao seu sotaque, o som de suas palavras saiam de sua boca cheio de erres, tais como: (eu fazerrr, eu buscarr, e assim por em diante). Esta fala pode ter até impressionado muito moradores do nosso vilarejo, porém para o Pai da Franchesca e para o conselheiro Samuel, tinha algo muito estranho em tudo aquilo. Eles perceberam que este empresário, tinha um Leão de chácara, desculpe, este é o modo de dizer aqui no Sul, quando alguém possui um capanga ou melhor dizendo um segurança em seu lado, protegendo de tudo e pronto para cometer qualquer ato que o seu contratado queira.

Antigamente, eram considerados como matadores de aluguel, mas dizem que não existe mais isso hoje em dia, eu como um simples e humilde narrador, particularmente tenho as minhas dúvidas. Esse cão de guarda do Sr. Simon era conhecido como Tião, o qual dava medo só de olhar para ele. Muitos diziam que os

seus olhos, eram os próprios olhos do anjo da morte, mas aí eu fico com outra dúvida, quem ficou vivo para contar como era os olhos do anjo da morte?

Bom, voltando a falar do Dr. Simon, podemos dizer que esse homem era um capitalista nato, e que nada, absolutamente nada o deteria para atingir as suas metas e as suas cobiças financeiras. Cheio de hipocrisia, foi mostrando a sua verdadeira face de fascista, quando começou a invasão nas terras dos colonos, descumprindo todas as promessas que em outrora tinha feito. Começou derrubando árvores nativas da região, para dar espaço a sua linha férrea, sendo que o projeto era delimitado dentro do próprio vilarejo de Santa Luzia. O que antes era chamado de progresso, agora todos tinham percebido que era a destruição de seus lares e de seu cantinho mágico onde todos escolherem para viver.

Os colonos perceberam que o diálogo não seria a ferramenta de negociação entre esse gringo que era amparado pelo poder federalista e por nós, pequenos fazendeiros, porém grandes sonhadores.

Os pensamentos do Sr. Simon era proveniente do poder capitalista, o qual estava enalacrado em suas atitudes, pois eram endossados pelos grandes olhos azuis famintos que brilhavam pelo dinheiro sujo e cruel que vinha da destruição da nossa linda floresta, a qual chamávamos de grande mãe.

Quando a linha de trem chegou próximo de 5 km das casas do vilarejo, o líder comunitário o Sr. Samuel fez uma reunião com todos moradores e expôs o que poderia acontecer com o vilarejo Santa Luzia e tudo o que eles poderiam perder com a ferrovia, se a mesma passasse por dentro das terras daquela região, acabando não somente com as árvores, mas poluindo os rios e matando vários animais que dependiam daquela floresta.

Com esta fala incisiva, a reunião tomou proporções nunca vista antes, pois os pacatos colonos, ficaram com os ânimos exaltados e com uma ira incontrolável. Os fazendeiros já tinham percebido que não conseguiriam obter nenhum resultado através de uma negociação pacífica com o Sr. Simon, desta forma, resolveram aderir a uma forte resistência. Em outras palavras, vários gritos de ordem, respeito e principalmente de guerra foram ecoados na pequena praça do vilarejo. Com isso, os moradores da comunidade de Santa Luzia iriam para a guerra mesmo com pedras, paus e inchadas, mas que defenderiam as suas terras com o próprio sangue.

Nessa mesma reunião montaram a primeira estratégia de guerra, e concordaram que o elemento surpresa seria o grande triunfo de todos. Um dia

depois, na própria calada da noite, onde os raios lunares iluminavam a pequena picada na mata que dava acesso a estrada de ferro e ao próprio acampamento dos operários que trabalhavam na construção desta ferrovia, aconteceu a primeira batalha, a qual mais tarde chamariam de guerra do Contestado.

Com gritos de revolta e de rejeição, os bravos guerreiros camponeses expulsaram as dezenas de trabalhadores daquela obra considerada por muito como estrada do inferno. O pai de Franchesca fez parte desta batalha e contou para ela no outro dia várias e várias vezes e cada uma delas a sua história aumentava o seu heroísmo de grande guerreiro. Ela achava exagerado, porém ficava feliz em perceber a felicidade de seu pai em fazer parte daquela heroica resistência, a qual muito não saberiam, mas marcariam tragicamente a vida de todos.

Passado 1(um) mês, a falsa calma pairava no ar e a paz de uma vida tranquila e pacata voltava a reinar nos corações dos camponeses. Em certa tarde de outono, onde os ventos fortes empurravam as folhas secas que caíam dos velhos orvalhos, os quais decoravam a linda paisagem daquele vilarejo, uma certa nuvem de preocupação pairou sobre os pensamentos da jovem Franchesca, como um sinal divino, sentiu um arrepiou que estremeceu todo o seu corpo. A jovem camponesa nunca tinha sentido algo parecido como aquele, tirando é claro a sensação singular do vazio que sentiu quando a sua doce e amada Josefa partiu desse mundo para outro. Desta vez, Franchesca estava mergulhada em um balsamo de tristeza imensurável e totalmente inexplicável. Foi nessa mesma tarde, que a iluminada Franchesca escutou os primeiros tiros das espingardas dos soldados da federação e os terríveis gritos de dor dos seus queridos amigos.

Prontamente, o Sr. Adolfo pegou a sua filha pelo braço, deixando tudo para trás e levou ela as expressas para um pequeno casebre que ele tinha construído na sua adolescência com o seu falecido avó paterno.

A jovem estava muito assustada com tudo aquilo, porém ficou mais calma por estar em um lugar seguro e longe daqueles gritos horríveis e principalmente do forte barulho proveniente daqueles tiros que perturbavam a sua alma.

Quando as primeiras notícias chegaram ao vilarejo, foram simplesmente aterrorizantes, pois foi relatada pelo Sr. Samuel que várias vidas foram ceifadas, e que as maiores baixas eram dos queridos e valentes colonos. Com a garganta engasgada pelo choro reprimido, o líder comunitário disse que foi um verdadeiro massacre.

Por alguns instantes intermináveis, um sentimento de impotência tomou conta de todos. Eram crianças indefesas, sem pai e sem mãe ou qualquer outro parente próximo ou ainda, idosos que não tinham condições nem de reagir, somente de esboçar um choro mudo com um olhar de profunda tristeza.

Porém, aos poucos esse sentimento de sofrimento foi se materializando em uma grande explosão de revolta e com os olhos vermelhos oriundos de um ódio mortal, todos deram longos gritos de grande raiva cobertos pelo manto de uma vingança imaterial. A partir desse dia, os colonos montaram um grupo de combate, sendo que o líder era o Pai da nossa jovem Franchesca, o qual ficou responsável de montar estratégias de ataque. Talvez, a escolha do Sr. Adolfo como líder estrategista, se deu por ser considerado o maior caçador da região, sendo que ele não tinha nenhum orgulho desse título, por ser um homem pacífico, mas com um grande dom que só ele tinha. Dizia para todos, que só caçava para a sobrevivência de sua família e para ajudar a própria comunidade, mas por ele, preferia comer tudo aquilo que pudesse plantar ou pescar.

Mesmo tendo um coração bondoso e livre de qualquer maldade, o pai de Franchesca montou várias estratégias, as quais surpreendiam o alto escalão dos oficiais federalistas. Uma das estratégias mais ousadas, diga se de passagem para aquela época, foi a explosão em uma ponte férrea pela qual era levada mantimentos e armamento para os soldados, sendo que o autor dessa façanha foi o Sr. Gregori Kullack, um jovem alemão que se engajou nessa guerra considerada por muitos entre a briga de Davi contra Golias.

Essa explosão realizada pelo o Sr. Gregori atrasou por meses o avanço das tropas da federação, além da própria construção da maldita ferrovia que provocava tantas mortes. O lado triste para o jovem herói alemão, é que o mesmo foi capturado pelos soldados da federação e levado para a corte da província de Joinville no estado de Santa Catarina, onde foi julgado e condenado em primeira instância. Diz a lenda, que um jovem juiz reviu o seu caso e pediu para o mesmo oficializar a sua defesa, a qual não concedida no primeiro julgamento.

Com palavras carregadas de emoção e extremamente convicto de seus objetivos altruístas, esse jovem alemão conseguiu um parecer favorável da corte, pois os mesmos ficaram convencidos que as intenções do Sr. Gregori não era promover a guerra, mas simplesmente ajudar aqueles pobres colonos na proteção de suas famílias e nas suas próprias terras. Desta forma, esse alemão foi absolvido

e a sua história foi contado no folhetins da época, dando vazão maior ainda para a resistência dos colonos.

O jovem carteiro Jonas, infelizmente foi portador de uma notícia não muito agradável, pois o mesmo leu uma mensagem para os colonos, a qual foi escrita pelo próprio punho do General federalista que estava mandando milhares de soldados para a região e com o seu oficial mais experiente, conhecido como o implacável capitão Lesama, o qual tinha grande experiência em guerrilhas. Esse capitão montou uma grande armadilha para os colonos, pois simulou um desastre de carregamento de mantimentos e roupas, como tivesse as carroças quebrada no caminho e deixou os seus soldados escondidos, totalmente emprenhados no mato em pontos estratégico para um grande ataque. Quando a notícia chegou ao vilarejo, todos foram saquear as cargas, pois a fome já batia na porta de todos. Homens, mulheres e até crianças foram buscar os mantimentos e quando chegaram no local foram alvejados com balas de fusíveis de maneira cruel e imperdoável.

Ninguém foi capturado como refém, simplesmente foram presas fáceis de caçadores implacáveis e sem escrúpulos. Quando o capitão Lesama, constatou que existia no meio dos mortos mulheres e crianças, o mesmo ficou transtornado e com os olhos esmorecidos e mareados com as lágrimas que escorriam pela sua face, percebeu que aquela guerra não fazia sentido e de maneira contraditória aos seus princípios de oficial militar, usou a sua patente para sabotar vários ataques posteriores aos colonos, tentando dessa forma redimir-se de suas ações de guerrilha que assombravam os seus mais terríveis pesadelos.

Naquele instante ele percebeu que uma grande transformação em sua vida tinha acontecido, e com isso os seus sentimentos mais reservados vieram à tona, dando um novo sentido a sua própria vida. Tomado por uma força maior, escutou uma forte e alta voz vinda do interior de sua alma, como um grito de liberdade que anunciava a sua redenção a esse infecto mundo de guerras infundadas. Como participasse da sua última batalha, conseguiu a sua vitória pessoal, mudando a partir daquele dia desde a sua vida. Como o primeiro voo de um pássaro que deslumbra a imensidão de um grande céu azul, assim ficou o sentimento do redentor e antigo capitão Lesama, tomado por uma felicidade imensurável e totalmente transformadora.

Algum tempo depois, desertou de seu posto militar e foi realizar o seu sonho de ser um pequeno agricultor, onde as suas hortaliças e legumes eram o fruto do

seu amor pelo seu trabalho. A mãe natureza foi sua maior testemunha da metamorfose que ocorreu com este homem, pois o mesmo deixou a simplicidade tomar conta de sua essência, como uma linda flor que desabrocha em uma manhã de primavera e sente em suas raízes todo o vigor necessário e essencial de uma terra fértil, a qual nutre todos os sonhos de uma vida saudável e feliz, sempre com uma grande dose de esperança na evolução espiritual de cada ser humano, principalmente no benefício que ele pode fazer a si próprio e aos seus semelhantes.

O outro lado da nossa história começa a dar vazão no que muitas pessoas acreditam, que tudo na nossa vida possui um determinado destino de acontecimentos inevitáveis, ou pelo menos, que existe uma probabilidade de fatos que estão atrelados ao próprio destino de cada pessoa. Pelo certo ou pelo errado, um destes fatos aconteceu no meio de toda essa guerra. O jovem Ernesto era um soldado da federação, o qual era detentor de grandes convicções idealistas, as quais solidificavam a sua personalidade em uma crença dualista, isto é, os seus propósitos e os seus conceitos estavam acima de qualquer pensamento que pudesse contrariar a suas crenças nas normas militares, as quais ele foi doutrinado desde de cedo pelo seu pai que também foi um militar.

Ele acreditava que existiam apenas duas forças que moviam a ordem e a lei natural de uma sociedade. A primeira era condizente a todas as premissas que estavam interligadas a uma força justa e benéfica, a qual ele fazia parte, pois estava defendendo a sua pátria de todos que poderiam proporcionar alguma desordem nestes fatores primordiais e essência a conduta de uma sociedade organizada e normal. Por outro lado, o seu pensamento era contra tudo e todos que pudessem oferecer qualquer resistência ou que obtivessem um julgamento contrário as suas crenças e aos seus princípios mais fundamentais em sua vida.

Como esse soldado era dominado por todos esses princípios, seguia toda e qualquer ordem ao pé da letra, sabendo disso, o seu superior do seu pelotão disse ao mesmo que ele deveria caçar um animal silvestre, nem que fosse um pequeno macaco para que todos do pelotão pudessem se alimentar, sendo que todos soldados já estavam a pelo menos três dias sem comida. Ernesto, para mostrar a sua lealdade e acima de tudo a sua obediência militar, se prontificou para realizar esta missão. Porém, antes que o jovem soldado se embrenhasse na mata, seu superior disse em tom ameaçador que ele deveria voltar com a caça e se o mesmo não conseguisse não seria digno de ser considerado um soldado da federação.

Tomado por uma como grande comoção de valentia e determinação, o jovem soldado pegou a sua espingarda e o seu cantil de água e entrou a mata a dentro, com um só pensamento sem se preocupar de marcar as árvores ou o caminho que percorria. O fim do dia já está chegando, quando o sol começa a se por, quando Ernesto percebeu que está completamente perdido dentro daquela floresta que antes parecia tão amistosa e singela, mas que agora representava uma enorme ameaça a sua vida. Ele tinha treinamento em floresta, podemos dizer que até o exército contribui com essa parte, mas infelizmente, o pobre soldado não contava com os imprevistos que passaria.

Quando a noite fria chegou, e seus gritos chamando pelos seus amigos do pelotão ecoavam na floresta, Ernesto sentiu um medo de tal maneira, que nem os seus piores pesadelos de quando ele era criança refletia a sombra do que estava sentindo naquele momento. Com esse sentimento de isolamento que assombrava os seus pensamentos, o jovem soldado manteve-se acordado a noite inteira em cima de uma árvore, para que não fosse surpreendido por nenhum animal que pudesse atacá-lo. Já tinha amanhecido, quando o cansaço de uma noite em claro, batia a porta de seus olhos vermelhos de sono e com movimentos lentos, desceu da árvore e subitamente continuou a sua caminhada em uma trilha que nem imaginaria aonde daria.

Conforme ia andando, o sono e o cansaço mental do estresse se fortalecia e qualquer barulho que ouvia na mata, ficava em estado de prontidão, porém sem coordenação motora. Foi nesse “vibe” que o nosso inexperiente, mas valente soldado Ernesto escutou um barulho na mata, e com os olhos arregalados com medo de ser atacado por algum animal feroz, preparou a sua garrucha e quando foi apontar a mesma para o lugar que vinha o barulho, acabou disparando a mesma acidentalmente e atingiu a sua perna. Ficou com muita raiva, pois o terrível animal que achava que o atacaria, era simplesmente um pequeno tatu bola que percorria tranquilamente aquela mata.

Devido a este disparo, o qual causou uma dor insuportável, o mesmo utilizou o pouco de resto da água de seu cantil para aliviar a queimadura provocada pela pólvora que compunha a bala que o atingiu e amarrou a blusa de sua farda em sua perna para estancar o sangue que não parava de jorrar, manchando todo a sua roupa, deixando a mesma irreconhecível.

Com sono, dor e sem ter como pedir ajuda, continuou andando sem parar, quando alguns quilômetros para frente do ocorrido, acabou desmaiando à beira de um campo com várias flores de lavanda.

Em pleno devaneio, sentiu o seu corpo ser arrastado por uma maca improvisada com alguns pedaços de madeira, empurrado por uma pequena carroça e ao mesmo tempo, escutava o latido de um cachorro que orientava essa carroça para algum lugar. Devido a dor insuportável, ele não conseguiu sentir e ver mais nada. Nesta hora, várias lembranças de sua infância surgiram na sua mente como um passe de mágica, revivendo todos os momentos felizes e assustadores que toda criança passa quando está em plena fase de suas descobertas. Ernesto logo pensou, bom tenho duas situações a serem contempladas, a primeira é o meu subconsciente pregando uma pesa em mim, pois o que estou vivendo agora é um longo e profundo sonho. Mas, por outro ele ficou assustado, pois um forte pensamento de inexistência tomou conta do seu ser. O jovem soldado, estava acreditando que talvez tudo aquilo seria um ritual de passagem, pois a sua crença religiosa submetia que toda a morte era um longo sono, que somente o criador com os seus anjos poderiam devolver a vida e acorda-lo daquela incomoda escuridão.

Quando os seus olhos se abriram, ele ficou extremamente assustado e ao mesmo tempo feliz. Disse estou morto mesmo, porém estou no paraíso, o meu bondoso Deus me concedeu a graça que um anjo pudesse me acordar da escuridão e trazer-me para a luz. Gritou alto, obrigado senhor, muito obrigado senhor. Sou muito grato por este milagre, mesmo não sendo merecedor desta graça.

Ernesto ainda em estado de extasse, continuou falando e agradecendo a Deus, principalmente por ter colocado um anjo em forma de uma bela moça para cuidar dele. Quando o jovem soldado parou de agradecer e por um minuto ficou observando o próprio anjo que acreditava que estava na sua frente, uma sonora gargalhada foi dada pela aquela jovem mulher que tinha formato angelical. Ela com um lindo sorriso em seu rosto disse:

_ Eu...um anjo?

_ Nossa...quanta honra.

_ Percebo, que o senhor continua a delirar ainda.

E a risada daquela encantadora moça continuo por alguns minutos.

Ernesto, sem entender o que estava acontecendo ao certo, continuo a perguntar:

_Se tu não és um anjo, serás um demônio vestido de pele de cordeiro para assombrar a minha mente?

Com a voz mais suave que o som de harpas celestiais, a jovem moça disse ao jovem soldado.

_Eu sou uma simples camponesa, e mesmo o meu pai me chamando de anjo também, sou apenas uma moça que mora no campo.

Mas, ainda impressionado com o que estava acontecendo, Ernesto perguntou:

_Então, jovem camponesa, tu tens um nome para que eu possa dizer para todos qual foi o anjo que me salvaste?

Com um outro suave sorriso no canto da boca, a jovem camponesa disse ao soldado:

_O meu nome é Franchesca, o mesmo nome da minha bisavó italiana.

Com um encantamento em seu olhos e com os seus lábios um pouco secos, devido a sua timidez, o soldado continuava a sua fala.

_Que lindo nome Franchesca, eu sou o Ernesto,
Eu sou..., eu sou....

Naquele momento, o jovem soldado ficou sem saber o que falar, pois foi uma camponesa que salvou a sua vida e como ele poderia dizer que era um soldado da federação, a qual está em plena guerra com todos os colonos daquela região. Franchesca, achou um estranho ele demorar a responder o que ele fazia, mas não o criticou, pois sabia que a confusão mental poderia ser proveniente da grande perda de sangue que ele sofreu.

Ernesto, logo percebeu que Franchesca possuía movimentos um pouco lento e extremamente cuidadosos, e perguntou a jovem camponesa:

_Franchesca, por que tens tanto cuidado quando andas?

A bela jovem com um certo constrangimento, disse que não enxergava nada, que a sua visão era simplesmente um clarão em sua frente, mas a sua audição e o seu tato e olfato eram os seus próprios olhos. Rapidamente, Ernesto pediu desculpa a Franchesca, e com um certo constrangimento também, disse:

_ Jamais gostaria de te ofender com tal pergunta.
Mil desculpas por isso. Sou um grosseiro mesmo,

sinto-me envergonhado por isso.

Ainda com várias perguntas que perturbavam os seus pensamentos, o jovem soldado continuou a questionar Franchesca:

- _ Como você conseguiu saber que eu estava na mata?
- _ Como você me trouxe até aqui?
- _ Que remédio você me deu?

Franchesca calmamente respondeu todas as suas perguntas, sempre com um belo sorriso em seu rosto.

- _ Ernesto, o meu cachorro Fred começou a latir, e ele Sempre me avisa quando alguma coisa está errada, principalmente quando ele fica impaciente.
- _ Ele te farejou e me levou até você, simples assim.
- _ Fiz uma maca com alguns pedaços de pau e uma colcha velha, e preendi a mesma na carroça, até trazer o Sr. na minha cabana e fazer os devidos curativos médicos. E durante dois dias, o Sr. Ficou com muita febre e delirou muito, dizendo palavras e frases sem nexos.
- _ Principalmente sobre a guerra. Creio eu que deve ser essa lamentável guerra do Contestado?

O jovem soldado ainda abalado com tudo aquilo que acabará de saber, principalmente da jovem heroína cega que o ajudou, salvando-o da própria morte, disse:

- _ Por favor Francesca, não precisa me chamar de senhor, pois acredito que temos quase a mesma idade.
- _ Chame apenas pelo meu nome, Ernesto.
- _ E acima de tudo, serei eternamente grato por tudo o que fizeste por mim, principalmente por ter me resgatado do vale da morte, pois pensei que não habitaria mais esse corpo, e a maior felicidade que tive recentemente, foi de acordar depois deste sono da morte e ver um anjo celestial em minha frente.
- _ Sobre a guerra, a qual mencionei, é por que sou um grande vendedor, o qual foi atacado injustamente pelos soldados e lamentavelmente surrupiaram todas as

minhas mercadorias. Como tenho apreço pela minha vida, sai correndo do local que fui aprisionado, e alguns metros depois senti uma forte dor em minha perna, entrei na mata adentro sem rumo, totalmente perdido, quando tinha percebido que tinha levado um tiro. Aclamei aos Deus que alguém me ajuda-te e o bom Senhor, me enviou o melhor dos seus anjos.

_A qual eu tenho a honra de chamar de Santa Franchesca.

A jovem camponesa ficou com as suas bochechas do seu rosto na cor roseadas, pelos elogios galanteador de Ernesto. Como Franchesca, foi criada sem malícia ou com qualquer ensinamento que pudesse destorcer qualquer comentário, ou ainda, pudesse criar um determinado julgamento sobre as atitudes ou fala das pessoas, a mesma, prontamente acreditou na história mentirosa que o jovem soldado Ernesto tinha contado. Franchesca, passou vários dias na cabana com esse rapaz, alimentando-o e trocando os seus curativos. Mas uma vez, Ernesto questionava a habilidade dela em saber qual erva, ou melhor dizendo, qual planta que ela usava, para cicatrizar e tirar aquela dor, a qual a cada dia diminuía cada vez mais.

_ Franchesca, como sabes tanto?

_ Como sabe qual planta medicinal a ser usada?

_ Como entende a hora certa de colher a mesma, para preparar tal remédio, se não consegue enxergar?

A jovem camponesa, lembrava neste exato momento, o que a sua doce vovó Josefa comentava. E como um pensamento em voz alto, disse a Ernesto:

_ Cada planta tem a sua essência, tem o seu aroma, tem a sua sensibilidade, tem a sua intensidade, e principalmente o seu tempo de cura.

Sem entender nada, Ernesto ficou momentaneamente em silêncio tentando compreender aquela fala, mas o silêncio tomou conta da pequena cabana.

Passado um certo tempo, o jovem soldado, ou melhor dizendo, o falso cacheiro viajante, vendedor de bugigangas, voltou a perguntar a jovem Franchesca:

_ De certo não moras sozinha?

_ Quem te faz companhia?

Com um tom de orgulho em sua voz, a jovem camponesa mencionou que o seu amado pai era a sua família, e que infelizmente a sua doce e amada avó Josefina, a qual todos chamavam de Josefa não estava no espaço da matéria física, mas ocupava agora um grande lugar de destaque no mundo espiritual. Ernesto por sua vez, a questionou:

_ Creias em vida após a morte?

E novamente, com o sorriso entre seus lábios, explicou carinhosamente o seu entendimento sobre vida e morte, ao jovem Ernesto:

_ Te respondo a essa indagação, com outra.

_ O que é morte para ti, meu querido Ernesto?

O jovem rapaz, ficou sem palavras para responder tal questionamento, pois não pensava na retórica da pergunta. Novamente, Franchesca perguntou?

_ Então me responda, o que é a vida para ti?

_ O que é estar vivo?

Ernesto, rapidamente respondeu com um tom até debochado:

_ Franchesca, esta pergunta é óbvia.

_ Estar vivo é poder andar, comer, beber, etc.

A jovem camponesa, com um ar de surpresa no comentário de Ernesto, disse:

_ Eu esperava uma explicação mais profunda e ao mesmo tempo mais simples de ti, principalmente, pois tu és um cacheiro viajante.

_ De certo, deve ter várias histórias para contar, vários fatos que observou neste mundo do nosso querido e amado pai celestial.

Ernesto, ficou completamente atônito com as surpreendentes observações da jovem camponesa, e confessou a mesma, que não teria uma resposta adequada para dar a ela naquele momento, mas estava disposto a escutá-la e aprender tudo o que fosse necessário para tentar compreender os seus pensamentos e a maneira que ela observa o mundo, principalmente por ter uma determina limitação física.

A iluminada e sábia Franchesca, com o som de sua voz em tom quase sussurrante, comentou ao jovem Ernesto:

_ Meu querido amigo, a morte não é o fim e a vida não é o começo, pois elas se fundem como passagem de processos transitórios entre os mundos, para que

possamos compreender e ao mesmo tempo, evoluir o nosso espírito em uma grande metamorfose energética, a qual preenche as lacunas que ficam abertas em cada processo desta energia quando se materializa. Não existe o certo ou o errado, existe o livre arbítrio, pelo qual temos o direito de aceitar ou não ou mesmo que querer compreender as premissas que somos submetidos quando estamos ocupando esse pequeno espaço tempo que temos neste mundo.

- _ Entenda que você será o seu principal advogado, seja de defesa ou de acusação, pois somente a sua consciência poderá te condenar, colocando um homem em cárcere privado, estando em pleno gozo de sua liberdade.
- _ Da mesma forma vejo o comportamento das plantas, em especial as plantas medicinais como verdadeiros mestres da vida, sendo que cada uma delas possui a sua própria metamorfose espiritual, demonstração desta forma, o entendimento de sua própria existência no mundo e acima de tudo, nos ensinando que o verdadeiro amor é a forma mais pura de atingirmos o ágape da vida dos seres do nosso e de outros universos.

Sem palavras, o silêncio voltou a reinar naquele instante. Porém, totalmente confuso e atordoado com tantas informações, o jovem soldado ficou em um caldeirão de sentimentos que remeteram a várias lembranças da sua própria infância, e com uma força sobrenatural, foi acometido por um sentimento que nunca sentiste antes. Lágrimas escorreram sobre a sua face e com uma respiração rápida e totalmente profundas, disse a jovem Franchesca:

- _ Não sei o que você fez, não conheço essa magia moça, mas você provocou em mim algo que não consigo compreender, pois estou ao mesmo tempo impactado com tudo isso, mas com a minha alma leve. Estou pronto para voar, provavelmente estou insano, pois nem asas tenho. O que fizestes comigo Franchesca?

A bela camponesa tinha simplesmente plantando naquele jovem rapaz, a semente da dúvida, proporcionando a ele o sabor da essência vital, onde tempero da existência do pensamento natural, sendo que este, está condicionado a desconstrução dos paradigmas metodológicos e atrelados a reconstrução da sua verdadeira essência humana. Que o verdadeiro conhecimento, está dentro de cada um de nós.

Um dos exemplos mais eficazes para essa compreensão, vinham do próprio cunho vegetal, onde as plantas respeitam o processo natural. As plantas, e em especial as plantas medicinais, possuem a sua metamorfose em um processo de triabilidade, sendo a sensibilidade o seu despertar para a própria vida, apoderando-se de toda a sua vitalidade e beleza de fazer parte do meio. A intensificação por sua vez, está submetida a uma força de determinação ao próprio consciente de sua existência, onde a planta busca a sua energia de revitalização, tendo como premissa fundamental a persistência de sua continuidade. E como um tripé existencial, essa mesma planta possui o entendimento que cada uma delas, possui independente da outra, o seu tempo de despertar, isto é, cada uma tem a sua ritmicidade de compreensão e maturidade.

O seu crescimento não é simplesmente um processo cronológico, mas um conjunto desses fatores que permeiam entre a sua existência ao meio e seu significado de funcionalidade terapêutica, a qual religiosamente poderíamos designar como uma “missão”, ou melhor dizendo, um propósito da sua existência espiritual.

Enquanto os dias passavam da mesma forma que uma determinada estação muda para outra, os dois jovens criam mais apreço um pelo outro, e uma vontade de estarem juntos crescia de maneira exponencial. Mas, os conceitos formais, éticos e morais da época limitavam uma aproximação um tanto mais carnal, pois o pai de Franchesca continuava nas trincheiras daquela guerra que parecia não ter mais fim.

Numa bela tarde, o cachorro de Franchesca latiu de maneira constante, anunciando ao longe a esperada e ansioso retorno de seu pai. Gritos de felicidade ecoaram ao longe, entre aquele amor sublime de pai e de filha. Porém, somente um fato abalou aquela contagiante felicidade. O jovem Ernesto apareceu na porta da cabana, com um sorriso amarelo e elevou a sua mão para cumprimentar Adolfo, sendo que o mesmo prontamente apontou a sua velha garrucha e com os dentes rangendo de raiva, disse aquele assustado jovem:

_ Se você der mais um passo próximo da minha filha, eu te mando para a terra dos pés junto.

Subitamente, Franchesca ficou entre seu pai e Ernesto, dizendo a ele que não atira-se pois aquele jovem era simplesmente um cacheiro viajante que foi atacado pelos soldados da federação, e que ela tinha o ajudado. Tendo escutado isto, rapidamente Adolfo baixou a sua arma e pediu desculpa ao amedrontado Ernesto.

Franchesca contou todos os acontecimentos que o jovem rapaz tinha passado, e Ernesto por sua vez, baixava a sua cabeça e tentava disfarçar o seu comportamento inquieto, pois a culpa que carregava na sua consciência pela mentira que contou Franchesca de seu verdadeiro ofício, deixava-o aprisionado nos seus sentimentos mais aterrorizantes que uma pessoa possa ter. Por outro lado, Adolfo simpatizou-se com aquele jovem rapaz e até agradeceu a sua presença, pois vez companhia a sua doce Franchesca, enquanto ele estava travando as piores batalhas daquela imunda guerra, assim dizia o pai de Franchesca.

No outro dia, Adolfo resolveu voltar com a sua filha e o jovem Ernesto ao vilarejo de Santa Luzia. Com uma certa alegria em rever alguns de seus amigos, dentre tantos que a brutal guerra tinha levado a morte, Adolfo apresentou o jovem rapaz a todos, e rapidamente Ernesto conseguiu a empatia dos colonos, pois a sua fala era agradável e trazia em suas palavras um grau de familiaridade, deixando a sensação que sempre pertenceu aquele pequeno vilarejo.

Dizia a todos, que a sensação que ele tinha, era como as histórias da sua infância tivessem em cada cantinho daquele lugar. Ernesto, mesmo no fardo de sua mentira, não tinha percebido que um sentimento de cordialidade e de amor por todos aqueles colonos já tinha aflorado dentro dele, principalmente pela linda Franchesca, onde o seu coração estava totalmente arrebatado pela aquela encantadora camponesa.

Com um certo entusiasmo, Adolfo convidou Ernesto a morar com ele e sua filha na pequena casa que possuía no vilarejo, porém teria que respeitar a sua filha em todos os sentidos. Adolfo fez o jovem fazer uma promessa, de cuidar de sua filha se algo de ruim acontece-se com ele naquela interminável guerra.

Ernesto subitamente, com os pulmões cheio de ar e transpirando confiança de responsabilidade, prometeu que defenderia a Franchesca com a sua própria vida, pois a mesma, milagrosamente trouxe ele do mundo dos mortos e seria um dever

sagrado cumprir essa missão. E assim, longos dias se passaram, pairando no ar um certa tranquilidade aparente.

Em certo dia, um andarilho chegou no vilarejo de Santa Luzia. Tinha um olhar tranquilo, uma voz com uma ronquidão e uma barba que parecia de papai Noel, só não era igual, pois o mesmo era muito magro, diga-se de passagem, muito magro mesmo. Esse andarilho tinha um sorriso no canto da boca, o qual representavam todo o seu carisma.

As suas palavras eram doces como um favo de mel, pois as suas mensagens eram carregadas de emoções e significados que remetiam aos nossos mais profundos sentimentos. Ele dormia na marquise da igreja, e como todos tinham um coração generoso, nunca deixando de faltar um prato de comida e água fresca para ele beber. Em forma de retribuição, o andarilho recitava poemas em forma de oração e de maneira sutil deixava no final de cada estrofe sempre uma mensagem espiritual com uma profundidade singular.

Em muito pouco tempo aquele homem passou de um simples andarilho para um missionário religioso, ou melhor dizendo, o messias “João”, mas como é costume no Sul do país, o nome antecede a função ou denominação, logo todos chamavam de “João Messias”

Como todos escutavam as suas mensagens e ao mesmo tempo solicitavam os seus conselhos, o João Messias, conseguiu exercer uma grande liderança sobre os moradores do vilarejo, sendo que o mesmo, disse que a guerra do Contestado era mais uma Guerra Santa do que uma questão política socioeconômica.

Com conselhos de guerreiros do apocalipse, o João Messias conseguiu convencer os colonos que a missão deles eram de defender as suas terras a qualquer preço, pois a luta que eles estavam inseridos eram de concepção religiosa, e que Deus estaria do lado daqueles que respeitassem os seus princípios religiosos. Todos aqueles que fossem contra esses princípios, deveriam ser eliminados, pois não estariam debaixo da graça celestial.

Em contra partida, aqueles que sacrificassem em defesa desse princípio religioso, teriam todos as bênçãos divinas e o paraíso seria a sua morada eterna.

Com um discurso incisivo desses, o João Messias conseguiu motivar os colonos para lutar de todos as maneiras nem que fosse com paus e pedras. Infelizmente, essa motivação para a guerrilha sem uma estratégia ou sem uma

técnica adequada, provocou uma grande chacina, onde vários inocentes morreram por acreditar com uma salvação eterna, por pura fraqueza emocional.

Quando o João Messias, tomou consciência do que tinha provocado por suas mensagens religiosa provocativas, incentivando a essa guerra Santa que só existia em sua cabeça, o mesmo não suportou tanta pressão interpessoal, e acabou tirando a própria vida, com o seu enforcamento na própria pracinha do vilarejo.

Naquele dia, muito moradores ficaram totalmente perdidos sem saber o que iriam fazer nessa maldita guerra. Neste momento, o pai de Franchesca tomou novamente a liderança daquele movimento de resistência e convocou uma nova reunião com outros moradores de outras regiões próxima ao vilarejo, para preparar um novo ataque.

Com uma grande movimentação e concentração de todos os colonos da regiões que compunham aquele grande vale, os mesmo estavam dispostos a dar um fim naquela terrível guerra. Palavras de ordem, voltaram a ser ecoadas no vilarejo e desta vez o sentimento não era de guerra, mas de uma compaixão por tudo o que eles já tinham passado, por todos aqueles que perderam as suas vidas por um pedaço de terra. Surgia naquele momento, uma luz de esperança em cada olhar daqueles colonos, pois a paz era um sentimento compartilhado entre todos.

Adolfo, como um grande líder resolveu fazer uma bandeira branca, carregando a mesma com os punhos cerrados, e convocando a todos os colonos que fossem ao acampamento da ferrovia para demonstrar que aquela bandeira não era apenas uma sinal de trégua, mais uma oportunidade para a reinar a paz e o amor entre os homens. Embalados com as melodias do acordeom do Sr. Giusepe, e com cantigas italianas que mencionavam a alegria pela vida, chegaram ao acampamento da ferrovia.

Rapidamente, o Dr. Simon com o seu segurança Tião saíram das instalações que estavam juntamente com todos os soldados da federação, e com a testa sisuda que era sua marca registrada. Disse em um tom bem alto com a sua voz carregada de ódio aos colonos:

_ O que querem aqui seus miseráveis e infectos seres
desprezíveis?

Com o olhar de extrema compaixão pelos seus irmãos colonos, Adolfo humildemente disse ao Dr. Simon:

_ O senhor tenha calma, queremos encontrar uma

solução para essa guerra, a qual ninguém aguenta mais. Somos filhos do mesmo criador, no fundo somos irmão de um único pai, o qual não nos ensinou a digladiar-nos, mas mandou seu único filho abençoado para ensinar que devemos amar uns aos outros, como ele nos amou.

O segurança Tião, falou para o Dr. Simon que tudo aquilo ali, que toda aquela fala era uma verdadeira balela. Que na verdade, era um truque, ou melhor dizendo, uma estratégia de contra-ataque. Neste momento esse matador de aluguel sacou a sua arma e pediu que todos os soldados fizessem a mesma coisa.

Ainda com a bandeira branca empunha em suas mãos, Adolfo disse para os colonos que ninguém reagisse as provocações daquele homem. Escutando aquelas barbárie, Franchesca foi à frente de seu pai e disse ao Dr. Simon e todos aqueles soldados que estavam assustados com a possibilidade do confronto.

_ Eu me chamo Franchesca.

_ Sou filha de um colono, o qual me ensinou juntamente com a minha saudosa avó Josefa, que o verdadeiro caráter de uma pessoa está em suas palavras e principalmente em seus atos. Se o meu pai disse que todos nós queremos dar um fim nessa guerra, e acima de tudo que a paz deve ser a nossa verdadeira vitória, então meu bom senhor, acredite na palavra deste homem. Somos pessoas humildes e trabalhadoras, as quais só desejamos ter o nosso lar e um pedaço de terra para plantar e viver a nossas vidas em paz.

Com os olhos cheios de lágrimas, o Dr. Simon agradeceu aquela jovem camponesa e disse que nunca tinha conhecido em sua vida, uma mulher com tal coragem e determinação, e acima de tudo com um coração de uma verdadeira guerreira da paz.

Infelizmente, por um maldito destino da natureza, alguém entre os colonos, não se sabe quem, disparou acidentalmente para o alto aquela enferrujada garrucha. Quando o som daquela bala ecoou aos céus, prontamente o segurança Tião disse aos soldados:

_ É uma armadilha!

_ Atirem à vontade!

_ Matem todos!

Lamentavelmente, o tiroteio foi para todos os lados, e com um grande pesar em minha alma de narrador desta história, sinto informar que a nossa bela e adorável Franchesca foi alvejada com vários tiros, juntamente com o seu pai e centenas de camponeses. Um rio de sangue correu naquela terra onde os sonhos com as ambições se confrontavam por dias melhores. E no final quem saiu ganhando, simplesmente ninguém. Porque a morte é um processo natural, mas a violência, essa maldita violência, pertence somente ao animal mais irracional que conhecemos, o próprio ser humano.

É certo, que o próprio ser humano pode desenvolver habilidades imagináveis e demonstrar afetos com uma amorosidade quase celestial, a partir do momento que ele se permite amar a si próprio e ao seu próximo.

Mas, você deve estar se perguntando sobre o jovem soldado Ernesto, o que aconteceu com ele?

Naquele dia que houve a reunião, onde todos tomaram a decisão de falar com o construtor da ferrovia, isto é, o Dr. Simon, onde ocorreu a trágica batalha, a qual já mencionei anteriormente, o nosso jovem soldado não estava presente entre aqueles colonos.

Ernesto tinha voltado a cabana na floresta, para pegar algumas plantas medicinais que Franchesca tinha solicitado, sendo que estas, seriam usadas para preparar um remédio para curar a cólica de um pequeno bebê no encantado vilarejo de Santa Luzia. No caminho de volta, Ernesto viu um duas coisas que chamaram muito a sua atenção.

A primeira foi uma linda pedra azul, a qual ele rapidamente identificou como uma pedra preciosa. Essa pedra tinha um formato todo especial e brilhava muito, assim como todas as ações amorosas que a nossa doce Franchesca nos ensinava. Continuando a sua caminhada em retorno ao vilarejo, Ernesto pode observar uma linda e encantadora flor que remetida, a suavidade da nossa adorável camponesa. Sem pensar duas vezes, ele arrancou com todo cuidado aquela flor do chão, e pensou em presentear a sua amada Franchesca.

Quando o nosso querido Ernesto chegou ao vilarejo, e soube do ocorrido, deixou as suas plantas, flor e pedra no chão e rapidamente foi ao encontro de sua encantadora camponesa, a qual estava infelizmente morta no seu corpo físico, tendo

como uma herança maldita daquela guerra, toda a sua roupa manchada de sangue, pela própria estupidez mortal.

Com um choro que vinha das profundezas de sua alma, Ernesto carregou o corpo de Franchesca e enterrou no mesmo lugar onde outrora ela tinha encontrado ele desfalecido.

Com uma cruz de madeira branca, colocou sobre o seu túmulo a bela flor que tinha achado na floresta com a brilhante pedra de jasmim que Ernesto pensava em um dia fazer um anel de casamento para a sua amada Franchesca.

Tomado por um uma dor imensurável e ao mesmo tempo, com um sentimento de gratidão, por Deus ter colocado em seu caminho aquela jovem que simplesmente mudou a sua vida, transformando-o em uma pessoa melhor e acima de tudo, descobrindo que o verdadeiro amor tem o poder de mudar o próprio impossível.

Com os olhos esmorecidos pelas suas lágrimas que saem de sua alma e com a voz tremula, porém determina a realizar a última homenagem a sua doce Franchesca, o nosso querido Ernesto recita a seguinte poesia para a sua amada:

FLOR DE SAFIRA

_ Com a suavidade de uma brisa, deslumbra o manto
Sagrado que reveste a sua alma...

_ Na imensidão da noite, contempla a solidão de seus pensamentos...

_ Com a sabedoria de uma águia, se faz presente, mesmo estando
ausente...

_ A doce face, oculta o próprio inegável, pois os seus olhos revelam a
tristeza que permeia sobre as lembranças de sua infância ...É o fim?

_ O retrato é um simples enfeite...a sua dor é a imagem mais
presente...

_ A cada sorriso uma lágrima...mistura-se sentimentos com poesia...o
que mais eu diria...

- _ Na sombra dos seus desejos, busca o Além..., procura, mas não o encontra...rasteja sobre a sua própria ganância...de ter tudo aquilo que não desejas.
- _ És flor, és pedra, joia rara...amas e deixa amar...dá mais elevada pureza...devaneia na própria ilusão de suas certezas.